



Leonel de Moura Brizola

1922 - 2004

Editorial

*Na semana passada, testemunhamos multidões saindo às ruas, no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, para reverenciar Leonel de Moura Brizola. Trata-se, sem dúvida, de um fato político e social que merece uma reflexão mais aprofundada. Este é o objetivo do boletim **IHU On-Line** desta semana. Com grande competência, a equipe de comunicação do Instituto Humanitas Unisinos, mudando a pauta preparada anteriormente, buscou auxiliar na compreensão de um período importante da vida política brasileira: o período Vargas, Jango Goulart, a cadeia da legalidade, o trabalhismo, o chamado populismo. Nesta tarefa, nos ajudam as entrevistas com historiadores e sociólogos como Jorge Ferreira, Gunter Axt da PUC-RS, Maria Celina D'Araujo, da UFF e do CPDOC/FGV, João Trajano Sento-Sé da UFF, Luiz Alberto Moniz Bandeira e Cristovam Buarque. Também entrevistamos os jornalistas Flávio Tavares e Paulo Markun, além de outras pessoas que conviveram com Brizola como Sereno Chaise, Flávia Schilling e João Aveline.*

*Este boletim constitui-se, assim, num interessante subsídio para o seminário **A Era Vargas em Questão**, que se realizará nos dias 23 a 25 de agosto de 2004, aqui na Unisinos, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos –IHU – e pelo PPG em História*

da Unisinos. A divulgação do evento atrasou por causa da longa negociação para a confirmação da vinda de Leonel Brizola para testemunhar sobre Getúlio Vargas por ocasião do 50º aniversário da sua morte.

Ainda neste número, reproduzimos uma longa entrevista, na editoria *Análise de Conjuntura*, de Cristovam Buarque concedida à Agência Carta Maior. A sua publicação na semana da morte de Brizola ajuda a compreender melhor o Brasil no início deste novo século, após Getúlio, Jango e Brizola.

A todos e todas uma ótima leitura e uma excelente semana!

LEONEL DE MOURA BRIZOLA

BIOGRAFIA

As informações sobre a vida e a obra de Leonel Brizola que apresentamos a seguir, podem ser complementadas nos sítios <http://busca.estadao.com.br/agestado/noticias> e <http://www.cati.com.br/noticia.asp?CodNotic=308>

A notícia de sua morte

O presidente nacional do PDT, Leonel Brizola, morreu na noite do último dia 21 de junho de 2004, aos 82 anos, de enfarte. Ele estava internado no Hospital São Lucas, em Copacabana, bairro onde morava no Rio de Janeiro. Brizola teve uma infecção pulmonar e foi submetido a uma bateria de exames. Por volta das 18 horas, quando já estava liberado, o ex-governador do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul teve uma parada cardiorrespiratória e foi transferido para a emergência, onde recebeu sedativos. Os médicos, então, passaram a lutar para reanimá-lo, mas Brizola não reagiu.

O diretor da Unidade Cárdio-Intensiva do Hospital São Lucas, Marcos Batista, informou que a morte de Brizola ocorreu às 21h20min. O médico contou que, durante a tentativa de reanimar o ex-governador, ele recebeu um marcapasso. E confirmou a causa oficial da morte: enfarte agudo do miocárdio.

O corpo do ex-governador do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, foi enterrado dia 24 de junho em São Borja, na fronteira oeste do Rio Grande do Sul. A cidade parou para acompanhar o cortejo que saiu da Igreja Matriz de São Francisco de Borja, no centro. O povo seguiu a pé o cortejo por quase cinco quilômetros até o cemitério Jardim da Paz. Não houve cerimônias oficiais, somente alguns pronunciamentos de autoridades do Estado e companheiros políticos que falaram sobre o líder trabalhista.

Brizola foi sepultado no jazigo da família, onde já estavam sua mulher Neuza Goulart Brizola e o ex-presidente João Goulart.

Leonel Brizola, um político radical e apaixonado

Crítico, combativo, radical, exatamente como era já nos idos de 1945 - ele tinha então 23 anos - quando entrou no recém-fundado Partido Trabalhista Brasileiro e mergulhou de cabeça na causa do trabalhismo, pregada por Getúlio Vargas.

E antes não tinha sido diferente. Nascido de família humilde, o pequeno Leonel bem cedo trabalhou como engraxate e ascensorista e batalhou muito, depois, para completar o curso de engenharia em 1949. Mas foi um misto de radicalismo e valentia que fez dele uma figura nacional.

Embalado nas campanhas do PTB gaúcho, foi deputado federal em 1954. No ano seguinte, prefeito de Porto Alegre, e em 1958, aos 36 anos, elegeu-se governador do Rio Grande do Sul.

Do Palácio Piratini para o palco da política nacional foi um simples passo

O País vivia, a meio caminho do governo de Juscelino Kubitschek, um intenso debate entre nacionalismo, mais à esquerda, e um modelo econômico liberal, pró-americano, à direita. O engenheiro, como começavam a chamá-lo, simplesmente estatizou empresas multinacionais e começou um processo de reforma agrária.

A renúncia de Jânio Quadros, em 1961, o levou a criar e comandar uma "cadeia da legalidade" para garantir a posse do vice-presidente João Goulart, que os militares da época não aprovavam. Microfone na mão, voz dramática, ele falava em patriotismo e desafiava os militares. Pregava em comícios e auditórios em defesa das chamadas reformas de base.

Modelos

Em 1962, foi o deputado mais votado do País, pelo Rio de Janeiro. Ele, do PTB, de um lado, e Carlos Lacerda, do outro, pela UDN, travaram uma batalha histórica em torno de um modelo para o Brasil. Lacerda e os militares venceram, em 1964, e Brizola foi cassado.

Exilado no Uruguai, foi de lá expulso em 1977, indo viver nos Estados Unidos e depois em Portugal. Sua volta ao País, com os anistiados de 1979, foi marcada por um trauma: a sigla PTB foi "tomada" dele, na reorganização partidária de então, por Ivette Vargas, e lhe restou fundar um novo partido, o Partido Democrático Trabalhista, PDT.

Pelo PDT, ele governou por duas vezes o Rio de Janeiro, em 1982 e em 1990. Tentou duas vezes a Presidência, perdendo para Fernando Collor em 1989 e para Fernando Henrique Cardoso em 1994. Amargou uma terceira derrota em 1998, como vice de Luiz Inácio Lula da Silva. Restavam-lhe o prestígio internacional, como militante da Internacional Socialista - da qual ainda era vice-presidente - e a amizade com figuras como Mário Soares, Felipe Gonzalez e outros líderes.

Nos últimos dez anos, seu PDT perdeu espaço na esquerda nacional, e ele passou a criticar Lula e o PT.

Saiba mais sobre Brizola

Leonel de Moura Brizola nasceu em 22 de janeiro de 1922 no povoado de Cruzinha, que pertenceu a Passo Fundo (RS) até 1931, quando passou à jurisdição de Carazinho (RS). Seu pai, o lavrador José de Oliveira Brizola, morreu na Revolução Federalista de 1923, lutando nas tropas de Joaquim Francisco de Assis Brasil, que combatiam os republicanos de Borges de Medeiros.

Alfabetizado por sua mãe, Oniva de Moura Brizola, começou na escola primária em 1931, em Passo Fundo. Em 1936, matriculou-se no Instituto Agrícola de Viamão, perto de Porto Alegre, formando-se técnico rural em 1939. Nessa época, trabalhou como graxeiro numa refinaria em Gravataí (RS). Embora de origem católica, Brizola deixa transparecer outra marca do passado: a influência do pastor metodista Isidoro Pereira. Ainda adolescente, Brizola morou na casa de Isidoro durante dois anos. Chegou a fazer pregações na igreja do pastor. "As falas do Brizola são recheadas de imagens rurais, de inspiração bíblica. Ele fala através de parábolas", comenta o vereador do PSB Saturnino Braga, ex-prefeito do Rio. Ante eventuais contestações ao domínio que exercia no PDT, Brizola costumava utilizar uma de suas imagens favoritas. Dizia que os dissidentes estão "costeando o alambrado" referência aos bois que estão prestes a ultrapassar as divisas de uma fazenda. Isidoro significou para Brizola o acesso a um conhecimento mais cultivado.

Em 1940, mudou-se para Porto Alegre e obteve emprego no serviço de parques e jardins da prefeitura. Para continuar seus estudos, matriculou-se no Colégio Júlio de Castilhos para fazer o curso supletivo. Em 1945, começou a cursar engenharia civil na Universidade do Rio Grande do Sul, formando-se em 1949.

Em 1º de março de 1950, Brizola casou-se com Neuza Goulart, irmã do então deputado estadual João Goulart. O casal teve três filhos: João Otávio, José Vicente e Neusa, que lhes deram oito netos. O padrinho do casamento foi o próprio Getúlio Vargas, que, em 3 de outubro, foi eleito presidente da República. No mesmo pleito, Brizola foi reeleito deputado estadual. Em março de 1951, Brizola tornou-se líder do PTB na Assembléia Legislativa e pouco depois se candidatou a prefeito de Porto Alegre. Perdeu o pleito, em 1º de novembro, por pouco mais de 1% dos votos.

Em 1952, foi nomeado secretário de Obras do governador Ernesto Dornelles (PTB). Dois anos depois, foi eleito deputado federal pelo PTB em outubro de 1954. Tomou posse na Câmara em 1955, mas ficou pouco tempo na Casa: em outubro de 1955, foi eleito prefeito de Porto Alegre. Sua gestão foi marcada pela construção de escolas primárias e melhoria dos transportes coletivos na cidade.

Em outubro de 1958, foi eleito governador gaúcho, com mais de 55% dos votos. Empossado em janeiro de 1959, criou a Caixa Econômica Estadual e adquiriu o controle acionário do Banco do Rio Grande do Sul. Criou a Aços Finos Piratini e a Companhia Rio-Grandense de Telecomunicações e pressionou o governo federal a instalar uma refinaria no Estado. Encampou a Companhia Telefônica Rio-Grandense, uma subsidiária da ITT. No setor de educação, construiu 5.902 escolas primárias, 278 escolas técnicas e 131 ginásios e escolas normais.

Em 1960, apoiou as candidaturas do general Henrique Lott (PSD) à Presidência e de João Goulart (PTB) para vice. Lott perdeu, mas Goulart foi eleito vice de Jânio Quadros.

BRIZOLA BUSCAVA UM SOCIALISMO ADAPTADO À CULTURA BRASILEIRA

Entrevista com João Trajano Sento-Sé

Cientista político e professor na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), João Trajano observa que foi Brizola, com o novo trabalhismo, quem introduziu no discurso dos partidos as questões relativas ao negro, aos índios e à mulher. Na época, chegado do exílio, Brizola buscava construir um “socialismo moreno” – na expressão forjada por Darcy Ribeiro – resgatando os valores positivos da nossa história republicana e somando-os às proposições socialistas de militantes de esquerda, muitos deles também voltando do exílio. As preocupações com as minorias, hoje lugares-comuns, foram incorporadas pelos demais partidos. Com destaque para o PT cujo líder, Lula, o professor carioca arrisca-se a apontar como o herdeiro de Brizola. Na sua opinião, o populismo representa “um dos maiores equívocos conceituais da história do pensamento latino-americano”, incapaz de explicar a complexidade do brizolismo, de quem ele é um estudioso. A entrevista de João Trajano foi concedida por telefone. Ele é *graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Obteve o título de mestre em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), com a dissertação “Estado, Sociedade e a Inteligência Nacional”. É também mestre em Comunicação pela UFRJ, com a dissertação “O Legado de Caim”, e doutor em Ciência Política e Sociologia pelo IUPERJ. Sua tese denominou-se “Estetização da Política e Carisma. O Caso do Brizolismo no Rio de Janeiro”. Co-autor de **Violência e Criminalidade no Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Hama, 1998, o professor é autor de **Brizolismo. Estetização da Política e Carisma. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas/Espaço e Tempo, 1999.*****

IHU On-Line – Como o senhor define o populismo?

João Trajano – Acho que o populismo é um dos maiores equívocos conceituais da história do pensamento político latino-americano. Ele é um conceito antigo, foi usado por correntes políticas ligadas a regiões agrárias nos Estados Unidos, antes disso aos populistas russos, no século dezenove. No caso da América Latina, no período dos anos 1950, 1960, ele serviu para qualificar negativamente uma série de correntes políticas, de lideranças políticas que pautavam sua atuação pública pelo estabelecimento de certos canais de interlocução com as massas, que estavam emergindo no cenário político nesse período. Esse conceito “pegou”, o sociólogo argentino Gino Germani foi uma das referências para a formulação desse conceito. No Brasil, foi muito usado por alguns sociólogos de São Paulo, mas muito rapidamente perdeu o seu poder heurístico¹ e se tornou um instrumento, um adjetivo, para qualificar lideranças políticas muito diferentes entre si. Na minha opinião, o populismo é uma categoria mais política do que propriamente analítica, e tem servido pouco para nós entendermos a complexidade de certos processos, correntes e lideranças políticas como, por exemplo, o Brizola.

IHU On-Line – Partindo dessa constatação, como é que o senhor chega ao brizolismo e atribui a isso outro estatuto?

João Trajano – Uma das teses inerentes ao conceito de populismo, é a de que as massas prestam a sua adesão a determinados líderes, que as manipulam, em função do primarismo político dessas massas. Como se a emergência no cenário político de certos setores mais pobres, com níveis de escolaridade e de infomação mais baixos, fizesse com que esses setores fossem facilmente manipuláveis por líderes carismáticos. Se é assim, está suposto, quando não explicitamente, pelo menos implicitamente, que essa adesão é marcada pela irracionalidade e pelo primarismo políticos. O que eu queria investigar é se isso procedia, pois foi essa a tese que “colou” na América Latina toda, não somente no Brasil. Pretendi verificar se essa tese procedia no caso do Leonel Brizola, sobretudo no período pós-exílio, depois de 1979. Queria saber quais eram as razões daqueles que prestavam a sua adesão a Brizola, que faziam disso um princípio relevante da sua identidade política, como essas figuras justificavam essa adesão. A minha aposta é que isso não é irracional, pelo contrário, é justificável, é legítimo, faz sentido. Eu posso discordar, não gostar, me identificar com outras razões, outras lógicas, mas esses mecanismos fazem sentido, eles não podem ser desqualificados como irracionais. Essa era a minha hipótese,

IHU On-Line – Essas características que, de maneira geral, o populismo atribui a alguns líderes, elas não estavam presentes no Brizola e em outras lideranças?

João Trajano – Podem estar presentes, o problema é exatamente esse. Pode-se usar a categoria “populista” tal como ela foi usada, como ela tem sido usada, para lideranças tão diferentes entre si como Brizola e Lacerda²; Lacerda e Adhemar de Barros³, Adhemar de Barros e Arraes⁴. Ora, qualquer um que conheça minimamente a nossa história política sabe que

¹ Poder de investigação, de relacionar e descobrir fatos (Nota do *IHU-On-Line*).

² Carlos Lacerda (1914-1977). Jornalista e político carioca, foi deputado federal e primeiro governador do extinto estado da Guanabara. Pertencia à União Democrática Nacional (UDN). Foi cassado pela ditadura militar (Nota do *IHU On-Line*).

³ Político paulista do Partido Social Progressista (PSP), governou São Paulo durante 12 anos: quatro como interventor – de 1938 a 1941 – e oito como governador (1947-1951 e 1963-1966). Foi deputado estadual (1935-1937) e prefeito da capital, no período de 1957 a 1958. Foi cassado pela ditadura militar. Nasceu em 1901 e morreu em 1969 (Nota do *IHU On-Line*).

⁴ Político cearense com atuação marcante em Pernambuco, nasceu em 1917. Foi deputado estadual pelo Partido Social Democrático (PSD). Elegeu-se prefeito de Recife em 1959, pelo Partido Social Trabalhista (PST) e governador em 1962,

essas figuras representam coisas completa e radicalmente diferentes entre si. Se usamos um conceito, esperando dele um rendimento analítico, mas, ao mesmo tempo, ele não nos permite distinguir lideranças tão díspares, começamos a desconfiar que, em lugar de conceito, essa expressão é um adjetivo que podemos usar segundo as nossas preferências para desqualificar trajetórias e adesões que nos desagradem.

***IHU On-Line* – Nos seus estudos, o senhor deixa antever um possível crescimento do brizolismo. Entretanto, para muitos, o Brizola, já era apenas uma personagem política histórica, desimportante no cenário político atual. Como o senhor explica isso?**

João Trajano – De fato, do ponto de vista eleitoral, o Brizola vinha num processo de declínio permanente, nos últimos dez anos, desde a eleição presidencial de 1994. Eu concluí a minha pesquisa em 1997. Naquele, momento, o que tínhamos era o péssimo rendimento eleitoral dele em 1994 e a derrota do seu candidato à Prefeitura do Rio de Janeiro em 1996. Depois disso, mais derrotas, mais desempenhos pífios, quase humilhantes. Isso me fazia pensar que o Brizola estava sepultado politicamente, estava no ostracismo, acabara a sua vida pública. Contudo, a despeito do seu declínio eleitoral, ele continuou sendo cortejado pelas lideranças políticas nacionais. Nós podemos ver isso como indicativo de que, a despeito de já não representar um patrimônio eleitoral garantido, a figura de Brizola ainda tinha um poder simbólico. Às demais lideranças políticas parecia importante levá-lo em consideração. Entretanto, o mais surpreendente, talvez, foi a reação popular à sua morte, especialmente no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul. Ele morreu de forma absolutamente trivial, não há dramaticidade na sua morte, não há razão alguma para comoção, para mobilização. Morreu como morre uma boa parte das pessoas idosas: o coração fraquejou, em decorrência de uma doença. Ainda assim as ruas ficam cheias, as pessoas vão homenageá-lo, vão pranteá-lo. Isso é algo extraordinário, surpreendente, nos faz pensar que o fato de as pessoas não votarem mais no Brizola não significa que ele tenha deixado de ser digno de respeito. Por quê? Talvez por algumas das bandeiras que ele empunhou. Algumas delas permanecem legítimas, como nos anos em que ele atuou politicamente. O Brizola pautou o seu discurso pela defesa da educação popular, defendendo-a como instrumento de incorporação social e, conseqüentemente, de redução da iniquidade e da desigualdade sociais; brigou para que o Brasil tivesse uma posição mais afirmativa no cenário internacional, deixando de ser tão subalterno aos centros decisórios, se manteve fiel ao legado trabalhista, mesmo depois que isso já não lhe rendia dividendos eleitorais. Esses traços talvez permaneçam, não mais na forma de brizolismo, que tende a acabar, restando a lembrança da figura de Brizola. Não creio que as pessoas continuem se identificando como brizolistas, já não vinham se identificando assim. Mas há certas bandeiras, pelas quais ele brigou até o último momento da sua vida, que são legítimas e que vão encontrar outros defensores, eu espero.

***IHU On-Line* – Quais os erros que Brizola e o brizolismo teriam cometido?**

João Trajano – Eu destaco três erros, em momentos diferentes. O primeiro, acho que foi a radicalização no momento imediatamente anterior ao golpe de 1964. Acho que Brizola foi um dos protagonistas de um processo de radicalização que resultou no maior desastre político da

apoiado pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB). Deposto e cassado pelos militares em 1964, exilou-se. Retornou ao País em 1979. Em 1980, elegeu-se deputado federal pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e, em 1984, governador do estado. Em 1990, filia-se ao Partido Socialista Brasileiro (PSB), elegendo-se novamente deputado federal e, em 1994, novamente governador, cargo que ocupou até 1998 (Nota do *IHU On-Line*).

nossa história. Ele é um dos responsáveis por isso, não o responsável maior, como uma parte da esquerda chegou a dizer. Essa acusação é absurda, de um primarismo terrível. Mas, de fato, ele teve um papel importante no processo de radicalização.

***IHU On-Line* – Mas a ousadia é uma das marcas importantes na personalidade política do Brizola. Sendo assim, onde é que se corporifica esse erro ao qual o senhor se refere?**

João Trajano – Uma das marcas é a ousadia, mas outra é a sagacidade política. Naquele momento a sua sagacidade falhou, ele não se deu conta de que uma das possibilidades daquele projeto, do qual ele fazia parte, era a de nos levar para o abismo, para onde acabamos indo. Ele contribuiu muito para um clima de acirramento, que poderia ter sido evitado com algum tipo de recuo. Então, esse foi um momento ruim da sua trajetória. Um segundo momento ruim ocorreu no período que antecedeu o *impeachment* do Fernando Collor de Mello. Ele não percebeu a dimensão do que estava acontecendo. A resistência dele em unir forças ao movimento pela CPI caracteriza um momento muito ruim. Quanto ao terceiro erro: eu acho que ele poderia ter feito o esforço que ele fez em 1978, 1979, para renovar a sua linguagem. Ele chega do exílio, abordando o trabalhismo com uma linguagem nova, compatível com o tempo em que ele estava voltando. Mas parece que, depois disso, ele abdicou dessa capacidade de renovação. Isso contribuiu muito para o esvaziamento do PDT e da sua liderança pessoal.

***IHU On-Line* – O senhor poderia dar um exemplo dessa linguagem inovadora?**

João Trajano – O PT foi criado no começo dos anos de 1980, se autoproclamando como o partido dos trabalhadores. O PMDB, como partido da redemocratização. O PFL, como partido da ordem. O novo trabalhismo do Brizola retomou o fio da história, se reportou à nossa tradição republicana, dotando-a de uma certa positividade mas, simultaneamente, trouxe questões novas para o cenário político-partidário. As questões do negro, das populações indígenas, da mulher, foram trazidas para o debate partidário por Brizola, sobretudo pelo grupo que estava em torno dele. Ninguém nega a relevância destas questões que hoje foram incorporadas ao debate, com as quais o PT se identifica muito, já compondo um patrimônio comum: dos direitos das minorias, das relações entre os direitos das minorias e a democracia, quem as trouxe para o debate político-partidário brasileiro e as colocou na agenda foi o pessoal que acompanhava Brizola, formando o novo trabalhismo. Ele era a única liderança que unia a tradição com essas questões inovadoras, porque o PMDB, ao falar da redemocratização, falava de um passado muito recente; o PT não falava da história, mas da sua ruptura, é um partido que se instituiu se autoproclamando o marco zero da esquerda brasileira, como se tudo que houvera antes fosse lixo, fosse coisa de segunda ordem. E o PFL, com eu disse, era o partido da ordem. A corrente que buscava fazer uma ponte com uma história política dotada de alguma virtude, de alguma positividade, era a corrente que se expressava no discurso trabalhista. Isso era extraordinário, naquele momento. Foi a isso que os brizolistas aderiram, não há nada de irracional na adesão a essa linguagem, a esse programa. Fazia sentido.

***IHU On-Line* – Esse programa é o que se abrigava na expressão “socialismo moreno”?**

João Trajano – Essa foi uma expressão forjada pelo Darcy Ribeiro. Na época, eles tinham tido contato com os grandes heróis da Internacional Socialista, em Lisboa. Brizola teve contato com Oloff Palm, com Felipe González, com Mário Soares⁵. Vale lembrar que se aproximaram do

⁵ Respectivamente, políticos que ocuparam os cargos de Primeiro Ministro na Suécia, e de Presidente na Espanha e Portugal. A Internacional Socialista referida designa a reunião de partidos sociais-democratas, com predominância européia (Nota do *IHU On-Line*).

Brizola vários jovens exilados que não tinham trajetória no trabalhismo. Então, o encontro do antigo trabalhismo com esses exilados, resulta numa concepção de um socialismo com a cor local - o que cabia muito bem ao nacionalismo trabalhista e ao socialismo das pessoas que vinham de outras correntes da esquerda. A idéia era a de fazer um socialismo compatível com a nossa trajetória política, as nossas mazelas, a nossa cultura política, com o nosso povo. Aí, Darcy Ribeiro forja essa máxima “socialismo moreno”. Mas, na verdade, cada corrente achava que o socialismo moreno era uma coisa diferente, conforme eu pude apurar junto a várias lideranças do partido. O que ligava cada um dessas versões era o quê? Era o líder.

IHU On-Line – E ao quê o senhor atribui a perda desse “empuxe” trabalhista?

João Trajano – A derrota em 1989 foi um golpe fortíssimo. Acho que ali fracassa o projeto de chegar ao poder nacional. Depois, foi só declínio. Ainda houve a eleição de 1990, quando Brizola obteve uma vitória estrondosa no Rio de Janeiro, ganhando no primeiro turno. O PDT do Rio Grande do Sul ainda continuava com alguma força, mas já estava perdendo espaço para o PT, ainda havia algumas lideranças importantes espalhadas pelos estados, mas isso vai minguando. A “pegada”, a disposição para se renovar, para usar a sensibilidade e captar novas formulações e novos problemas, isso vai se apequenando, se retraindo. O resultado é que se retrai também o apelo.

IHU On-Line – Quais são os seus prognósticos para o trabalhismo e o PDT?

João Trajano – Esse tipo de projeção é, geralmente, uma coisa muito falha. Ainda assim, eu diria, muito intuitivamente, de forma muito frouxa, que o PDT dificilmente deixará de ser um partido menor no quadro partidário nacional. Isso não significa que o trabalhismo há de acabar. Ao contrário de Getúlio Vargas e de Jango, Brizola não deixou herdeiros. Entre as lideranças atuais, eu acho – e isso é pura intuição – que ele considerava Lula como um virtual herdeiro seu. Esta é uma opinião pessoal, intuitiva, com base em coisas “pescadas” aqui e ali. Não deixa de ser uma ironia que Brizola tenha morrido rompido com o Lula. Mas cabe lembrar que Vargas e Pasqualini⁶ não se davam e que Brizola e Jango tampouco se entenderam muito bem. Com isso eu não quero dizer que o Lula vai reclamar o legado brizolista ou trabalhista. O trabalhismo é contemporâneo do surgimento da democracia de massas no Brasil. Nesse contexto ele foi, ainda que de forma muito difusa, muito precariamente sistematizada e formulada, ele foi a expressão melhor de anseios, de expectativas e de compromissos com os segmentos mais empobrecidos e excluídos da sociedade brasileira. Muitas das bandeiras fortemente identificadas com o trabalhismo podem permanecer, ser empunhadas por outras mãos e, eventualmente, essa tradição, com a expressão trabalhismo, pode ser recuperada futuramente. Embora eu não considere que nenhuma das lideranças que militaram no PDT, que surgiram pelas mãos do Brizola, fossem reconhecidas por ele como um herdeiro legítimo do legado trabalhista.

A CATEGORIA POPULISMO NÃO SERVE PARA CARACTERIZAR A DEMOCRACIA BRASILEIRA

Entrevista com Jorge Luiz Ferreira

O conceito de populismo mascara projetos políticos importantes, não oferece ferramentas para a compreensão da história política brasileira contemporânea e, sobretudo, descaracteriza a democracia nacional, vendo as massas como subservientes e incapazes de votar. Essa é a opinião do professor Jorge

⁶ Alberto Pasqualini, um dos teóricos do trabalhismo, cujas formulações estão principalmente contidas no livro **Bases e sugestões para uma Política Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1948.

Luiz Ferreira que, com outros historiadores, está empenhado em rever e combater o referido conceito, recusando-se a utilizá-lo, considerando a sua imprecisão. Ele ensina no Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Graduado e mestre em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), escreveu a dissertação "Trabalhadores do Brasil. A cultura política popular no primeiro Governo Vargas (1930-1945)". O professor é doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Sua tese de doutorado intitula-se "Prisioneiros do mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)". Ferreira é autor de **Incas e astecas - culturas pré-colombianas**. São Paulo: Ática, 1988; **Conquista e colonização da América Espanhola**. São Paulo: Ática, 1992; **O movimento operário norte-americano**. São Paulo: Ática, 1995; **Trabalhadores do Brasil. O imaginário popular**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1997; **Prisioneiros do mito. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)**. Rio de Janeiro/Niterói: Mauad/Eduff, 2002. Como organizador, publicou **O populismo e sua história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. Foi especialmente a partir dessa obra que ele, por telefone, concedeu a entrevista para o **IHU On-Line**, ressaltando sempre que muitas das opiniões emitidas apoiavam-se nas pesquisas dos demais co-autores (os historiadores Angela de Castro Gomes, Maria Helena Rolim Capelato, Lucília de Almeida Neves, Fernando Teixeira da Silva, Hélio da Costa, Eliana G. da Fonte Pessanha, Regina Lúcia M. Morel, Daniel Aarão Reis Filho).

IHU On-Line – Como o senhor define o populismo brasileiro?

Jorge Ferreira – O conceito de populismo foi criado e elaborado numa determinada conjuntura política brasileira, na segunda metade dos anos 1960. Alguns políticos, jornalistas, sociólogos elaboraram este conceito no sentido de desmerecer, descaracterizar a democracia brasileira de 1945 a 1964. Então, o conceito de populismo está intimamente ligado a uma visão política que, quando dizemos "o político fulano de tal é um populista", isso quer dizer que ele foi eleito, porque ele teve capacidade de manipular o povo. Portanto o povo é uma massa de eleitores despreparados, deformados, que não tem capacidade de discernimento. O conceito de populismo está ligado a uma percepção política e em termos teóricos é um conceito impreciso, que não dá conta de diversas realidades porque coloca na mesma dimensão, no mesmo patamar, personalidades de diferentes trajetórias, de diferentes origens. O que tem a ver Jânio Quadros com Leonel Brizola? Getúlio Vargas com Dutra? Juscelino com Figueiredo? Alguns dizem que Figueiredo tornou-se um populista, depois o Fernando Henrique tornou-se um populista também, alguns já chamam o Lula de populista. Que conceito é esse que dá conta de realidades das mais diferentes, das mais distintas? O conceito de populismo encobre projetos importantes, o projeto udenista liberal, fica no mesmo patamar que o nacional estatista dos trabalhistas, por exemplo. É tudo a mesma coisa, o conceito não dá instrumentos, não dá ferramentas para entendermos a história política brasileira contemporânea. Ele apaga os projetos políticos. É um conceito, sobretudo, que descaracteriza a democracia brasileira, ou seja, a população não sabe votar, porque se deixa manipular por líderes espertos, demagógicos, falsos... Nesse sentido, eu não considero o Leonel Brizola um político populista, como não considero nenhum político brasileiro populista, o que não quer dizer que não existam políticos que façam demagogias, tentem alguma espécie de manipulação. Isso existe, mas não quer dizer que a categoria populismo sirva para caracterizar a democracia brasileira. Então eu não trabalho com esse conceito, na verdade eu o recuso.

IHU On-Line – Quando esse conceito começa a surgir?

Jorge Ferreira - Nos anos 1950, quando se institui o chamado Grupo de Itatiaia, um grupo de sociólogos, parte do Rio de Janeiro, parte de São Paulo, que se reunia em Itatiaia, uma cidade que fica a meio caminho de Rio e São Paulo. Um desses intelectuais, não identificado, escreveu um artigo para entender o fenômeno Adhemar de Barros em São Paulo, chamado

“Que é o ademarismo”, no qual diz que o populismo é o resultado de uma burguesia fraca, um proletariado ainda em formação e um líder carismático. Começa a se formar um embrião de uma tendência sociológica, que tem o seu trabalho mais fortificado, digamos assim, na obra de Francisco Weffort “O Populismo na Política Brasileira”⁷.

IHU On-Line - Octávio Ianni, quando escreve sobre o colapso do populismo no Brasil, refere-se a ele como uma forma política assumida por uma sociedade de massa. Isto estava incorreto?

Jorge Ferreira - O livro de Octávio Ianni, **O colapso do populismo no Brasil**⁸, situa-se em um contexto muito preciso, sua primeira edição é de 1968, e o autor está dizendo o seguinte: a sociedade brasileira está diante de uma ditadura que se fecha cada vez mais. Ele diz que a ditadura não tem mais nada a oferecer à sociedade brasileira, nem em termos econômicos. Naquele momento em que o milagre econômico ia acontecer, ele não estava percebendo isso, via apenas o impasse. Nada mais será oferecido à sociedade brasileira, a não ser, diz o Ianni, o fascismo. A outra opção, afirma, é o socialismo, que exigia a derrubada da ditadura. Então muitos jovens universitários daquele momento lêem aquele livro e concluem que a saída é o socialismo e a saída pode ser luta armada. Não podemos desmerecer a bibliografia da época sobre o populismo, mas é preciso situá-la numa conjuntura muito precisa. É a conjuntura do colapso da democracia brasileira de 1964 e o período inicial do regime militar, período do Castelo Branco e do Costa e Silva. Alguns pesquisadores observam que a direita que derrubou o João Goulart necessitava dizer realmente que ele era subversivo, corrupto, incapaz, comunista. Mas a esquerda depois fez o mesmo coro dizendo que ele era um populista, que ele colocava um véu sobre os olhos da classe operária... Os liberais também torciam o nariz para o projeto de reforma agrária, havia uma convergência para desqualificar aquela liderança política, e o conceito de populismo cai como uma luva nesta necessidade de vários grupos sociais desqualificarem a democracia brasileira nesse período. É preciso repensar sobre isso, com calma, porque senão vamos ficar sempre repetindo o chavão de que o fulano foi eleito porque é um populista. Isso significa que uma pessoa é esperta o suficiente para enganar milhões de outras pessoas. Ora, que democracia se sustenta com isso? Será que alguém é tão esperto a ponto de enganar milhões de outras pessoas? E que milhões de pessoas são estas? São pessoas desinformadas, incapazes de votar corretamente? Quem dizia isso era a UDN, dizia que o povo não sabia votar porque não votava nos seus candidatos. Então, temos que ter cuidado, porque se desqualificamos a democracia desta maneira podemos incorrer nos mesmos equívocos da crise de 1964. Tanto a democracia foi desvalorizada que entrou em colapso.

IHU On-Line – Pode-se dizer que os teóricos formuladores do conceito não perceberam a realidade brasileira na sua totalidade?

Jorge Ferreira – Em um certo momento, nos anos 1950-1960, quem escrevia a história brasileira, quem ia fazer pesquisa de ponta era a Universidade de São Paulo, era só ali que havia uma Pós-Graduação em Sociologia e Ciências Políticas, onde profissionais capacitados faziam pesquisas. Evidentemente, dedicavam-se àquilo que estava mais perto deles, São Paulo. Então surgiram trabalhos da maior importância na historiografia brasileira sobre industrialização, classe operária, partidos políticos, mas tomando o estado de São Paulo como um grande centro. Ora nós sabemos que São Paulo é o estado mais importante, mas o Brasil

⁷ *O Populismo na Política Brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978 (Nota do *IHU On-Line*).

⁸ *O colapso do populismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975 (Nota do *IHU On-Line*).

não é São Paulo. As realidades são muito distintas. Por exemplo, o livro do Weffort, já referido, diz que no Brasil, no período de 1945 a 1964, os partidos eram inexpressivos, o importante eram as lideranças, que estavam à frente dos partidos. Isso pode ter acontecido em São Paulo, mas não no resto do País, onde predominavam três partidos, o PTB, a UDN e o PSD, sem contar o PCB, que estava na ilegalidade. Esses partidos eram fortes e organizados nacionalmente. Pelo menos o PTB e a UDN eram partidos ideológicos, tinham projetos políticos reconhecidos pela população. Quem votava no PTB sabia o que estava fazendo. Votava no nacionalismo, na reforma agrária, no rompimento com capital estrangeiro, na industrialização, em um capital nacional e estatal. Quem votava na UDN também sabia o que estava fazendo: votava contra greves, votava com o alinhamento incondicional aos Estados Unidos, a abertura econômica, especialmente para os Estados Unidos. Cada eleitorado sabia o que fazia e era fiel ao seu partido. Quem votava no PTB não votava na UDN, e vice-versa. Os políticos eram fiéis aos seus partidos, que eram fortes, consistentes, ideológicos. Só em São Paulo que os três partidos eram fracos, a UDN não era nada, o PTB era fraquíssimo e o PSD era um zero. Ali sim, existiam personalidades acima dos partidos, como Adhemar de Barros e Jânio Quadros. Então não se pode tomar a realidade de São Paulo como se fosse o Brasil em cada Estado da Federação. Dos três partidos, dois eram fortes na Guanabara, o PTB, e a UDN; no Rio Grande do Sul, o PTB e o PSD; em Minas Gerais, a UDN e o PSD. Como dizer que eram partidos inconsistentes?

***IHU On-Line* – Mas o trabalhismo não tinha também líderes com características semelhantes?**

Jorge Ferreira - Mesmo no âmbito do trabalhismo, Getúlio Vargas, João Goulart e Leonel Brizola todos os três, começaram lá de baixo e foram subindo dentro do partido. Até Getúlio Vargas, no Partido Republicano Rio-grandense, começou lá de baixo e foi subindo, fundou o PTB. Depois o Goulart e o Brizola começaram das bases e também foram subindo. Eles não eram líderes carismáticos que se impuseram sobre o partido; eles cresceram com o partido. Há outros aspectos a considerar: em um certo momento houve uma aliança PTB – PCB. Eles reuniram vários sindicatos, surgiu um movimento operário organizado com muita autonomia, com influência de João Goulart e que não estava a sob o seu controle, um movimento que fazia greves seguidas. Então como sustentar uma tese em que líderes carismáticos controlam as massas, que eles estão acima do movimento operário, do sindicalismo dos partidos? Não, isso não aconteceu, essa tese não se sustenta na história dos brasileiros. A história é muito mais complexa, é muito mais complicada, não se explica através da demagogia de líderes carismáticos.

***IHU On-Line* - Não há nada de positivo a resgatar do conceito de populismo? A entrada das massas na estrutura do poder não foi legitimada por movimentos populistas, como afirmou Octávio Ianni?**

Jorge Ferreira - A crítica que fazemos ao conceito de populismo refere-se à sua utilização para explicar a política brasileira. Isso não significa que a cidadania alcançada pelos trabalhadores não tenha um caminho próprio, a partir do controle do Estado. Na Revolução de 30, outro grupo assume o poder, ocorrendo um processo de expansão de cidadania social. No Brasil, os trabalhadores são conhecidos como autores políticos a partir do reconhecimento da sua cidadania social, enquanto, na Europa, os trabalhadores são atores políticos, quando se tornaram cidadãos políticos, ou seja, com direito de votar e ser votado. No Brasil, os trabalhadores se tornaram cidadãos não pelo direito de votar e ser votado, mas com a obtenção de seus direitos sociais: cidadão que tem carteira de trabalho, férias remuneradas,

descanso semanal remunerado... Isso marca a cultura política brasileira, uma marca que ficou. Então é a partir desse tipo de inserção que se criou um forte caldo cultural na política brasileira que vincula a cidadania aos direitos sociais e depois à formação de partidos políticos. Nesse sentido, os trabalhadores, a partir dos anos de 1930, tiveram acesso à cidadania com leis sociais e reconheceram o papel do Estado. Então, grande parte destes trabalhadores passou a votar no PTB e no trabalhismo. Mas isso é um processo de reconhecimento, e não de manipulação. Essa é a grande questão, o conceito de populismo diz que eles foram manipulados, mas a relação Estado-sociedade é uma relação de mão dupla. Os trabalhadores reconheceram isso e fizeram suas escolhas, que não podem ser vistas como manipulação. Getúlio Vargas foi um político importante, mas ele não era o todo poderoso capaz de manipular milhares de pessoas, a questão é você reconhecer isso, que os trabalhadores fizeram as suas escolhas.

IHU On-Line - A maneira como o senhor se refere aos partidos de então dá a idéia de que os atuais são muito fracos e que tínhamos fortalezas partidárias no passado. Qual é a avaliação que o senhor faz deles?

Jorge Ferreira - No passado os partidos políticos tinham projetos políticos mais delineados, isso era claro para a população. As proposições do PTB e da UDN, antes mencionadas, ainda constituem tradições muito presentes na política brasileira. O projeto do Fernando Henrique Cardoso pretendeu levar às últimas conseqüências o projeto udenista, de abertura, sem freios ao capital estrangeiro. A UDN tinha um forte tendência de não estatizar empresas. As privatizações se originaram de um projeto que vinha do passado, claro que, nos anos de 1990, apresentava-se sob outro contexto, o do neoliberalismo. E o projeto de defesa das estatais vem da onde? Era defendido pelo PTB, inspirou a construção de Volta Redonda, da Companhia do Vale do Rio Doce. Esse projeto defende a idéia de que somente a empresa estatal tem cacife suficiente para barrar o capital estrangeiro. Essa idéia não nasceu assim espontânea, ela nasceu em algum lugar, nos anos 1930 e 1950. A idéia de que é preciso fortalecer o Estado vem lá de trás, do nacional e do estatismo, da reforma agrária, das reformas de base. As bandeiras do antigo PTB, do antigo trabalhismo, estão presentes hoje. Não é à toa que se dizia que o Lula seria o herdeiro do trabalhismo.

IHU On-Line - O legado dele, o trabalhismo, o PDT, sobreviverão?

Jorge Ferreira – Eu acho que o PDT agora cresce, porque o partido vivia uma situação muito similar a do que o antigo PTB vivia com Getúlio Vargas. Ele era muito maior que o PTB, o PTB era muito pequeno diante de Vargas, da sua liderança, não crescia diante da monumentalidade de Vargas. O antigo PTB só cresceu depois da morte de Vargas, porque surgiram inúmeras lideranças. Então eu creio que PDT era muito pequeno diante do Brizola, o Brizola ofuscava o PDT. Agora o PDT tem condições de crescer, porque vão surgir outras lideranças de igual para igual e não haverá apenas uma única e gigantesca liderança.

O HOMEM DE UM ÚNICO PARTIDO

Entrevista com Maria Celina Soares D'Araujo

O cenário político do século XX não pode ser compreendido sem olhar para Leonel Brizola, João Goulart e Getúlio Vargas, contudo podemos olhar para Brizola antes e depois do exílio com perfis bem diferentes. Essa é a opinião da professora Maria Celina D'Araujo, da Universidade Federal Fluminense (UFF) e do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV).

Maria Celina Soares D'Araújo é graduada em Ciências Sociais pela UFF, é mestre em Ciência Política (Ciência Política e Sociologia) pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) e sua dissertação intitula-se "O segundo governo Vargas". A professora é doutora em Ciência Política e Sociologia também pelo IUPERJ, e o título de sua tese é "A ilusão trabalhista. O PTB de 1945 a 1965". Seu pós-doutorado foi cursado na University of Florida, em Gainesville, Estados Unidos. É autora de, entre outros, **O Segundo Governo Vargas: Democracia, Partidos e Crise Política**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982; **O Golpe Silencioso: As Origens do Estado Corporativo**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1989; **Getulismo e Trabalhismo**. São Paulo: Ática, 1989; **A era Vargas**. São Paulo: Moderna, 1998; **O Estado Novo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000; e **Capital Social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

IHU On-Line- Qual foi contribuição de Leonel Brizola à política brasileira?

Maria Celina Soares D'Araujo- Brizola é de uma geração de políticos típica dos anos 1950, no Brasil. Políticos muitos personalistas, carismáticos, com uma grande liderança pessoal, políticos que não tinham apreço muito grande pelas instituições representativas, que achavam mais importantes mobilizar a massa, articular diretamente com o povo, pensar as grandes questões nacionais, políticos populistas. Assim foram também Getúlio [Vargas] e, em parte, João Goulart. Até 1964 não podemos dizer que Brizola era um grande democrata. Era sim um grande líder político, um grande nacionalista, era um homem que tinha uma visão do Estado, muito forte. O Estado tinha, para ele, um papel estratégico para o desenvolvimento brasileiro, por isso iniciou as nacionalizações das companhias estrangeiras no Brasil. Mas criticava muito o Congresso Nacional, dizia que o Congresso era reacionário, conservador e obviamente criticou muito as Forças Armadas. Por outro lado, ele teve um papel importante em 1961, na cadeia da legalidade, mas, em 1964, podemos olhar para Brizola de dois lados: de um lado resistiu ao golpe militar, mas de outro lado, ele não facilitou muito as coisas para João Goulart. O governo João Goulart radicalizou e ele não soube negociar nesse momento uma composição, nem com Goulart, nem com a direita. No entanto, teve uma posição coerente. O interessante, em Brizola e talvez isto seja um aspecto relevante, é que ele foi uma pessoa sempre coerente. Ele não era uma pessoa que fazia estelionato eleitoral, não dizia uma coisa e fazia outra. Teve muita ousadia, muita coragem de reagir aos golpes de 1961 e de 1964, só que em 1964 ficou isolado e o que ele achava que viria de apoio, da sociedade, dos grupos dos onze⁹, isso não aconteceu porque essas pessoas não tinham recursos, armas para reagir.

IHU On-Line- É possível assinalar diferenças no Brizola que volta com a anistia?

Maria Celina Soares D'Araujo- Sim. O Brizola que vem depois da anistia é democrata, no sentido de respeito à democracia representativa, de respeito às instituições, à ordem constitucional. Continua sendo o caudilho, o centralizador. O PDT, partido que ele criou, como herdeiro do trabalhismo, foi um partido sempre muito ligado à sua figura, nunca houve uma liderança concorrente interna, sempre que essa liderança concorrente aparecia ela saía do partido, o Marcelo Alencar, o César Maia, o Saturnino Braga, foram lideranças que cresceram dentro do PDT mas que tiveram que deixar o PDT. Brizola conta com esse estilo de política senhorial, ele mandava no partido, o partido era um instrumento para ele fazer política, mas não se vê mais Brizola, depois da anistia, depois de 1969, articulando ou denunciando conspirações, é um homem muito mais acomodado, muito mais adaptado a uma ordem política, em uma prática muito problemática. Em 1990-1991 ele ficou muito preocupado com a

⁹ Denominação de grupos de militantes sob a influência de Brizola, integrado por onze pessoas, uma das quais estava ligada a outro "grupo dos onze", e assim sucessivamente, organizando uma rede de apoiadores, que fracassou (Nota do *IHU On-Line*).

situação do Collor, chegou a apoiar o Collor, acho que temia um golpe. Ele apoiou a prorrogação do mandato de Figueiredo também, porque ele temia, sempre que ele achou que podia haver uma ruptura constitucional, ele tomou decisões, na contramão da oposição, mas isso, vem em nome de uma trajetória coerente, que era evitar golpes, que era evitar rupturas institucionais, que ele achava que poderiam vir. Esse Brizola, após a anistia, embora continue uma pessoa centralizadora, personalista, sempre muito carismática, ele traz novidades no campo da esquerda brasileira falando de socialismo democrático, pluralidade ideológica, falando do Brasil como um país de socialismo moreno, o PDT foi um partido que fez questão de colocar nos seus quadros e nas suas listas de candidatos, pessoas negras, índios. O Rio de Janeiro elegeu o Juruna, ele teve uma importância simbólica muito grande, as mulheres, então, ele traz esse discurso inovador, a política como um espaço de representação para as minorias. Por outro lado ele tem uma grande qualidade também, no Brasil, que é muito rara: ele foi homem de um partido só, basicamente foi homem do PTB, quando ele quis criar o PTB em 1979, houve ali uma articulação política pelas mãos do poderio, a sigla do PTB, que era sigla dele, vai para as mãos da Ivete Vargas, mas ele cria um outro partido trabalhista e fica nele até o fim, então ele tem uma coerência partidária e uma permanência ideológica.

IHU On-Line- Que aspectos permaneceram constantes na sua proposta?

Maria Celina Soares D'Araujo- Tem duas questões importantes, a questão do nacionalismo econômico e a educação. Ele fez um bom governo no Rio Grande do Sul, quando foi governador. Já quando foi governador do Rio de Janeiro, duas vezes, ele insistiu nessa política de educação, sem os resultados positivos que se esperava, mas de toda a forma, colocou na agenda a questão de que criança tinha que estar na escola.

IHU On-Line – Por que os resultados não foram como ele esperava?

Maria Celina Soares D'Araujo- Porque foram todos empreendimentos muito caros, que é o ensino de tempo integral, que precisa ter turnos de professores, e isso as administrações posteriores não continuaram, foi descontinuado esse trabalho, considerado muito caro, uma escola cara. Então os CIEPS funcionam, mas funcionam como escolas normais, quase todas, a idéia do ensino integral, tempo integral, crianças que chegam na escola de manhã e saem de banho tomado, vão para casa dormir, não é isso, é uma escola mais convencional.

IHU On-Line – Acha que está havendo uma redescoberta da era Vargas?

Maria Celina Soares D'Araujo- A Era Vargas, do ponto de vista social, ela vai ser revista pelo PT, já foi revista a questão da Previdência, será revista agora a questão da CLT, está agenda do governo Lula fazer isso e certas normas que estão ali podem ser revistas, mas parece uma coisa contraditória: o governo dos trabalhadores desregular, rever os direitos dos trabalhadores, mas em grande parte isso vai ser necessário. O governo do PT sempre teve uma reação muito grande ao trabalhismo getulista, porque tinha a questão do pelego, do fisiologismo, da ligação muito forte com o sindicato do Estado, era uma crítica que se fazia, uma articulação muito grande dos sindicatos no Estado, a dependência das lideranças em relação aos líderes, mas isso é tudo o que o PT está fazendo agora, então essa crítica não prevalece mais, o que o governo do PT até hoje faz é uma convocação constante das lideranças sindicais e de certa forma repete o que fez o sindicalismo getulista.

IHU On-Line - Em relação à questão da reforma agrária, Brizola conseguiu de fato avançar como Governador tanto do Rio Grande do Sul quanto do Rio de Janeiro?

Maria Celina Soares D'Araujo- A Reforma Agrária não foi um tema importante para ele no governo do Rio de Janeiro, porque não é um estado tão grande, os problemas maiores estão na região urbana, no grande Rio. Eu lembro que esse assunto foi muito importante no governo de João Goulart, que era uma das reformas que mais amedrontavam a elite política, e a reforma que João Goulart achava que devia ser feita. Ele tinha um lema “Reformas na lei e na marra”, teriam que vir, mas aqui no Rio de Janeiro não lembro de ser um aspecto importante da administração de Brizola como governador.

IHU On-Line – Considera que com a morte de Brizola, e o fim dos políticos de sua geração haverá um vazio na vida política do País?

Maria Celina Soares D'Araujo- Eu não acho que ficou um vazio sem o Brizola, com ele se encerrou um tipo de política que o Brasil tinha, que era o político cujo auge ocorreu nos anos 1950 e 1960, político de um tempo passado, não tem outra geração. O vazio talvez fosse a voz nacionalista que tínhamos, que não era a voz do Partido Comunista do Brasil, talvez fosse a voz de centro esquerda, que mais defendia o nacionalismo, que mais defendia o papel do Estado. Mas acho que esse sentimento de defesa do Estado, de desenvolvimento nacional, está bem disseminado hoje na sociedade brasileira, não acho que deixa um vazio. Ele cumpriu um bom papel, é uma liderança impagável, não podemos pensar a política do século XX no Brasil, sem pensar Brizola, foi realmente um homem que mobilizou massas, que inquietou as instituições, provocou os militares, e que sofreu muito por causa disso e que voltou e quis continuar a luta por seus ideais. Brizola, Getúlio e João Goulart são figuras centrais, no século XX, não acho que deixou vazio, porque o Brasil mudou e hoje outras questões estão na agenda.

“O PAÍS NÃO ESTÁ PRODUZINDO LÍDERES”

Entrevista com Gunter Axt

*Brizola era um político que mantinha viva no País a idéia de construir um projeto nacional. Fica um vácuo nesse sentido. As autoridades pedem sacrifício à população, mas não explicam o rumo para o qual o País se dirige. Ninguém sabe para onde caminhamos. Com essas afirmações, Gunter Axt, em entrevista telefônica ao **IHU On-Line**, na semana passada, assinala a morte de Brizola como um fato que desvela uma carência na política nacional.*

*Gunter Axt é professor na PUCRS, historiador e pesquisador do Memorial do Judiciário e do Memorial do Ministério Público do Rio Grande do Sul. Axt é graduado e mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), com tese intitulada *Gênese do Estado burocrático-burguês no RS (1889-1929)*.*

*No dia 9 de outubro de 2003, Gunter Axt apresentou o tema *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS*, no evento **IHU Idéias**. Essa apresentação foi publicada no n.º 14 da publicação **Cadernos IHU Idéias**. O historiador concedeu entrevista ao **IHU On-Line**, na edição 78, publicada no dia 6/10/2003 com o título: “É preciso criticar o discurso político construído”*

IHU On-Line – Qual é o significado histórico da morte de Leonel Brizola?

Gunter Axt –Eu diria que Brizola foi uma síntese da política brasileira no século XX, uma síntese das aspirações, dos limites e dos medos dessa política. Acho que Brizola, e isso é uma visão muito pessoal minha- era uma espécie de celebridade pop. E o vazio que Brizola deixa é o vazio que qualquer celebridade pop deixa ao morrer, ou seja, ela tem algo só dela, algo único que ninguém mais tem e não pode ser repostado no lugar. Minha segunda observação, é que Brizola viveu uma tensão enquanto personagem político, talvez existam várias tensões, mas

uma tensão em especial me chama a atenção. Por um lado, ele era uma pessoa com uma capacidade extraordinária de doação para uma causa que fosse comum, pública e, nesse afã de se doar ele era capaz de sair de uma situação de comodismo para enfrentar uma situação de extrema adversidade, em defesa de um ideal, atitude que acho muito importante especialmente num país como o Brasil, onde cada vez menos as pessoas estão dispostas nesse sentido. Essa é uma marca de Brizola. Por outro lado, e aí vem a tensão, ele me parece alguém que passou pela trajetória política com uma marca muito pessoal, o projeto pessoal dele sempre sobrelevou, sobrenadou o projeto partidário ou mesmo um projeto ideológico mais amplo. Daí a grande dificuldade que Brizola tinha de conviver com outras lideranças dentro do próprio partido, dificuldade de manter alianças por longo prazo. O projeto dele parecia estar acima dos demais, essa me parece ser uma contradição histórica que esse personagem tão rico que é Brizola tinha. Ele não era um demagogo populista. O demagogo é aquele que não realiza, e Brizola era populista, há um consenso em torno disso de parte dos analistas, mas jamais foi um demagogo, ele era um homem de realizações.

IHU On-Line- Podemos falar de um vazio político com a ausência de Brizola?

Gunter Axt- Ele deixa um vácuo sim. A grande carência de Brasil hoje é um projeto nacional. Esse é um país que você pode parar qualquer pessoa na rua e perguntar para onde é que nós estamos indo, e as pessoas não vão saber responder. É triste quando um país não sabe para onde vai. Quando os governantes pedem mais e mais sacrifício da população, porque precisamos aumentar os impostos, precisamos cortar gastos, precisamos deixar de fazer tais e tais investimentos que estavam previstos, é triste. Quando os governantes pedem mais e mais sacrifício da população e são incapazes de dizer à população para onde o país está indo. Não há sequer uma proposta consistente de um projeto nacional, eu acho que isso Brizola representava. Podemos criticar o projeto nacional do Brizola, algumas pessoas podem dizer que era uma proposta superada, nacionalismo até de cunho mais atávico, mas era um projeto nacional que a existência do Brizola representava. Alguém não estava de acordo com esta geléia que se estabeleceu no país, então eu acho que esta falta sem dúvida nenhuma ele faz.

IHU On-Line- Em que sentido se afirma que Brizola era um herdeiro de Getúlio Vargas. Qual foi a herança?

Gunter Axt – Quando se fala disso a primeira pergunta que se deve fazer é a seguinte: de qual Getúlio Vargas estamos falando? Porque Getúlio foi tantos em tantos momentos diferentes da história... Se nós pensarmos no Getúlio deputado estadual do Rio Grande do Sul, nós vamos ver o Getúlio absolutamente integrado ao sistema coronelista de poder e a rede de poder borgiana e castilhistas do antigo PRR, o político comum, com capacidade discursiva muito boa, mas um político como qualquer outro da época. Já o Getúlio do governo de 1928 aqui no Estado é um homem que consegue compor com uma habilidade fantástica. O Getúlio da Revolução de 1930 e o do governo provisório é um Getúlio revolucionário, que reforma as instituições do País sem abrir mão do compromisso democrático. O Getúlio de 1937 é um ditador que não tem o menor compromisso com as instituições democratas e com a democracia e o Getúlio pós-45 é um Getúlio populista com muito menos compromisso por exemplo, com uma estabilidade orçamentária e aí é uma distinção importante em que pese Getúlio tenha sido, um líder autoritário populista durante o Estado Novo diferentemente de Perón, por exemplo, ele teve muita responsabilidade com a estabilidade orçamentária. Mais uma vez chamo a atenção: populista sim, mas demagogo não, irresponsável não. Então, para vermos Brizola como herdeiro de Getúlio, nós precisamos saber a que Getúlio nos referimos. Suponhamos que seja o Getúlio desse período populista que estabelece uma aliança

estratégica com a classe trabalhadora. Ai eu chamaria a atenção também para a aliança que Getúlio faz e já começa a desenhá-la logo depois da revolução de 1930, é uma aliança com os industriais urbanos, ele está disposto a ter um projeto de desenvolvimento industrial para o Brasil. Além disso ele desenvolve toda a legislação trabalhista, portanto ele estabelece uma aliança estratégica sim com a classe operária urbana, mas também faz uma aliança com os grandes estancieiros, cafeicultores paulistas e estancieiros sulistas. Uma aliança com aquela burguesia agrária do Brasil todo que muitos consideram como sendo uma classe mais conservadora e é por isso que Getúlio Vargas é incapaz de desenvolver uma legislação trabalhista rural. Bem, quanto ao Brizola, uma das características dele é o fato de levantar a bandeira da reforma agrária e ele o faz com propostas concretas. Toda desapropriação do Banhado do Colégio durante o governo dele sinaliza nesse sentido. Então eu acho que é um dos primeiros líderes e um dos primeiros governantes brasileiros que, com propostas concretas nessa área da reforma agrária, chama a atenção da necessidade de levar em consideração também as necessidades das populações e dos trabalhadores rurais. Nesse ponto eu acho que ele avança, que ele inova em relação a Getúlio Vargas.

IHU On-Line- Ambos eram populistas?

Gunter Axt- Nesse sentido é sim claramente um herdeiro de Getúlio. Se nós considerarmos o tipo de relação com as lideranças e os movimentos sociais, eu acho que Brizola é tributário de uma visão antiga dessa relação, ou seja, o líder é um líder quase que paternalista pouco contestado, populisticamente pelas massas populares, com grande dificuldade de entender os novos papéis que os movimentos sociais vão ter no Brasil pós-abertura política. Podemos entender, por exemplo, porque o PT cresce tanto nesse período pós-abertura e o PDT de Leonel Brizola vai também definhando, porque o PT é o partido que tem uma outra visão que surge nesse período - eu falo do PT da década de 1980 - que surge com uma outra visão na relação entre as lideranças e os movimentos sociais, admitindo que os movimentos sociais têm um papel mais participativo no fazer da política.

IHU On-Line- Pode ser que a figura de Brizola, de certa forma simbolize o imaginário do gaúcho forte, coerente, lutador, incorruptível, e por isso seja tão admirado no Rio Grande?

Gunter Axt - Acho que sim. Brizola condensava um pouco uma certa imagem que os gaúchos fazem de si mesmos. A morte dele põe fim a um tipo de política que se fazia no século XX no Brasil. Nós estamos entrando num outro momento agora, que me parece, em termos de qualidade, muito pior do que era. Mas acho que Brizola tem essa característica e as pessoas se identificavam com ele, achavam que ele tinha alguma coisa da alma do Rio Grande do Sul. Sua maneira de falar, na sua mordacidade, felina que é uma coisa que encanta o gaúcho, a sua inteligência luminosa, sua capacidade de oratória... E o Brizola tinha uma imagem incorruptível, apesar de que todos aqueles assuntos em torno do famoso ouro de Cuba, e o próprio afastamento que se verificou depois entre Fidel Castro e Brizola, - isso a história ainda precisa elucidar. Brizola condensa um pouco dessa alma do Rio Grande do Sul, não é à toa que ele está sendo enterrado, na cidade de São Borja, que tem todo um poder simbólico para o Estado, a cidade dos Vargas, onde Jango também está enterrado, mas especialmente simboliza uma época em que o Rio Grande produzia grandes líderes nacionais. Faz tempos que o Rio Grande deixou de produzir essas grandes lideranças nacionais.

IHU On-Line – Algum Estado tem produzido essas grandes lideranças nas últimas décadas?

Gunter Axt – Acho que há uma crise de grandes lideranças sem dúvida nenhuma. Por isso há um certo saudosismo e um romantismo das pessoas, com um período que passou. Hoje a política é muito mais pragmática, muito mais técnica, muito menos romântica do que era na época do Brizola, para não dizer outras coisas que aconteceram com a política nacional. Vemos realmente, uma superficialidade cada vez maior, mais imperante. Assistimos, por exemplo, os discursos nos legislativos e percebemos a incapacidade da maior parte dos políticos de ter concordância verbal, concordância nominal, há uma queda de nível, de qualidade na política nacional que é amplamente perceptível pelos analistas. Isso fragiliza as instituições. O poder legislativo tem se fragilizado em consequência desse problema. Onde é que está a massa crítica do País para fazer uma oposição consistente a certas proposições que surgem de repente, do dia para a noite, e parecem então tão maravilhosas?

IHU On-Line - E onde está? Entre os intelectuais?

Gunter Axt – Pois é, eu acho que os intelectuais estão cuidando da sua vida, eu não vejo os intelectuais ocupando espaços públicos, defendendo projetos, defendendo idéias, até como se fazia muito no passado. No Rio Grande há algumas tradições peculiares, o antigo Partido Democrata Cristão e o antigo Partido Libertador - PL, foram partidos que surgiram da redemocratização do País, antes do golpe de 1964, justamente na esteira de um projeto de fazer uma política diferenciada, mais intelectualizada, trazendo acadêmicos e intelectuais para o campo da política. Esses projetos não encontramos mais, o PSDB tentou um pouco isso, mas, há no campo político brasileiro uma enorme dificuldade de definir um projeto de nação.

“USANDO APENAS A PALAVRA, MUDOU A CARA DO PAÍS E ABORTOU UM GOLPE DE ESTADO”.

Entrevista com Flávio Tavares

*Usando apenas a palavra, Brizola mudou a cara do País e abortou um golpe de Estado. Assim Flávio Tavares evoca o político gaúcho, cuja audácia e paixão pela política o levaram a liderar o movimento da Legalidade. Essas qualidades destacavam-se, entre outras, no homem Brizola, afirma Flávio Tavares – ele próprio também um personagem da história política brasileira. Jornalista, foi um dos organizadores do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), idealizado por Brizola para enfrentar a ditadura militar. Foi preso, torturado e banido do País em 1969, retornando em 1980, depois da Anistia. Formado em direito, professor da Universidade de Brasília, dedicou-se ao jornalismo. Foi colunista político da rede de jornais **Última Hora**, redator e correspondente do **Excelsior** do México, editorialista do **Estado de S. Paulo** e correspondente da **Folha de S. Paulo** na Argentina. Acompanhou de perto, como jornalista e militante de esquerda, episódios que levaram ao golpe militar de 64, à repressão e à luta armada. Do seu convívio com Brizola, destaca, ainda, a coerência, que, muitas vezes, o levava a perder votos, para continuar defendendo suas idéias – coisa que o distingue dos políticos atuais que, em geral, procuram dizer apenas o que o interlocutor quer ouvir. Mas não deixa de apontar os seus defeitos, marcados por traços caudilhescos. Flávio Tavares é autor de **Memórias do esquecimento**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1999. Ele retrata as experiências vividas no livro que acaba de lançar: **O dia em que Getúlio matou Allende**, pela editora Record, onde conta as profundezas do que viu como jornalista nos centros do poder, nos anos de 1950 à 1960.*

IHU On-Line - Como se deu o seu convívio com o Brizola?

Flávio Tavares - Conheci o Brizola quando eu era Presidente do Grêmio Estudantil do Júlio de Castilhos em Porto Alegre, em 1951, 1952, e ele era deputado estadual, mas já uma pessoa muito influente, muito dinâmica. Com a ajuda dele resolvi pequenos problemas ou até mesmo maiores com o governo do Estado, o governador era o Ernesto Dornelles, que era do partido do

Brizola, era trabalhista¹⁰. Depois, na eleição do Brizola para prefeito, na primeira eleição do Brizola, eu fiquei no outro lado porque eu era do Partido Socialista, que lançou como candidato na época o Cândido Norberto¹¹, com o apoio discreto do João Goulart, que ainda não era vice-presidente da República, mas se preparava para ser candidato ao cargo. Mas foi um apoio discreto, tanto que o Brizola acabou sendo eleito por uma avalanche de votos.

IHU On-Line - Mas ambos, João Goulart e Brizola não eram trabalhistas já?

Flávio Tavares - Ambos eram trabalhistas, cunhados já, mas João Goulart era muito amigo do Cândido Norberto. Ele apoiou os dois. Apoiou discretamente, porque havia muita gente do Partido Socialista, como o Josué Guimarães, que era ligado ao João Goulart, que tinha sido chefe de gabinete do João Goulart em Porto Alegre, quando João Goulart era Secretário de Justiça. Depois, eu continuo dirigente estudantil, sempre mantendo contato com Brizola, seja quando ele foi Secretário do Estado, seja quando ocupou o cargo de prefeito. Na época, criamos o Restaurante Universitário, destinado aos estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. As instalações, durante a ditadura, foram transformadas na Escola de Polícia, na Azenha, foram literalmente roubadas dos estudantes. A minha relação com Brizola se transforma depois que eu passo a ser repórter político e ele governador do Estado e não acabou mais. O Brizola se transforma naquele homem audacioso, buscando sempre uma solução para os problemas populares, faz a nacionalização da empresa de eletricidade e depois da empresa dos telefones, ambas eram norte-americanas. Eu era editor político da Última Hora de Porto Alegre e além do mais cobria o Palácio. Última Hora era um jornal vespertino, de linha popular, que já tinha apoiado a política nacionalista de Getúlio Vargas, mas era um jornal de alto nível, não era um jornal popular num sentido de hoje.

IHU On-Line – Em seguida, o senhor participa do episódio da Legalidade...

Flávio Tavares – O episódio que nos aproximou e nos tornou, digamos, íntimos praticamente, foi o episódio da Legalidade, da renúncia do Presidente Jânio Quadros, quando os ministros militares vetam a posse do vice-presidente João Goulart por considerá-lo um golpista que estava em visita oficial à China comunista e à União Soviética. Brizola sugere, então, que a Última Hora de Porto Alegre faça uma reedição especial, lançando a campanha pela posse do João Goulart. Naquela época, os vespertinos não circulavam aos domingos, assim como os matutinos, como o Correio do Povo, não circulavam às segundas-feiras. E num domingo nós lançamos uma edição extra da Última Hora, cuja manchete era mais ou menos a seguinte “Rio Grande diz não ao Golpe: Jango na Presidência”, e foi a primeira e única vez na história talvez, que uma edição de jornal sai protegida pela Brigada Militar, pela polícia, porque nós achávamos que o Exército ia impedir a circulação do jornal. O Exército não impediu, o que significou que alguma coisa estava acontecendo no Exército em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, que o Exército não obedecia totalmente às linhas dos ministros militares em Brasília que vetavam a

¹⁰ Ernesto Dornelles (1897-1964) foi Interventor Federal no Rio Grande do Sul de 1943 a 1945, nomeado por Getúlio Vargas. Integrava o Partido Social Democrático (PSD), do qual foi um dos organizadores e que surgiu, como é sabido, estimulado por Vargas. Eleito pelo voto popular e com o apoio de Vargas, governou o Rio Grande do Sul de janeiro de 1951 a janeiro de 1955 (Nota do *IHU On-Line*).

¹¹ Jornalista e radialista gaúcho, nasceu em 1927. Formou-se em advocacia e foi deputado estadual por quatro mandatos consecutivos, pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB). Foi cassado pelos militares, em 1966. Graduou-se em jornalismo na primeira turma formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 1954. Afastado parcialmente das atividades profissionais, mantém um comentário na Rádio Gaúcha e é cronista do jornal Zero Hora, ambos da Rede Brasil Sul de Comunicações (RBS). Cândido Norberto foi paraninfo da turma de jornalistas da Unisinos formada no primeiro semestre de 2000.

posse de João Goulart. Então, o episódio da Legalidade foi o mais valioso e o mais importante da história brasileira da segunda metade do século vinte, foi mobilizador de massas, é importantíssimo. Vingou pelo Brasil inteiro porque o Brizola teve a idéia de requisitar as estações de rádio e com elas formar uma cadeia que passou a se chamar a Cadeia da Legalidade, que transmitia vinte e quatro horas por dia dos porões do Palácio e que chegava a todos os pontos do País.

IHU On-Line – Como foi que o senhor se aproximou tanto de Brizola a ponto de envolver-se em um movimento armado?

Flávio Tavares - A minha relação com o Brizola se desenvolveu porque eu continuava como jornalista da Última Hora e militante político, e quando ele deixa o Governo do Estado do Rio Grande do Sul e é eleito deputado pelo Rio de Janeiro. Vai para Brasília e me encontra lá, como colunista político da rede de jornais Última Hora, quer dizer, da Última Hora do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Curitiba, Recife e Belo Horizonte. Era uma rede de jornais de linha nacionalista, popular, reformista, que apoiava o Programa de Reformas de Base do presidente João Goulart, e eu era o colunista político, a minha coluna saindo em todos os jornais da rede. Essa circunstância me aproxima muito de Brizola, até que vem o golpe militar, e ele é obrigado a se exilar no Uruguai, isso no dia 1º de abril de 1964. Em 1º de janeiro de 1965, eu vim passar o feriado em Porto Alegre e aqui tomei um avião e legalmente fui a Montevideu e visitei o João Goulart e o Brizola. E nossa relação tomou uma nova feição. Eu vi que o Brizola estava decidido a resistir e me integrei ao movimento de resistência que ele comandava no Brasil e aos poucos fui sendo a sua pessoa de confiança numa área do Brasil. Eu passei a ser o coordenador da área do Planalto Central, da parte do Norte Brasil, do Movimento Nacionalista Revolucionário, o MNR, que foi o organismo criado pelo Brizola, no exílio, como uma tentativa de resistência ao golpe militar. Nós tentamos implantar uma série de focos de guerrilha. O MNR implantou três focos de guerrilha no Brasil que depois não deram certo, e eu acabei sendo preso. Começou a desmoronar com a prisão de um foco guerrilheiro, a prisão de todos os membros de um foco em Minas Gerais, localizado na fronteira com o estado do Rio, na Serra de Caparaó. Era integrado por um pessoal quase todo daqui do Rio Grande do Sul. Inicialmente, eles se estabeleceram no norte do Rio Grande do Sul, mas depois, com o assassinato na prisão aqui em Porto Alegre do ex-sargento, Manoel Raimundo Soares - foi assassinado pela polícia e pelo Exército - com isso o plano foi desmantelado e todos os integrantes do foco guerrilheiro se mudaram para Minas Gerais e lá, na Serra do Caparaó, foram capturados. Isso nos baixou muito a moral, porque era uma situação que nos desmoralizava muito perante nós mesmos, não perante a opinião pública. Mas continuamos com as nossas outras duas tentativas de foco guerrilheiro, até que eu sou preso em Brasília por uma delação. A polícia descobriu alguma coisa por um grupo que nos apoiava em Uberlândia, em Minas Gerais. Sem coordenador na região central, no Planalto Central e no Norte do Brasil, as nossas duas tentativas de guerrilha começam a ser desmanteladas. Depois disso, eu saio da prisão. Mas antes disso um outro episódio, internacional, faz com que o próprio Brizola e todos nós, passássemos a rever os nossos conceitos sobre a guerrilha rural: em 1967, o Che Guevara é ferido, capturado e assassinado na Bolívia. Eu estava na prisão no interior de Minas Gerais, na cidade de Juiz de Fora, quando recebi os jornais com a notícia. Isso para nós foi um golpe muito forte, muito duro e daí para diante nós revisamos o que pretendíamos fazer. Mas a minha maior vinculação com o Brizola vem dessa época. A última vez que nos encontramos foi na sua última aparição pública, no dia 31 de maio deste ano, no lançamento do meu livro ***O Dia em que Getúlio Matou Allende***, no Rio de Janeiro. Ele compareceu e ainda me chamou pelo meu nome de guerra na época da resistência: "Félix."

IHU On-Line - A guerrilha contava com dinheiro cubano ou soviético?

Flávio Tavares - Não, soviético não, pelo contrário, a União Soviética estava contra a guerrilha. Nós recebemos dinheiro de Cuba O Brizola recebeu, nós não. Ele reconheceu isso publicamente, isso fazia parte da visão de solidariedade internacional que Cuba tinha naquela época, que era a visão guevarista da guerrilha. Ou seja, como o Cristianismo que é universal – o Cristianismo não tem pátria, se não teria de estar circunscrito ao Estado de Israel, de onde era Cristo - as grandes causas são universais. O socialismo libertário de Guevara também é universal. Então uns têm que ajudar os outros. A ajuda não foi uma interferência de Cuba, foi uma ajuda leal que Cuba deu ao Brizola e a vários outros aqui no Brasil.

IHU On-Line - Esse dinheiro foi utilizado na estruturação da guerrilha?

Flávio Tavares – Sim, os recursos foram pequenos, em dólares, foi pouca coisa. Não sei dizer em números de hoje... Ele reconheceu isso publicamente numa entrevista logo que chegou do exílio, falando para uma rádio em Porto Alegre. Foram uns duzentos mil dólares, não foi mais do que isso. É pouca coisa, para um movimento guerrilheiro.

IHU On-Line – Do convívio com Brizola, o que lhe marcou mais?

Flávio Tavares - Entre as suas várias qualidades e alguns dos seus defeitos, tem duas coisas que eu ressalto: a audácia e a paixão. Brizola era audacioso. Foi com a sua audácia que ele fez aquele grande movimento da Legalidade, que mudou a cara do País, que fez abortar o golpe de estado. O Brizola desmantelou o golpe pela audácia dele como governador, usando apenas a sua palavra. Naquela época, o Brizola convencia pela palavra e era jovem! Ele mobilizou massas no Rio Grande do Sul e no Brasil pelo rádio como ninguém o fez. Bom, primeiro a audácia, segundo, a paixão. A paixão que ele tinha pela política. Não pela política como contagem de votos, como a quase totalidade dos políticos faz hoje. Eles são caçadores de votos, e o Brizola não era. O Brizola, às vezes, perdia votos para defender as suas idéias. Entre os votos e as suas idéias, ficava com as suas idéias e perdia votos. Isso o diferencia muito dos políticos de hoje que não têm idéias, que dizem aquilo que o interlocutor está pensando.

IHU On-Line - Essa postura não o teria deslocado da forma contemporânea de fazer política?

Flávio Tavares - Sim. Porque a forma contemporânea de fazer política é farisaica em que a falsificação, a ilusão e a mentira têm mais valor que a palavra coerente. Então, eu acho que, realmente, o Brizola, nos últimos anos, ficou deslocado, porque ele terminou coerente, ele continuou coerente, não abdicou das suas idéias, ao invés de, por exemplo, de se atirar para as empresas de publicidade e fazer programas de televisão bonitinhos, como se estivesse vendendo um refrigerante, como se estivesse vendendo um sabonete, ele ia para frente da televisão e dizia o que pensava, enquanto todos os outros, absolutamente todos, até o Lula, que eu acho uma figura honesta, até o Lula, recorreu às empresas de publicidade, vendeu as suas idéias como se tivesse fazendo publicidade de um refrigerante ou de um sabonete.

IHU On-Line - A que se pode atribuir a dificuldade do Brizola de conviver com lideranças novas?

Flávio Tavares - O Brizola, em algumas situações, era autoritário, ou mais exatamente, caudilhesco, eu não diria autoritário. Mas isso ocorria em função da sua coerência de idéias. O Brizola não abdicava daquelas coisas das quais ele estava convencido. Ele era um pouquinho cabeçudo. Às vezes, ele se tomava de amores por uma pessoa e a defendia a vida inteira. Mas,

no aspecto fundamental, o Brizola nunca abdicou da sua coerência política, nunca traiu as suas causas, continuou sempre defendendo a soberania nacional, o nacionalismo, a capacidade brasileira de realizar o futuro do País com seus próprios meios, com a sua própria inventividade e criatividade. Sempre teve uma postura frontal com relação a essas multinacionais, essa invasão econômica, financeira e até cultural que há no País. Hoje, tudo nesse país vem de fora, só o que vem de fora é importante, nós passamos a ser papagaios, repetimos o que nos mandam de fora, passamos a ser pessoas incapazes de qualquer criatividade. O Brizola sempre se rebelou contra isso. Acho que esTa é a sua grande contribuição: ele tinha uma visão social profunda e além disso uma visão da criatividade nacional, da cultura nacional, de cada região, de respeito às culturas locais... Acho que isso o distanciou de uma série de pessoas que se transformaram em papagaios e só sabem repetir aquilo que a sociedade de consumo, com o seu egoísmo, propaga para o mundo inteiro.

IHU On-Line - Quais os erros que o Brizola teria cometido que o senhor lamentou?

Flávio Tavares - Eu acho que o grande erro do Brizola, e eu e algumas pessoas próximas a ele dizemos sempre isso, o grande erro dele foi confiar nos aduladores, principalmente nos que o cercavam dentro da estrutura partidária. O grande erro do Brizola foi ter dado apoio a uma série de demagogos e aduladores, de quadros partidários de todos os níveis, municipal, estadual, nacional. Brizola não soube se desvencilhar daquelas pessoas que unicamente, por oportunismo político se aproximavam dele e usavam o seu nome, ou continuam usando o seu nome, sem ter nenhum dos compromissos sociais, libertários, e o nacionalismo que ele teve. Ou seja, o grande erro do Brizola nos últimos anos da vida, foi ter admitido que os aduladores se aproximassem dele e o rodeassem.

IHU On-Line - Brizola foi populista?

Flávio Tavares – Essa idéia é incorreta, no sentido de que se quer dar ao populismo uma visão de pura demagogia eleitoral e política. O populismo foi definido pelos, entre aspas, acadêmicos, como algo negativo, passou a ser uma adjetivação pejorativa. É um termo artificial criado pelos acadêmicos que queriam um marxismo puro ou então eram de direita. Nesse aspecto, é incorreto dizer que o Brizola era um populista. Mas é correto se for dito que o populismo é um compromisso com a área popular, um compromisso com o povo e um compromisso com as suas idéias. Então, é incorreto dizer que o Brizola era um populista quando se dá ao populismo aquele sentido de mera demagogia eleitoral. Populistas são todos esses aí, a maioria desses que rodeiam o Brizola, ou que estão contra o Brizola, ou que até falam em nome da esquerda ou dos trabalhadores, porque o populismo, o chamado populismo no aspecto negativo, seria pelos atos, tanto pode ser um dirigente sindical e ser populista, pode ser um político e ser populista, está cheio de populista hoje na política brasileira, na direita e na esquerda. O Maluf é um populista, no entanto, ele pode ser considerado historicamente como homem da área popular? Não. Agora, quem vota no Maluf é o povo, o povo mais pobre de São Paulo é que vota no Maluf. O Collor. Quem votou no Collor? O povo mais pobre do País inteiro. Então, o populismo assim tomado pelos acadêmicos é uma abstração do popular, é uma contrafação do popular, é o oposto do popular e eu acho que o Brizola foi um líder popular, não foi um líder populista.

IHU On-Line - O que se pode esperar do trabalhismo e da política depois do Brizola?

Flávio Tavares - Olha, eu acho que realmente o Brizola encerra um período, é a figura que desenvolve toda uma tese que morre com ele. O trabalhismo ficou em nome de quê? Ficou em nome de uma estrutura partidária. Nós podemos chamar o PTB, que foi um partido criado pela

ditadura militar, que roubou inclusive a denominação das mãos do Brizola, o PTB que se diz trabalhista, nós podemos confiar em alguém do PTB, que é um saco de gatos, cujos filiados vêm de todas as origens políticas? Bom, no outro partido, o PDT, não sei. O PDT terá que resolver a sua nova ação, o PDT terá que resolver o seu futuro, se ele permanece fiel a seu fundador, o Leonel Brizola, ou se ele adota as posturas populistas, demagógicas de alguns de seus quadros, ou se transforma em um partido de aluguel em que qualquer pessoa entra, como entrou agora, em São Paulo, o Paulinho, da Força Sindical que passou a ser um, entre aspas, dirigente do PDT. Com relação ao quadro político partidário brasileiro, sou um pessimista. Com esses partidos que nós temos, com essa estrutura eleitoral que nós temos, é difícil mudar. Eu não em creio neles. Em geral, os políticos brasileiros são pessoas preocupadas unicamente com suas imagens, com as suas eleições, e não com as grandes massas populares. Brizola era um dos poucos honestos. Mas eu acho que há ainda alguns políticos realmente honestos.

UM HOMEM CONTRADITORIAMENTE COERENTE

Entrevista com Paulo Markun

*Episódio único na história do Brasil e provavelmente do mundo. A figura carismática de Leonel Brizola foi o único a levantar a voz e liderar uma mobilização contra um golpe anticonstitucional. É o que destaca Paulo Markun, em entrevista telefônica a **IHU On-Line**. Markun é jornalista desde 1971. Bacharel em Jornalismo pela USP, Markun já foi repórter, editor, comentarista, chefe de reportagem, e diretor de redação em emissoras de televisão, jornais e revistas. Atualmente, apresenta o Roda Viva da TV Cultura, faz comentários de política no Jornal do Terra, e preside o Sindicato da Indústria Audiovisual do Estado de Santa Catarina, onde vive desde 1998. Paulo Markun criou veículos de comunicação, como Pasquim São Paulo, Imprensa, Radar, Deadline, Jornal do Norte, e dirigiu documentários e vídeos. No momento, o jornalista está concluindo a biografia comparada de Fernando Henrique Cardoso e Luís Inácio Lula da Silva. É autor de diversos livros, entre eles **Dom Paulo Evaristo Arns, o cardeal do povo**. Editora Alfa ômega, 1978 (com Getúlio Bittencourt); **Maribel Mariscott, a máfia manda flores**. Editora Global, 1981 (com Ernesto Rodrigues); **Como perder as eleições**. Feeling/Editora Três, 1989; **Anita Garibaldi, uma heroína brasileira**. Senac São Paulo, 1999; e **Muito além de um sonho, a história da Unisul**. Editora Unisul, 2001 (com Duda Hamilton).*

IHU On-Line- Qual é a importância histórica da Cadeia da Legalidade?

Paulo Markun- Foi a única vez, no Brasil, e uma das poucas no mundo, em que um movimento civil conseguiu impedir o golpe militar que tinha a adesão dos três Ministros Militares e 70% da força militar do País. Jânio Quadros havia renunciado - nunca se soube até hoje qual era a razão dessa renúncia. Tudo leva a crer que ele pensava que seria um movimento de renúncia rapidamente revertido numa espécie de fortalecimento de sua posição e voltaria nos braços do povo, mas não houve o protesto popular e o Congresso não discutiu a renúncia, simplesmente aceitou. Foi uma jogada dos congressistas. Jânio ficou, tudo nos leva a crer isso, muito frustrado e foi embora do País. Desse vazio de poderes, os três ministros militares não queriam que Jango assumisse e deram posse ao Presidente do Congresso Nacional como Presidente da República. Nesse momento Brizola é o primeiro que se revolta contra essa idéia e começa, imediatamente, a transmitir por rádio – todas as emissoras tinham sido colocadas sob censura, salvo uma, a Guaíba de Porto Alegre. A partir da Guaíba ele começa a transmitir e isso começa a dar repercussão. Ao longo do tempo ele modifica inclusive a direção em que o sinal da emissora era transmitido, de ondas curtas, para justamente atingir o resto do Brasil, e outras emissoras vão captando até que ao longo desses doze dias, que demorou o processo, havia 104 emissoras integradas numa rede e com isso, conseguiu incendiar o País, a partir de Porto Alegre. Nunca tinha sido feito também, em termos técnicos, uma rede de rádio tão poderosa e,

no momento em que o comandante do 3º Exército instalado no Rio Grande do Sul, General Machado Lopes, adere a essa rede da Legalidade, o quadro, de alguma forma, se equilibra melhor do ponto de vista militar porque o 3º Exército, na época, era o exército mais poderoso do país em função da desavença com a Argentina e aí começou a ficar possível algum tipo de resistência. Até então, ele só se apoiava na Brigada Militar, que é a força pública do Rio Grande do Sul, e na mobilização de voluntários. Chegou a inscrever quarenta mil voluntários num movimento de resistência. Isso virou o processo e acabou com o golpe. Houve uma ordem expressa do Governo Federal, dos Ministros Militares para bombardear o Palácio Piratini e silenciar o Governador a qualquer preço, mas os sargentos da Aeronáutica impediram que os aviões levantassem vôo. Fizeram uma espécie de boicote, tiraram peças dos aviões, e, nesse meio tempo, o General mudou de posição.

IHU On-Line- Em que se baseava a liderança de Brizola, nessa época, para ser capaz de uma mobilização tão grande?

Paulo Markun- Na sua fantástica oratória. Na capacidade que ele tinha de comunicação pelo rádio. Ele era muito experiente, fazia desde que tinha sido Prefeito de Porto Alegre e depois como Governador, programas de rádio toda a semana em que ele, durante mais de uma hora ou às vezes duas horas seguidas, ficava contando o que estava acontecendo, fazendo uma pregação radiofônica. O outro fato é que aquele momento da renúncia do Jânio desorganizou completamente a sociedade porque ninguém esperava aquilo, nem a decisão dos militares de proibir a posse do Presidente que deveria assumir. O Vice-Presidente tinha sido eleito— porque naquela época não se votava no Presidente apenas, votava-se numa cédula no Presidente e na outra no Vice-Presidente. Jango tinha sido eleito com Juscelino, porque era do PTB, aliado com o PSB e, depois, tinha tido mais votos do que o próprio Vice do Jânio Quadros, da UDN. Jânio tinha legitimidade, então, essa tese de que era preciso garantir a posse do Vice-Presidente no cargo era muito fácil de defender. Além disso, o Marechal Teixeira Lott, o homem mais respeitado no Exército, tinha sido Ministro da Guerra, candidato a Presidente da República e perdido para Jânio Quadros, defendeu a posse do Jango e foi preso por causa disso, pelos militares. Então, era um golpe palaciano, uma quartelada que eles queriam dar por telefone. Se Brizola não tivesse comandado essa resistência, justamente por essa cadeia de rádios, não teria se passado nada.

IHU On-Line- Como aconteceu a aproximação entre Brizola e Fidel Castro, na década de 1960?

Paulo Markun- Em 1964, ele saiu do Brasil e foi para Uruguai. Lá manteve contato com Fidel Castro e recebeu dinheiro dele para montar uma guerrilha no Brasil. Essa guerrilha estava para ser desenvolvida na região central do Brasil, mas acabaram descobrindo, antecipadamente, um outro foco e ela foi desmontada. Isto recentemente foi relatado pelo jornalista Flávio Tavares, no último livro dele que se chama ***O dia em que Getúlio matou Allende***. Flávio Tavares, inclusive, era um desses integrantes do grupo guerrilheiro financiado por Brizola. O apelido de guerra de Brizola era Pedrinho e o grupo funcionava, nitidamente, com recursos fornecidos por Fidel Castro, mas, depois do fracasso Flávio Tavares acabou sendo processado e condenado. E esta história até hoje não foi claramente desvendada. Está começando a se esclarecer neste momento, mas a liderança era, claramente, de Brizola. Agora Fidel mandou um telegrama altamente elogioso para ele. Depois disso, Brizola se afastou dessa idéia da guerrilha, mas, certamente, o primeiro movimento de resistência armada à ditadura militar foi inspirado pelo Brizola, comandado por ele lá do Uruguai.

IHU On-Line- Ao voltar do exílio Brizola mudou?

Paulo Markun- Eu vejo que há dois mundos, um antes da Guerra Fria e outro depois. Quem mudou não foi o Brizola, foi o mundo. Ele talvez não tenha compreendido suficientemente quanto o mundo tinha mudado e, até mesmo, no que toca à comunicação. Ele era um homem muito eficiente para falar no rádio, mas nunca entendeu a televisão. Tentava manter aquele mesmo discurso longo, demorado, cheio de pausas. O que funcionava no rádio, na televisão não funcionou e o discurso dele no que representa a questão do nacionalismo, da importância da educação, das restrições ao capital estrangeiro, da participação popular, parecia fora de tempo. Tanto que se examinamos também as relações dele com o PT que é, na prática, o herdeiro do trabalhismo - o PT não é trabalhista no sentido de vínculos com o João Goulart ou com o Getúlio Vargas, muito menos com Brizola, mas ele é trabalhista no sentido que busca organizar os trabalhadores -, as relações sempre foram muito tensas. Ele até admitiu a aproximação com o PT e foi até vice do Lula. Mas ao mesmo tempo foi quem chamou Lula de sapo barbudo e a primeira briga dele – isso está no livro que eu estou publicando agora em outubro¹² – foi logo que ele voltou ao Brasil porque alguém dos sindicalistas ligados a Lula falou mal de Getúlio Vargas. Brizola começou a defender Getúlio e a reunião acabou.

IHU On-Line- Como você definiria o populismo de Leonel Brizola?

Paulo Markun- Brizola é uma cria de Getúlio Vargas e do seu populismo e seu trabalhismo. Pode-se pensar que às vezes o populismo estaria menos ligado à defesa dos interesses dos trabalhadores ou dos menos valorizados. Brizola não era apenas um defensor dos trabalhadores que tem carteira assinada e emprego, ele sempre trafegou muito bem e angariou muita simpatia com o chamado campesinato, aquelas pessoas populares não organizadas, que não tem consciência de uma classe social. Por isso digo que Brizola era populista, mas era mais trabalhista. No sentido de que defendia esses interesses e não necessariamente pensava somente no seu próprio desempenho. Se não fosse assim ele jamais seria vice do Lula, em 1998. Eu nunca fui brizolista, não sou nada, um jornalista, simplesmente, nunca concordei com as idéias de Brizola, mas acho que a sociedade, de alguma forma está rendendo homenagem - com aquele desconto natural de que todo brasileiro que morre vira santo - ao fato da coerência de Brizola. Mesmo, por exemplo, que ele em 1989 e 1994 tenha se voltado contra Lula, em 1998, tenha sido vice de Lula e em 2002 tenha apoiado o Lula e 2003 já tivesse sendo uma das principais vozes da oposição. Na cabeça dele havia uma coerência nessa trajetória. Ele era contraditoriamente coerente, se é que se pode dizer isso. Em certos momentos fazia acordos que não dava para entender. Mas, se você traça uma linha de conduta dele ao longo do tempo, essa linha é mais coerente do que muitos políticos.

IHU On-Line - Essa coerência se mostrou muito na idéia de um projeto de desenvolvimento nacional. Por que essa idéia parece não avançar muito na atualidade?

Paulo Markun- A força do processo da globalização de um lado e de outro o fascínio que a possibilidade de entrar no primeiro mundo exerceu no Brasil desde o governo Collor. Quem apresenta essa idéia é Collor e isso pega de tal maneira que passado o intervalo de Itamar Franco, vem oito anos de FHC, em que essa foi a receita. Brizola ficou muito marcado como alguém que defendia um projeto nacional que era impossível de ser levado adiante, porque já não tinha mais espaço para isso e hoje acho que o que Lula tenta fazer, é, de alguma forma,

¹² “O sapo e o príncipe”. Trata-se de uma biografia de Luís Inácio Lula da Silva e do Fernando Henrique Cardoso. Será publicado pela Editora Objetiva.

retomar essa idéia do projeto nacional em um outro patamar. A discussão é se está conseguindo ou não.

IHU On-Line- Em que sentido iria essa busca?

Paulo Markun- No caso de Lula na política externa. Na inserção do Brasil em um protagonismo na América do Sul. Eu acho que é muito discurso. Brizola tinha muito o discurso, porém marcado por certas atitudes ao longo da vida dele, que eram radicais ao extremo. Por exemplo a de encapar a ITT e a Companhia de Energia Elétrica depositando um cruzeiro apenas, que era o valor histórico daquilo. Isso deu uma confusão tão grande que o próprio presidente Kennedy cobrou de João Goulart a mudança dessa regra. Ele queria que o Jango fizesse Brizola reverter essas decisões de encapar essas duas empresas pelo valor histórico. Ele tinha um argumento jurídico para defender isso. Mesmo no próprio governo de Rio de Janeiro, as atitudes dele foram muito de não aceitar o predomínio do capital internacional, usava sempre a expressão “perdas internacionais do Brasil”.

IHU On-Line- Quais os principais fatos que dentro da trajetória de Brizola não se explicam muito bem até o momento?

Paulo Markun- O apoio ao presidente Collor. A sua aproximação com o presidente Figueiredo, quando a oposição toda falava em Campanha das Diretas já, em certo momento Brizola queria esticar o mandato de Figueiredo mais um pouco. Outra contradição é que foi ele quem propôs inicialmente a idéia da renúncia de Fernando Henrique no início do seu segundo mandato. Essa tese cresceu porque uma parte do PT aderiu, mas a idéia foi do Brizola. Ele foi o mais entusiasmado defensor. Outra foi ele declarar, como fez no último 31 de março, que FHC e Sarney foram piores que os militares. Algumas coisas não batiam muito com a lógica.

IHU On-Line- Durante os últimos dias debate-se na imprensa se a morte de Brizola empobrece ou até esvazia a política brasileira. O que o senhor acha disso?

Paulo Markun - Isso tem a ver com o desencanto em relação ao governo Lula. Como estamos vivendo um momento em que se esperava muito que as coisas foram a mudar e não mudou nada, e você percebe alguém que persistiu nas suas idéias, parece que ele é mais consistente ou mais brilhante que outros. Um outro dado é esse fenômeno típico do Brasil, não sei se em outros países é assim, que quando a pessoa morre se fala bem dela. No velório de Brizola estavam Garotinho e Rosinha, a esposa, que eram adversários até bem pouco tempo, embora agora já tivessem se reaproximado e o filho de Roberto Marinho, depois foi Lula. Não estou dizendo que eles não deveriam ir, mas é difícil não ver aí um excesso de endeusamento de quem morre. Ontem, eu lia no jornal *O Globo* uma matéria que dizia que o Brizola tinha empurrado o Brasil para uma guerra civil em 1962. São dois erros históricos numa frase só: primeiro que não foi em 1962 e sim em 1961 que ele liderou a chamada Cadeia da Legalidade, segundo que ele não empurrou o Brasil para a guerra civil, ao contrário, ele se insurgiu contra o golpe militar. Com coragem, sem temor, com firmeza. Naquele momento, e aí eu acho que ele se inscreveu na história do Brasil marcantemente, ele não mediu as conseqüências e esse é um episódio apagado da história brasileira. Eu fiz junto com a jornalista Duda Milton um livro que conta essa história pelos 40 anos da legalidade, mas até então havia uma geração inteira que não sabia dessa história.

“BRIZOLA DESPERTOU ÓDIOS E AMORES”

Entrevista com Luiz Alberto Moniz Bandeira

*Amigo e companheiro de Leonel Brizola, Luiz Alberto Moniz Bandeira, conheceu Brizola em 1958. Foi o cientista político que sustentou a tese de que o Partido Trabalhista desempenhava no Brasil um papel equivalente ao da social democracia e apresentou o líder trabalhista à Internacional Socialista. Moniz Bandeira conversou com IHU On-Line por telefone, na última semana, de sua residência, na Alemanha. Ele é cientista político e professor emérito de política exterior da Universidade de Brasília. Um dos maiores estudiosos do governo João Goulart, Moniz Bandeira, 69 anos, reside em Saint Leon, na Alemanha. Doutor em Ciência Política, tem mais de 20 obras publicadas. Entre elas, citamos **O 24 de Agosto de Jânio Quadros**. Rio de Janeiro: Melso, 1961; **O Caminho da Revolução Brasileira**. Rio de Janeiro: Melso, 1963; **Cartéis e Desnacionalização (A Experiência Brasileira - 1964-1974)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975; **O Governo João Goulart e As Lutas Sociais No Brasil (1961-1964)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977; **Brizola e O Trabalhismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979; **A Renúncia de Jânio Quadros e A Crise Pré-64**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1979; **De Martí a Fidel - A Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998; e **O feudo – A Casa da Torre de Garcia d’Ávila: da conquista dos sertões à independência do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.*

IHU On-Line- Que tipo de política está morrendo, ao morrer Leonel Brizola?

Luiz Alberto Moniz Bandeira- Está morrendo uma grande personalidade que, de uma forma ou de outra, marcou a história do Brasil na segunda metade do século XX. Despertou ódios, amores, paixões, mas desempenhou um papel muito importante na história do Brasil.

IHU On-Line- As idéias de Brizola estavam ultrapassadas?

Luiz Alberto Moniz Bandeira- O problema de Brizola foi que o seu discurso não acompanhou o tempo. Não é no sentido de formulação de idéias, porque ele nunca as expôs efetivamente de um modo sistemático. Ele tinha algumas bandeiras pelas quais se batia, lutava, porém temos que destacar a sua vida e o seu comportamento nos diversos acontecimentos políticos. Ele não deixou uma doutrina ou uma teoria, pois o trabalhismo em si não é doutrina dele. Foi gerado durante um certo tempo e teve o seu desdobramento, a sua continuidade, inclusive agora no governo Lula, ainda que eles não queiram assumir formalmente esse legado. O trabalhismo foi e é a expressão brasileira da social-democracia.

IHU On-Line- Como o senhor caracterizaria o trabalhismo de Vargas e Brizola?

Luiz Alberto Moniz Bandeira- É uma política nacionalista, que não é liberalizante, uma política a favor dos interesses nacionais, como tem demonstrado o governo Lula com a sua política exterior. O governo Vargas lutou pelos interesses nacionais. Getúlio foi um grande desenvolvimentista, e nós devemos o Brasil atual a ele. Sem a Siderúrgica de Volta Redonda, não haveria o Brasil industrial de hoje. O Brasil continuaria sendo um país agro-exportador, baseado na cultura do café e subordinado ao capital financeiro. Vargas desempenhou importante papel. Foi a maior personalidade política do Brasil no século XX. Seu governo construiu as bases do Brasil moderno. Brizola, porém, nunca chegou à Presidência da República. Nos governos do Rio de Janeiro, realizou alguns feitos importantes, obras como o Sambódromo e a Linha Vermelha e destacou-se na política educacional. Embora esse aspecto muito importante da visão dele tenha fracassado, porque a política educacional não é só construir escolas somente; tem que preparar professores, dar-lhes condições, recursos; não basta construir escolas sem ter condições de sustentá-las, de melhorar o ensino básico. Agora o Governo Federal estabeleceu cotas para admissão de negros e alunos de escolas públicas

nas Universidades. Isto é bobagem. O problema não é estabelecer cotas, mas melhorar o ensino básico, nas escolas públicas, que já foram muito boas e o regime militar degradou, para dar prevalências às escolas privadas. O problema é fazer as escolas públicas melhores que as escolas privadas, como era antigamente.

IHU On-Line- Brizola era, de fato, o herdeiro de Vargas?

Luiz Alberto Moniz Bandeira- Brizola não chegou à Presidência, ele discursou, falou, falou, mas não construiu do ponto de vista político uma obra. Valorizou as minorias, os negros... Teve uma importância muito grande. O maior feito de Brizola foi a Cadeia da Legalidade, quando ele garantiu a posse de João Goulart na Presidência. Ele foi, durante muito tempo, símbolo da resistência e da oposição, enquanto houve o regime militar no Brasil. Esse, sim, é o período dele. Ele representou a oposição ao regime militar. O primeiro e único civil em toda a América Latina a derrotar um golpe militar, mobilizando o povo. A adesão dele, por exemplo, à social-democracia foi proposta por mim. A tese está no meu livro *O Governo de João Goulart*, cujos originais levei para ele no Uruguai, em 1977, antes de sua expulsão. Mostrei que o trabalhismo foi em realidade um partido do tipo social-democrata, dentro das condições sociais do Brasil. Brizola aceitou essa idéia e foi um contributo que ele deu também, ao aceitar o trabalhismo como a versão brasileira da social-democracia, o que ele chamou, aliás com muita propriedade, de “socialismo moreno”. Na verdade, porém, ele nunca compreendeu a teoria e a prática da social-democracia, nem mesmo a organização. Ele continuou conduzindo o partido como se fosse apenas ele. Por outro lado, embora Lula não assuma o legado de Vargas, ele é quem está executando uma política mais próxima do que foi a política do trabalhismo.

IHU On-Line- Considera que Brizola era autoritário?

Luiz Alberto Moniz Bandeira - Brizola era personalista. Não era autoritário. Pelo contrário, até discutia, conversava, mas só depois fazia o que ele queria. Reunia as pessoas ficava até a madrugada ouvindo todo mundo, depois chegava no final e fazia como ele queria. Não era autoritário, porque não obrigava ninguém a fazer nada. Era uma pessoa cordial, amável, tinha qualidades excelentes, excepcionais, tanto que ele foi um grande líder. Há pessoas que até hoje sentem a sua liderança, estão sob a sua liderança, mas o seu temperamento não permitia agregá-las durante muito tempo.

IHU On-Line- Há episódios que parecem contraditórios, como a relação de Brizola com Fidel Castro e o posterior refúgio na embaixada americana...

Luiz Alberto Moniz Bandeira- Não são contraditórios. A política muda conforme a época. Ele, durante um tempo, aliou-se ao Fidel Castro como ele se aliará, ao diabo e à avó do diabo, contra o regime militar. Ele mesmo dizia: “Se o diabo aparecesse e estivesse contra o regime militar, eu me aliará a ele”. No tempo em que preferiu ir para os Estados Unidos, ao ser expulso do Uruguai, a política de Jimmy Carter era democrática, em favor dos direitos humanos, e estava contra o regime militar no Brasil e na América Latina.

IHU On-Line- Como foi a sua história com o Brizola, como o conheceu?

Luiz Alberto Moniz Bandeira- Conheci Brizola em 1958, quando estive no Rio Grande do Sul acompanhando o Presidente italiano Giovanni Gronchi. Aproximei-me mais dele em 1961, depois da ascensão de Jango à presidência, e passamos a ter maior convivência no Uruguai, em 1964, quando fui para lá como exilado, quando Jango foi deposto. Depois voltei ao Brasil, clandestino, fui preso dois anos e, em 1975, voltei ao Uruguai e à Argentina a fim de pesquisar para a minha tese de doutoramento sobre a Bacia do Prata. Foi nessa época que comecei a

escrever o livro sobre Jango. Estive várias vezes com Brizola, que ainda estava rompido com Jango, e convivi muito com ele, após sua ida para os Estados Unidos, onde o recebi no aeroporto de Nova York. Quando Jango morreu, levei os originais do meu livro O Governo João Goulart para Brizola, na sua estância, em Durazno. Como já lhe disse, nesse livro, eu sustentei a tese de que o Partido Trabalhista desempenhara no Brasil um papel equivalente ao da social democracia e ele aceitou essa idéia. E sugeri, também, que Brizola assumisse o legado de Jango e reorganizasse o Partido Trabalhista Brasileiro. O ex-deputado Carlos Olavo Simão da Cunha estava comigo durante essa conversa. E partir desse momento, começamos uma nova fase de reorganização do PTB.

IHU On-Line- Acompanhou essa ruptura entre Brizola e Jango?

Luiz Alberto Moniz Bandeira - Eles brigaram. Aliás, o Brizola brigou, porque o Jango não brigava com ninguém. Brizola brigou com ele, porque queria que Jango apoiasse seus projetos de insurreição no Rio Grande do Sul, e Jango não quis. Preferiu a opção política. Ele evitava derramamento de sangue.

IHU On-Line- Brizola costumava falar de sua relação com Getúlio Vargas?

Luiz Alberto Moniz Bandeira- Não, Brizola era muito jovem na época de Vargas. Não creio que tivesse convivência com Vargas, que era bem mais velho, apesar de ter sido seu padrinho de casamento. Jango, sim, foi que conviveu com Vargas, desde que ele foi para São Borja, após o golpe que o derrubou em 1945

IHU On-Line- Quais foram as suas principais diferenças com Brizola?

Luiz Alberto Moniz Bandeira- Sempre gostei de Brizola, admirei-o, respeitei-o, mas tinha muitas divergências com ele. Sou um homem organizado e nunca fui acaudilhado. Brizola pedia-me para fazer algo, eu combinava uma coisa e cumpria, mas ele depois mudava tudo. Não respeitava compromissos. Uma vez, Bernt Carlson, secretário da Internacional Socialista, me pediu que o PDT organizasse um secretariado internacional e lhe disse das pessoas que o comporiam. Falei com Brizola, e combinamos os nomes. Mas depois Brizola veio com outros e sempre, mudava sempre conforme suas conveniência, para agradar a fulano ou beltrano, porque, na verdade, o secretariado nada representava para ele. Ele, Brizola, era o secretariado, era tudo no PDT. Certa vez, Bocaiúva Cunha pediu-me um esquema do secretariado internacional. Preparei-o e quando Bocaiúva o mostrou a Brizola, ele disse que era europeu demais, que não valia para o Brasil, pois no Brasil tudo é mesmo improvisado. Brizola racionalizava o improvisado, a desorganização e dizia que eu era “sociedade industrial”. Jango me disse uma vez que Brizola não sabia escolher seus auxiliares. E é verdade. Somente gostava daqueles que concordassem com tudo que ele dizia e fazia. Com Brizola era uma dificuldade marcar qualquer coisa, porque ele autorizava, depois desmarcava e fazia outra coisa diferente. Esse era o grande problema de lidar com Brizola.

IHU On-Line- Quando foi a última vez que se falaram?

Luiz Alberto Moniz Bandeira- Foi antes das eleições de 1994. Não rompi com Brizola. Apenas me afastei dele porque não mais queria ser conivente com os erros que andava a cometer, ouvindo pessoas que não ousavam discordar abertamente do que ele dizia. Sabia, pelos meus cálculos, que ele não teria mais de 4% dos votos, na eleição, para presidente da República. Seu índice de popularidade caíra no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, suas principais bases eleitorais, para a metade do seu nível histórico, ou seja, despencara de 33% em média (nível histórico), para 16%. Ele quase passara para o segundo turno, em 1989,

porque naqueles dois colégios eleitorais sua votação ultrapassara a casa de 63%. Naquele ano, ele teve 16% e Lula, 16,04. Se sua popularidade, em 94, voltasse no Rio de Janeiro e no Rio Grande, para seu nível histórico de mais ou menos 33%, ele obteria apenas 8% dos votos, ou seja, metade do que ganhara em 89. Aconteceu, porém, que as pesquisas indicavam que sua popularidade baixara para cerca de 16% no Rio e igual percentagem no Rio Grande do Sul, o que significava que ele não teria mais de 4%. Aconselhei-o então a renunciar. E, como ele não me quis ouvir, eu o fiz publicamente para não mais me comprometer com desacertos. Ou ele apoiava Fernando Henrique Cardoso, ou apoiava Lula. Fernando Henrique, inclusive, quis o apoio dele que contrabalançaria o apoio do Antônio Carlos Magalhães. Eu não entendo como ele, tendo apoiado Collor, não quis apoiar FHC.

HISTÓRIAS SOBRE UM POLÍTICO QUE SE “PODAVA” PARA RENOVAR-SE

Entrevista com João Aveline

*Jornalista, sindicalista, ex-militante do Partido Comunista Brasileiro, João Aveline conviveu com Leonel Brizola na intimidade palaciana, da qual nos relatou algumas passagens. Ele “põe a mão no fogo” pela honestidade e integridade do ex-governador gaúcho, de quem destaca as transformações no seu perfil político, originalmente conservador. Mudanças que Brizola explicava, como lembra Aveline, comparando-se a uma árvore em tempo de poda: às vezes ele cortava um “galho” inconveniente, para que viesse a nova brotação. Aveline iniciou sua vida profissional como repórter do jornal **Tribuna Gaúcha**, na segunda metade da década de 1940. Por algum tempo, atuou como noticiário do departamento de notícias da **Rádio Itaí**. Nesse período, início dos anos 1950, foi revisor no **Correio do Povo**. Ingressou na **Rádio Gaúcha** em agosto de 1956, tendo chefiado o departamento de notícias. Ajudou a fundar e participou da edição gaúcha do jornal **Última Hora**, onde chefiou a reportagem geral. Com o golpe militar de 1964, o jornal foi fechado e João Aveline passou a trabalhar na revista **A Granja**. Em 1971, foi para o jornal **Zero Hora**, onde ocupou a secretaria do jornal, a chefia de reportagem e a secretaria gráfica. Foi editor da **Revista da TV** e do **Caderno Zona Norte**, suplementos do jornal. Dirigente do Sindicato dos Jornalistas em várias gestões, atualmente é membro da Comissão de Ética dos jornalistas. É autor do livro **Macaco preso para interrogatório: retrato de uma época**. Porto Alegre: AGE, 1999. João Aveline, que foi entrevistado por telefone, participará do evento **Era Vargas em Questão**, uma promoção do Instituto Humanitas Unisinos, que ocorre nos dias 23 a 25 de agosto de 2004.*

IHU On-Line – Como se deu a sua convivência com Brizola

João Aveline – Brizola era três anos mais moço do que eu, que tenho 85 anos. Fui seu companheiro durante toda a vida. Ainda muito jovem ele foi prefeito de Porto Alegre, quando criou uma rede de escolas. Eu trabalhava na Tribuna Gaúcha, na época, e fiz uma reportagem sobre as escolinhas do Brizola, como ficaram conhecidas. Eram casas de madeira pintadas de cinza e padronizadas. Essa foi a preocupação central dele como administrador de Porto Alegre, e também quando ele foi governador do estado¹³. Brizola era um jovem do interior muito conservador, é bom que se diga isso. Mas, como governador, ele passou a organizar reuniões com o movimento sindical, reuniões privadas, das quais eu participava. Numa dessas ocasiões, ele reconheceu que era inicialmente muito conservador. Disse que havia dirigido a Prefeitura de

¹³ As referidas escolas eram construídas segundo um modelo padrão e ficaram conhecidas como “brizoletas”. Também foram denominados “brizoletas” os títulos mobiliários, resgatáveis em datas pré-estabelecidas, criados e usados por Brizola, durante o seu período como Governador do Estado, para o pagamento do funcionalismo e de obras públicas. Tais títulos, utilizados para enfrentar a escassez de recursos, eram aceitos pelo comércio como moeda, de maneira geral.

Porto Alegre atento apenas ao plano administrativo, que as coisas tinham corrido bem, sem maiores preocupações, pois o orçamento era relativamente bom, a receita era boa. Lembro-me que ele disse: “Quando eu cheguei no Governo do Estado aí a situação ficou diferente, passei a levar em conta uma série de fatores, a me preocupar com o desenvolvimento do Estado. E cheguei à conclusão de que uma das coisas que travava o desenvolvimento era o fato de que nós não dispúnhamos, como coisa nossa, do potencial energético. A Companhia de Energia Elétrica estava nas mãos dos norte-americanos, então eu fui me dando conta dos tentáculos que estavam em cima de nós e que nos sugavam, e resolvi tomar algumas medidas, entre elas a encampação das Companhias”.

IHU On-line - Quando foi isso?

João Aveline – Lá pelos anos cinquenta, não me lembro exatamente a data. Ele realizava muitas reuniões. Nelas comentavam-se muitas coisas, como o episódio das encampações. Aí é que entra em cena a evolução do ser humano, do ser político. A prática levou-o a uma concepção de governo mais nacionalista e também social, mas fundamentalmente nacionalista. Numa dessas reuniões, um dirigente sindical chamado Wilson Lima, dos Gráficos, perguntou: “Brizola, você era um cara reacionário conservador e hoje você tem concepções arejadas, é nacionalista. Como foi essa mudança?” O Brizola, que era um homem muito “frasista” e de metáforas muito inteligentes, disse o seguinte: “Olha, de fato, eu era isso que tu disseste. Quando eu cheguei ao governo do Estado me defrontando com os problemas, resolvi me ‘podar’. Cortei esse galho! Cortei aquele galho! Cortei aquele outro galho! E agora eu estou ‘brotando’”. A metáfora foi inteligente, brotar significa renovação e o Brizola foi isso, foi um homem que se renovou, um homem em constante renovação.

IHU On-Line – Na época o senhor trabalhava aonde?

João Aveline – Eu trabalhava no departamento de notícias da Rádio Gaúcha, onde eu era chefe, e no jornal. Última Hora, que apoiava o Brizola. Entre as coisas que eu fiz lá foi cobertura sindical, daí a minha proximidade com o Governador. Como disse, eu participava das reuniões que ele organizava, elas me interessava como jornalista. Mas eu me credenciei junto ao Brizola por meio do movimento sindical, do qual eu era próximo. Fui apresentado como uma pessoa de confiança e mantive a lealdade. Aos sábados, ele reunia alguns jornalistas no Palácio Piratini alguns jornalistas, com os quais ele gostava de conversar, e eu também estava entre eles. Nessas reuniões, ele abria os “esquemas” para a gente. Alguns diziam que essas reuniões, às quais ele também dava um caráter discreto, serviam para ele dar trânsito a certas informações, que ele gostaria de ver publicadas.

IHU On-Line - Ele era anticomunista?

João Aveline – Em determinado momento sim, mas depois ele foi evoluindo, a situação foi modificando. Inicialmente, ele não tinha contato direto conosco, mas através de um intermediário não comunista. Com o correr do tempo, ele passou a ter um comportamento menos agressivo, mais fraterno em relação a nós. Ele foi anticomunista porque, por exemplo, em 1958, quando ele foi eleito nós, comunistas, apoiamos o Brizola, apoiamos, porque fizemos uma avaliação e chegamos à conclusão que, naquele momento, o melhor candidato era ele. Brizola não aceitou o nosso apoio, não só não aceitou como, depois de eleito, mandou protocolarmente devolver, nos Correios e Telégrafos, um telegrama que o Prestes enviara, cumprimentando-o. Quando ele não aceitou os nossos votos, nós respondemos a ele publicamente, que independentemente da vontade dele, nós éramos donos dos nossos votos e

na nossa concepção, apesar do anticomunismo dele, apesar disso, ele era o melhor candidato naquele momento. Depois ele mudou.

***IHU On-Line* – O senhor acompanhou também as iniciativas referentes à reforma agrária?**

João Aveline - A primeira experiência de reforma agrária no Brasil foi feita por ele aqui no Banhado do Colégio, eu estive lá com ele, com as delegações que vinham de todo Brasil para ver a experiência. Ele dividiu as terras, fez um trabalho no sentido da implantação de uma reforma agrária com efetivos rendimentos. Foi muito caluniado na época, pois como muitos camponeses não tinham rendimentos para pagar seus compromissos com o Banco do Rio Grande do Sul, ele, por intermédio das propriedades da mulher, proporcionou as condições para que todos pudessem financiar as terras. O João Calmon, que era dos Diários Associados, chegou a afirmar que ele tinha utilizado a reforma agrária para vender as terras da mulher aos camponeses. Não é verdade! Eu meto a mão no fogo pelo Brizola no que diz respeito ao seu comportamento ético em relação a dinheiro. Foi um homem extremamente altivo, com um escrúpulo incomum. Quando eu digo incomum, estou me referindo a um comportamento ético que não é comum hoje nos políticos, de hoje.

***IHU On-Line* – Que destino foi dado ao dinheiro que Brizola teria recebido para custear um movimento guerrilheiro?**

João Aveline – Sinceramente, eu não estou “por dentro” disso. O que se sabe é que o Fidel Castro meteu na cabeça que tinha que exportar a revolução, fazer a revolução na América Latina. Efetivamente, veio dinheiro para os grupos preparando as guerrilhas. Esses recursos, no caso do Brizola, foram gastos em questões relativas à organização da luta armada. Eles não serviram para locupletar Brizola como pessoa, repito que eu boto a mão no fogo pela honestidade do Brizola. Além disso, ele era um homem rico, havia casado uma mulher rica.

***IHU On-Line* – Essas características positivas não foram prejudicadas por um traço fortemente autoritário, que o levou a cometer muitos erros?**

João Aveline - Em determinados momentos, ele foi autoritário, até demais. Entre os erros está, por exemplo, o cometido na ocasião em que era o governador do Rio de Janeiro e precisava de recursos do Governo Federal, na época chefiado pelo Collor. Em decorrência desse fato, ele chegou a dizer que o Collor estava sendo vítima da classe dominante que queria golpeá-lo. Outro erro dele sério, para um homem que foi submetido ao maior exílio do Brasil até hoje – ele sofreu um exílio de quinze anos – ocorreu quando ele propôs a prorrogação do mandato do Figueiredo, que era um dos generais golpistas. Brizola calculava que, se houvesse a prorrogação por um ano, ele teria mais condições de enfrentar uma disputa pela Presidência da República.

***IHU On-Line* – Outra característica negativa dele era a dificuldade de conviver com lideranças novas?**

João Aveline – Sim. Recentemente o PDT perdeu o deputado Miro Teixeira, que o próprio Brizola havia trazido para o partido. Ao mesmo tempo que ele aglutinava pessoas, ele também as excluía. Antes, havia perdido o senador, o Saturnino Braga. Também rompeu com Garotinho, todos eles de um quadro político que cresceu com Brizola. Grandes personalidades foram absorvidas e expelidas por ele. O [Jaime] Lerner, governador do Paraná, foi outro caso. Aqui no Rio Grande do Sul, o Sereno Chaise. Os casos desse tipo são vários. Esse talvez tenha sido o seu maior defeito, à medida que algumas pessoas iam se projetando nos quadros

políticos, com pensamentos definidos e com capacidade de divergir, em determinadas circunstâncias, elas eram expelidas.

IHU On-Line – Do homem Brizola, o que lhe marcou mais?

João Aveline - O homem Brizola era muito voltado para a política, tinha a política correndo nas veias, respirava política, comia política, vivia política vinte e quatro horas por dia. Naturalmente, a primeira prejudicada em função disso foi a família. O Brizola enfrentou problemas na família. Ele viveu com a Neusa quarenta e seis anos, acho que foi feliz, mas era um homem divorciado da família, era um homem que cuidava mais da coisa pública, encarava isso como uma tarefa. Brizola impôs esse sacrifício à família. No plano político, era uma síntese dos políticos gaúchos. O Carlos Bastos, hoje no Jornal do Comércio, diz que o Brizola é uma síntese dos políticos nossos do passado. Herdou do Júlio de Castilhos o autoritarismo, do Borges de Medeiros, a sede de poder, do Gétúlio, as preocupações nacionalistas e sociais, do Flores da Cunha, o caráter democrático e o jeito de fazer frases, do João Neves da Fontoura, a oratória, do Osvaldo Aranha, a capacidade de articulação e a condição de democrata. Brizola era um homem assim. Estão dizendo que o Brizola encerra um ciclo, e efetivamente encerra. Até aqui, vivemos a era Brizola, fazendo uma política em que o debate se dava no terreno das idéias, adotando um comportamento republicano. Com o fim dessa era, o que se constata é que o político, candidato em qualquer nível, é uma espécie de sabonete é vendido via publicidade, por meio do chamado marketing, como se faz em relação a um produto comestível ou de uso pessoal. O Brizola tem, na carreira dele, algo que poucos políticos têm, no Brasil. Em 1961, quando o Jânio renunciou, e os militares queriam impedir a posse de Jango, não confiavam nele, porque era tido como comunista, o Brizola desfraldou a bandeira da legalidade constitucional e impôs esse ponto de vista com o apoio do Rio Grande do Sul e conquistando o apoio do País. Na carreira do Brizola, se mais nada houvesse, só o fato de ter aparado esse golpe de 1961, segurando o golpe, com muita valentia, com muita determinação e com muita capacidade de aglutinação de forças, isso já bastaria.

A EDUCAÇÃO NO CENTRO DE SEU PROJETO POLÍTICO

Entrevista com Cristovam Buarque

Petista- brizolista é a forma em que se define o Senador e ex-ministro de Educação Cristovam Buarque em entrevista ao IHU On-Line, por telefone, na última terça-feira, no dia seguinte à morte de Leonel Brizola, diretamente da Câmara, durante a sessão de homenagens ao líder trabalhista. Para o senador se Brizola tivesse sido eleito presidente no lugar de Fernando Collor de Mello, em 1989, o rumo do País teria sido inverso ao adotado pelo presidente e o Brasil e a América Latina poderiam ter visto um governo que coloca em primeiro lugar os interesses nacionais e a educação.

*Cristovam Buarque é Engenheiro Mecânico, pela Universidade Federal de Pernambuco, e doutor em Economia pela Universidade de Paris, Sorbonne, Cristovam Buarque foi eleito senador da República em outubro de 2002, com 60% dos votos, cerca de 461 mil, o mais votado da história do DF. Entre 1995 e 1998, foi governador do Distrito Federal, onde implantou o Programa Bolsa-Escola. Criou a ONG Missão Criança para promover a idéia da bolsa-escola no Brasil e no exterior. Desde 1979, é professor da Universidade de Brasília, onde foi reitor no período 1985-1989, como primeiro reitor eleito da UnB após o fim da ditadura militar. É autor de 19 livros. Entre eles, citamos: **A Desordem do Progresso: o fim da era dos economistas e a construção do futuro.** São Paulo: Paz e Terra, 1991; **A aventura da universidade.** Co-edição Rio de Janeiro: Paz e Terra e São Paulo: Unesp, 1994 (Prêmio Jabuti, 1995); **A Revolução nas Prioridades. Da modernidade técnica à modernidade ética.** São Paulo: Paz e Terra, 1994. **Os tigres assustados - uma viagem pela fronteira dos séculos.** Rio de Janeiro: Record, 1999; **Admirável mundo atual.** São Paulo:*

Geração Editorial, 2001; e **Os Instrangeiros. A aventura da opinião na fronteira dos séculos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002. O senador Cristovam Buarque foi ministro da Educação no atual Governo Federal, no período de 1º de janeiro de 2003 a 27 de janeiro de 2004.

Realizamos com ele uma entrevista sobre o papel da Universidade, publicada no **IHU On-Line** n.º 90, de 1º de março de 2004. Ele é também autor de um artigo que reproduzimos na 106ª edição, de 21 de junho de 2004, e de uma entrevista reproduzida na editoria *Análise de Conjuntura* da presente edição.

IHU On-Line- Como o senhor avalia a contribuição política de Leonel Brizola?

Cristovam Buarque – Em primeiro lugar, estamos falando de cinquenta anos de militância. Isso é muito raro, uma militância tão duradoura. Em segundo lugar, a valentia dele em defesa da legalidade, quando foi preciso pegar em armas para defender a legalidade contra o golpe militar. Ele fez isso e venceu os militares. Em terceira lugar, o que mais me aproximou dele é que foi o único dos grandes líderes nacionais que colocou sempre a educação em primeiro lugar. Nenhum outro fez isso, não. Nenhum dos grandes políticos como Getúlio [Vargas], Juscelino [Kubitschek], Fernando Henrique, Luís Inácio Lula da Silva, nenhum desses grandes, pôs a educação na frente. Essa foi sua grande diferença. Com a mesma coerência passou à oposição ao Governo Lula, quando sentiu que, na sua opinião, o governo não dava prioridade à educação, não defendia a nacionalidade com o vigor que ele queria.

IHU On-Line - O senhor afirmou no seu discurso de homenagem a Brizola na Câmara, que “A eleição de Brizola em 89 poderia ter permitido a virada responsável à esquerda de que o Brasil e a América Latina precisavam, nas vésperas da aventura neoliberal iniciada pelo vencedor das eleições”. Pode explicar um pouco mais essa afirmação?

Cristovam Buarque - Em 1989, às vésperas da afirmação neoliberal no Brasil e na América Latina, aconteceu o fim da União Soviética, a consolidação da política [Margaret] Thatcher e de [Ronald] Reagan. Se Brizola tivesse ganhado no lugar de [Fernando] Collor, não há dúvida de que teríamos tido possibilidade de testar, no Brasil, uma alternativa diferente, mais comprometida com o social, investindo convictamente como ele iria fazer na educação, defendendo os direitos dos trabalhadores e, sobretudo a política de defesa nacional. Para ele, as relações de interesse internacionais deviam se submeter aos interesses nacionais. Ao eleger Collor, o que nós tivemos foi o inverso. Foi a abertura completa do País, apressadamente, foi a destruição e desarticulação do Estado, foi a mudança da prioridade para a economia liberal. Se Brizola tivesse sido eleito, poderíamos ter tido uma experiência nova no Brasil e impedido a experiência neoliberal no continente inteiro.

IHU On-Line - Como o senhor vê Leonel Brizola como herdeiro de Getúlio Vargas?

Cristovam Buarque - Eles são herdeiros da mesma origem, nasceram no mesmo lugar. O Brizola começa a militar durante o segundo Governo Vargas. A relação dele era familiar, como cunhado de João Goulart, que era ministro de Getúlio Vargas, eram do mesmo partido, o PTB, Partido Trabalhista Brasileiro. O Brizola é o herdeiro direto, não é nem filho, o herdeiro irmão, que é mais próximo ainda da herança do que filho, do Getúlio Vargas, que não deixa herdeiros. Isso é que é interessante. O trabalhismo ficou órfão.

IHU On-Line - Como o senhor avalia os períodos em que Brizola ocupou cargos no governo?

Cristovam Buarque - Na prefeitura de Porto Alegre e no governo do Rio Grande do Sul, o Brizola foi um exemplo de governante, na construção de escolas, na reforma habitacional, no desenvolvimento do estado, na economia. É isso que afirmo muito, o chamado engenheiro

Brizola, que mostrou como engenheiro a sensibilidade política. No Rio de Janeiro, já foi mais difícil. Foi um outro tempo que ele encontrou com a criminalidade generalizada, com a Rede Globo fazendo uma campanha sistemática contra ele. Ele não estava em ascendência no Rio de Janeiro, quando assumiu. Não dá para dizer com a mesma emoção, porque eu defendo que, no governo do Rio de Janeiro não houve o mesmo êxito que no governo do Rio Grande do Sul. Mesmo assim, ele criou símbolos, como a vinculação do Carnaval com a vida da cidade por meio do sambódromo no qual ninguém acreditava, a construção de centenas de escolas chamadas CIEP's, com horário integral. Ele conseguiu fazer isso, sem dar uma dinâmica econômica ao estado do Rio, num momento em que a economia brasileira estava entrando na chamada década perdida dos anos 1980.

IHU On-Line - Em relação à reforma agrária, ele deu uma contribuição importante também?

Cristovam Buarque - Ele foi um exemplo no Rio Grande do Sul na luta pela reforma agrária. Quando ele foi governador, conseguiu fazer uma reforma agrária. Mas, sobretudo no Brasil, ele foi o grande defensor da reforma agrária desde os anos 1960, quando apoiou as ligas camponesas, apoiou o Instituto da Reforma Agrária, que foi criado naquela época, e até hoje ele se manteve fiel a isso. Brizola representa aquilo que eu defendo sempre, que é o político brasileiro que quer completar a abolição e a república. Os últimos movimentos revolucionários no Brasil foram a República e a Abolição. Os dois ficaram incompletos até hoje. O Brizola representa esse grupo de políticos brasileiros que quer completar a república.

IHU On-Line - E com relação a seu relacionamento pessoal?

Cristovam Buarque - Tive relacionamento pessoal com ele desde quando eu morava nos Estados Unidos, e ele foi expulso do Uruguai e foi morar em Nova Iorque, quando entrei em contato com ele pela primeira vez. Ele aceitou o convite para debater política naquela mesma época, o que mostrou que não ficara abatido. Depois, eu apoiei, em 1989, a sua candidatura à Presidência. Meu primeiro voto para presidente foi para ele. No primeiro turno de 1989, eu não votei em Lula, eu não era de nenhum partido. Eu votei e fiz campanha para o Brizola. E formamos uma amizade muito forte. Não faz dois meses, ele me ligou para falar da minha saída do Ministério. Sempre mantivemos contato, um respeito profundo. Eu sempre insisti em dizer que eu sou petista brizolista.

“É IMPREVISÍVEL O QUE POSSA ACONTECER COM O TRABALHISMO BRASILEIRO”

Entrevista com Sereno Chaise

*O ex-prefeito de Porto Alegre e ex-companheiro de Brizola, Sereno Chaise, guarda lembranças históricas de grandes vitórias e grandes derrotas junto ao líder pedetista. Apesar de ambos terem se distanciado por divergências em relação à aliança do PDT com o PT durante o governo de Olívio Dutra, no Rio Grande do Sul, Chaise guarda profunda admiração por Brizola e considera que a herança trabalhista foi retomada pelo PT, como disse em entrevista concedida ao **IHU On-Line** por telefone, na última quinta-feira. Chaise nasceu em Soledade, em 1928. No dia 10 de novembro de 1963, foi eleito prefeito de Porto Alegre pelo PTB com mais de 100 mil votos. O mandato, iniciado no dia 2 de janeiro do ano seguinte, foi interrompido quatro meses depois, no dia 8 de maio, por força do Ato Institucional n.º 1, primeira medida tomada pelo governo militar após o golpe de 31 de março de 1964, que depôs o presidente João Goulart. Sereno nunca aceitou o exílio. Foi preso outras vezes durante o regime militar e, segundo ele próprio, teve ofertas de Brizola e de João Goulart para deixar o País, mas não quis. De 1946 a 2001, ano em que Sereno e Brizola romperam uma amizade de 55 anos, foram grandes companheiros de luta.*

IHU On-Line - Ao perder Brizola o que o Rio Grande do Sul e o Brasil estão perdendo?

Sereno Chaise - A morte dele significa o encerramento de um período de lutas pelos avanços sociais, que se desenvolve desde que o País foi redemocratizado, desde 1947. Um período de quase 60 nos, de intensa atividade, na defesa dos ideais, dos interesses legítimos do povo trabalhador, na defesa da riqueza nacional por meio de uma política nacionalista. Acho que isso tudo, com a morte de Leonel Brizola, encerra-se esse ciclo e abre-se uma nova etapa da política brasileira.

IHU On-Line - O que caracteriza essa nova etapa? Seguramente não seria a busca de um projeto de desenvolvimento nacional?

Sereno Chaise- Não. Caracteriza-se pela modernização dos métodos de política, pela facilidade da comunicação, pelo papel da televisão, as pesquisas...enfim, a partir de agora, a política se torna bem diferente daquela de 40 ou 50 anos atrás. Devido a um avanço tecnológico de toda a sociedade.

IHU On-Line- Que continuidade deu Brizola ao trabalhismo de Getúlio Vargas?

Sereno Chaise- O trabalhismo brasileiro teve o Dr. Getúlio e Alberto Pasqualini como ideólogos, e João Goulart como executor daquela política social e seus pontos fundamentais e princípios básicos. Leonel Brizola era o herdeiro legítimo, continuador de toda aquela obra. Sem ele, fica agora um vazio. Estamos diante de uma página em branco. É imprevisível o que possa acontecer daqui para frente com o trabalhismo brasileiro. Acho que, já nos últimos anos, essa política de defesa do trabalhador, de defesa do primado do trabalho sobre o capital, já vinha sendo assimilada pelo Partido dos Trabalhadores, eu entendo que o PT é que vinha desempenhando, nos últimos anos, aquela luta que outrora foi do velho PTB, sob inspiração do presidente Vargas. Agora o que vai acontecer com a história do antigo PDT é uma incógnita, não dá para dar palpites. Vai depender de uma série de fatores realmente imprevisíveis.

IHU On-Line- Quando veio o golpe militar de 1964, o senhor era prefeito de Porto Alegre, foi cassado, mas nunca quis sair do País, nem quando o próprio Brizola o convidou. Isso foi porque pensava que a resistência passava por ficar no Brasil?

Sereno Chaise - Não, nunca disse isso. Acho que o presidente João Goulart não teve opção e agiu como verdadeiro estadista, preferindo sua renúncia à Presidência e ao prestígio pessoal a fazer com que corresse sangue entre irmãos e a colocar em perigo a integridade territorial do Brasil. Hoje é conhecido o acordo que havia entre os conspiradores aqui, especialmente entre governador de Minas Magalhães Pinto e o governo americano por intermédio do embaixador Lincoln Gordon. Aliás, Gordon, professor universitário, depois que deixou a embaixada e voltou para os Estados Unidos, escreveu um livro no qual ele mesmo detalha a chamada operação *brother Sam*, desembarque de 30 a 50 mil marinhos norte-americanos no Norte e no Nordeste do Brasil. Foi um dos motivos que pesou muito na decisão do presidente João Goulart: não correr sangue entre irmãos e não comprometer a integridade territorial do nosso País. No exílio, no Uruguai, conversamos muito sobre isso. E ele me repetiu que se tivesse resistido ganhava a parada, continuava presidente da República, mas o Brasil ficaria reduzido aos países ficaria da Bahia para baixo, o que seria um prejuízo inestimável. Tenho a impressão de que daqui a cem ou duzentos anos, se o Brasil mantiver o controle da Amazônia vai ocupar um papel muito importante no cenário mundial. A Amazônia pode ser considerada o pulmão para o planeta daqui a muito pouco tempo.

IHU On-Line- E por que o senhor nunca quis sair do País?

Sereno Chaise- Brizola e Jango mandaram um carro me buscar, mas eu era um homem pobre, com filhos pequenos, não ia deixar meus filhos aqui passando fome e eu vivendo lá nas costas deles. Eu decidi que não iria, que tinha que trabalhar aqui, ganhar minha vida aqui, cuidar de minha família.

IHU On-Line- Apesar de que podia ser preso. E o foi, de fato...

Sereno Chaise- Sim, fui várias vezes. Esse era um preço que tinha que pagar.

IHU On-Line- Permaneceu preso durante muito tempo?

Sereno Chaise- Durante os dois ou três primeiros anos, volta e meia era recolhido por qualquer coisa, mesmo por aquelas das quais eu não tinha o menor conhecimento, mas sempre na hora de prender, o primeiro era eu. Mas não sofri tortura. Eu tinha a decisão de que o cara que fosse me torturar, iria me matar. Eu era entregue aos quartéis da Brigada Militar, uma instituição gaúcha cem por cento. É gente muito boa. Eu que sempre fui admirador da Brigada, passei a admirá-la mais ainda.

IHU On-Line- O senhor confirma a informação de que se ocultou algumas vezes no Convento dos Capuchinhos?

Sereno Chaise- Não, não. Nem eu, nem Brizola. Eu era muito amigo daqueles Capuchinhos do Morro Santo Antônio, ia seguido lá onde pousei muitas vezes, mas quando ainda era prefeito e todo o mundo sabia que estava lá. É que tinha muita gente na minha casa; passava gente aplaudindo e vaiando também, condenando, ameaçando. Então, às vezes, para aliviar a família eu me retirava um pouco. Mas, não estava escondido, não, e Brizola já estava no Uruguai.

IHU On-Line- Como eram as relações de Brizola com a Igreja e com o então arcebispo de Porto Alegre, Dom Vicente Sherer?

Sereno Chaise- Eles se davam bem, Dom Vicente aparecia de vez em quando no Palácio. A comadre Neuza ia toda hora à Missa na Matriz todos os domingos, religiosamente. Eu próprio me dava muito bem com Dom Vicente. Era uma pessoa muito humilde e hoje vejo o trabalho magnífico que ele fez na Santa Casa. Ele reergueu aquela instituição que estava abandonada. Ele a deixou como um exemplo do que deve ser uma casa de saúde.

IHU On-Line- Quais as lembranças históricas mais importantes que guarda de Brizola?

Sereno Chaise- Quando ganhamos a primeira eleição para a prefeitura, aliás, a primeira perdemos, mas ganhamos a segunda. Quando ganhamos a eleição para o governo do Estado em 1958. Guardo também amargas lembranças de algumas derrotas importantes, quando, por exemplo, ele, como candidato à Presidência da República, perdeu para Enéas, se retirou para Uruguai. Fui lá na Fazenda e o encontrei realmente abatido. Ele me disse: “Bah! Compadre, estou com os cascos em ferida”, isso a gente dizia no interior quando um animal se esbrokeava, ficava até com dificuldades de caminhar. “Estou com os cascos em ferida, mas vou reerguer a cabeça” e reergueu e voltou a luta.

IHU On-Line- Uma das qualidades que se unem à pessoa de Leonel Brizola é sua coerência política, mas há fatos que são difíceis de explicar, como o apoio dele até o fim ao presidente Collor, sua ligação com Fidel Castro...Como o senhor vê isso?

Sereno Chaise- Todo líder tem suas coerências e incoerências. A vida de Brizola foi uma vida de luta feita de pontos altos e de pontos baixos. Nós divergimos há seis anos, nunca mais

conversamos. Eu acho que, no fim da vida dele, afloraram mais essas incoerências. Mas, isso não desmerece toda a luta pela qual ele viveu e morreu pelo povo trabalhador e pelo desenvolvimento de nosso Estado e de nosso país. Isso tudo foi muito maior de que os defeitos que evidentemente ele tinha, como todos temos.

IHU On-Line- Qual foi a principal divergência entre o senhor e Brizola?

Sereno Chaise- Foi a ruptura de um acordo que nós fizemos com o PT, quando Olívio Dutra era governador do Estado. Nós tínhamos feito uma aliança depois de um amplo debate interno no PDT, depois de fazermos reuniões com os vereadores, os prefeitos, o Partido tinha na época 30 coordenadorias no interior, realizamos reuniões em todas elas, discutindo o assunto. Finalmente, reunimos o diretório regional e por voto praticamente unânime foi aprovada a coligação e começamos a participar do Governo Olívio Dutra, baseados numa decisão profunda do Partido. Dois anos depois, o Brizola resolveu simplesmente desfazer aquilo. Mas eu me neguei. Como a gente faz, a gente desfaz. Se a aliança foi fruto de um longo debate interno, vamos fazer um novo debate e se a maioria resolver voltar atrás, o fazemos. Essa foi minha divergência principal.

IHU On-Line- Atualmente ao que o senhor está mais dedicado?

Sereno Chaise- Ao trabalho como diretor da Companhia de Geração térmica de Energia Elétrica. Energia produzida à base do carvão, aproveitando essa riqueza do Rio Grande. É uma imensa riqueza de nosso Estado que o mundo inteiro usa para energia. Hoje, no mundo, 42% da energia produzida é originária do carvão. Na Alemanha, esse percentual chega a 55%, nos EUA é de 42%, aqui no Brasil infelizmente é de 1,2%, e o carvão brasileiro está localizado aqui no Rio Grande. A luta de aproveitar o carvão para gerar energia é basicamente do Rio Grande do Sul. Hoje o carvão brasileiro está assim dividido: 0,5% no Paraná, 9,5% em Santa Catarina, na região de Criciúma e 90% aqui no Rio Grande do Sul. O aproveitamento dele para gerar energia, como todo o mundo faz, é a nossa causa.

“A HISTÓRIA DA RESISTÊNCIA NÃO DEVE SER ESQUECIDA”

Entrevista com Flávia Schilling

A socióloga e professora na Faculdade de Educação da USP, Flávia Schilling viveu sua história familiar muito ligada à figura de Leonel Brizola. Tendo sido protagonista de um dos momentos mais difíceis para América Latina, nas décadas de 1960-1970, Flávia concedeu uma entrevista ao IHU On-Line tentando olhar para o passado com o cuidado próprio de uma história recente à que falta muito por esclarecer.

Santa-cruzeense, Flávia Schilling tem uma trajetória peculiar. Embora tenha permanecido fora do Brasil durante quase todo o período militar, teve sua vida, de certa forma, determinada pelo 31 de março de 1964, quando seu pai, o jornalista Paulo Schilling, se viu forçado a buscar exílio no Uruguai. Integrante do Movimento de Libertação Nacional (MLN), junto a outros milhares de adolescentes, Flávia participou de diversos atos de protesto nas ruas de Montevidéu. Durante uma perseguição, ela reage à prisão, leva um tiro no pescoço e graças aos procedimentos cirúrgicos considerados milagrosos, sobrevive. Depois de passar cinco semanas internada no Hospital Militar, Flávia é transferida para a prisão feminina de Punta Rieles, bairro localizado há 14 quilômetros do centro de Montevidéu, onde permanece até a manhã do dia 20 de junho de 1973. Considerada uma prisioneira perigosa, ela e mais oito companheiras são levadas para sucessivos quartéis. A experiência dramática se estende por mais sete anos. Confinamento em calabouços, incomunicação total e humilhações de todo o tipo.

Durante o período em que esteve presa no Uruguai, Flávia Schilling teve seu nome publicado em diversos artigos e reportagens de jornais. A regional do Comitê Brasileiro pela Anistia, Seção Gaúcha coletou

assinaturas em favor da sua libertação. Uma volumosa quantia de dinheiro – Cr\$ 309.000,00 – foi coletada para ser entregue ao governo uruguaio para a soltura da santa-cruzense. A liberdade veio no dia 16 de abril de 1980, cinco anos antes do fim do regime militar no Brasil.

Flávia é atualmente membro do conselho consultivo do Instituto Sou da Paz. Graduada em Pedagogia pela PUCSP, Flávia é mestre em Educação pela Unicamp, com dissertação intitulada *Estudos sobre Resistência*. É doutora em Sociologia pela USP, e sua tese tem o título *Corrupção: ilegalidade intolerável? Comissões Parlamentares de Inquérito e a luta contra a corrupção no Brasil (1980-1992)*. É autora de **Livros Querida Família**. Porto Alegre: Editora Coojornal, 1978; **Querida Liberdade**. São Paulo: Editora Global, 1980; **Violência Urbana: dilemas e desafios**. São Paulo : Editora Atual, 1999; **Corrupção: ilegalidade intolerável? CPIs e a luta contra a corrupção no Brasil (1980-1992)**. São Paulo: Editora do IBCCrIm/Centro Jurídico Damásio de Jesus, 1999.

IHU On-Line- Quais as lembranças mais vivas que você tem da relação entre seu pai e Leonel Brizola?

Flávia Schilling- A história familiar está absolutamente ligada à presença de Brizola. A partir da publicação do livro *A questão do trigo* e do trabalho do meu pai na formação de cooperativas, ele foi chamado para compor a assessoria econômica do Brizola, quando era governador do Rio Grande do Sul. Fizeram trabalhos muito bons, extremamente importantes e precursores, na gestão agrária. Marcante foi a defesa da legalidade, em 1961. De muitas formas, naqueles tempos, foi criada a perspectiva da construção de um Brasil democrático, de uma democracia com direitos e inclusiva. Chamo a atenção para isso, pois até hoje este é o desafio maior do Brasil: como construir uma democracia que vá além de um mero formalismo, de uma democracia com direitos humanos, com direitos econômicos e sociais?

IHU On-Line- Qual é a imagem que você foi fazendo de Brizola e qual a que hoje tem, com as contradições próprias que possa haver?

Flávia Schilling - A história de um país é cheia de contradições, não há linearidade, e isso também acontece com a história de um indivíduo, também cheio de contradições. A potencialidade daquele Brizola (com uma confiança na organização popular) se esvai e penso que ele se dedica, nos últimos anos, a uma visão de política mais restrita, a uma visão de partido, que comporta sempre um grau mais ou menos elevado de burocratização. Hoje, o Brasil tem uma realidade de organização da sociedade civil que vai muito além dos partidos, que constrói, no cotidiano, experiências de democracia mais profundas do que as propostas pelos partidos políticos existentes.

IHU On-Line- Recentemente, lembraram-se os 40 anos do golpe militar aqui e 30 no Uruguai, no ano passado. Como avaliaria a resistência ao autoritarismo de seu pai e de Brizola e como foi a sua?

Flávia Schilling - Foi uma resistência externa, da parte dos exilados e interna, de muitos setores da sociedade, que não deve ser esquecida. É uma das páginas importantes da história brasileira. Da parte do meu pai, foi uma resistência de grande dignidade e integridade, de compromisso real com as transformações sociais tão necessárias neste país.

IHU On-Line- No Uruguai, você esteve muito próxima da morte. O que se sente ou pensa nesse momento? Como vê a vida, a sociedade, a luta depois de passar por esse momento?

Flávia Schilling - As formas de luta se transformam o tempo todo: não há repetição possível, estão contextualizadas por um momento histórico e social bem preciso. O conteúdo das lutas

demora mais para transformar-se, gira em torno da possibilidade de justiça, acesso à justiça, possibilidade de construção coletiva de uma vida justa em comum.

IHU On-Line- Quais foram os momentos mais duros vividos no Uruguai e como foi seu retorno ao Brasil?

Flávia Schilling- O retorno ao Brasil foi difícil para todos. Foi necessário reconstruir a vida em todas as suas dimensões. Creio que foi um processo duro, porém exitoso, gratificante, como é qualquer vida.

IHU On-Line- Havia grandes diferenças políticas entre seu pai e Leonel Brizola?

Flávia Schilling - Havia, principalmente após o retorno do exílio. Meu pai soube buscar caminhos novos e Brizola buscou manter-se nos caminhos conhecidos.

IHU On-Line- De que maneira, na sua percepção do momento, e depois, podiam se detectar as relações entre as ditaduras militares do cone sul, especialmente, entre Uruguai e Brasil?

Flávia Schilling - Não era visível. Hoje há pesquisas, mas não houve uma ação conjunta tão integrada como a que existiu entre Argentina e Uruguai, por exemplo.

IHU On-Line- A forma de fazer política hoje não é mais a de Brizola, nem, seguramente, a da sua juventude. Onde ficou o impulso de sua geração de construir uma sociedade diferente? Como é canalizado hoje?

Flávia Schilling- Este impulso está presente sempre e aparece de muitas e criativas formas: como viver diferentemente e como mudar a sociedade são temas constantes para todos nós, independentemente da geração e da situação social. A quantidade de gente organizada em torno de direitos (ambientais, culturais, econômicos) ou de identidades (mulheres, jovens, negros, etc.) muda a face do País a cada dia. Este país (mesmo reconhecendo as permanências ou constantes com a desigualdade social) é muito diferente em sua qualidade do que existiu em décadas passadas.

ENTRE O PASSADO E O PRESENTE

Por Eloisa Helena Capovilla

*O depoimento, a seguir, foi escrito pela Prof^a. Dr.^a Eloísa Capovilla Ramos, do PPG em História da Unisinos. Eloísa Capovilla é graduada e mestre em História pela UFRGS, com dissertação intitulada O Partido Republicano Rio-Grandense e o poder local no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, e doutora em História pela UFRGS, tendo a sua tese o título O teatro da sociabilidade: os clubes sociais como espaço de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras - São Leopoldo 1858-1930. É também co-autora do livro **Sociedade Orpheu: da história de um nome à identidade de um clube**. Porto Alegre: Palotti, 1998. No dia 16 de outubro de 2003, a professora apresentou o IHU Idéias cujo tema foi Júlio de Castilhos e o PRR: da oposição ao governo. Sobre esse evento, publicamos uma entrevista concedida pela professora Eloísa no **IHU On-Line**, n.º 79, de 13 de outubro de 2003. Ela estará participando do evento **A Era Vargas em Questão**, a ser realizado nos próximos dias 23 a 25 de agosto de 2004.*

“O Brizola morreu”!

“O quê?”

“É, morreu”!

Foi assim que a notícia se espalhou. De boca em boca, como um rastilho de pólvora. Alguns entristecidos, outros sinceramente emocionados e alguns indiferentes mas todos, literalmente todos, comentando o fato, já que a morte de Leonel de Moura Brizola não era um acontecimento qualquer. Tratava-se de um personagem que estivera presente nos últimos 50 anos da vida política sul-rio-grandense e brasileira. As imagens do período, como num filme, sucediam-se pelo testemunho de uns e outros.

Nascido em Carazinho, no Rio Grande do Sul, em 22 de janeiro de 1922, Brizola iniciou sua vida política em Porto Alegre como deputado estadual e federal, chegando a prefeito da Capital (1955) e governador do Estado do Rio Grande do Sul (1958). Daqui, sua carreira e suas pretensões o levaram para o Rio de Janeiro, então capital do Estado da Guanabara, onde se elegeu deputado federal. Cassado e exilado em 1964, retornou ao Brasil em 1979, com a anistia. Foi eleito então, por duas vezes, governador do Rio de Janeiro. Foi candidato à Presidência da República mais de uma vez, mas não logrou eleger-se para este cargo. Faleceu no Rio de Janeiro, em 21 de junho de 2004.

Esta microbiografia não nos dá a dimensão da vida privada nem da vida pública de Leonel Brizola. Sua trajetória pessoal, de menino pobre que saiu de uma cidade do interior, veio para a Capital, estudou e formou-se em Engenharia Civil, é vitoriosa. Seus objetivos foram alcançados. Acrescida a ela está a sua militância política no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), a partir de 1945. Nesse contexto, é que virão outros aspectos de sua vida privada, como o namoro e o casamento com Neuza Goulart, irmã de Jango. E, nesse mesmo contexto, sua vida de homem público alcançará degraus cada vez mais altos. Assim, aos 36 anos, já era governador do seu Estado natal.

No plano político, era fiel aos princípios do trabalhismo, representado pelo Partido em que militava. Nacionalista e antiimperialista, estas eram suas bandeiras mais constantes na ação política até os dias atuais. É dentro destes princípios que encampa algumas empresas estrangeiras no Rio Grande do Sul, quando governador, nacionalizando-as. Em busca do desenvolvimento de seu estado e do seu país, Brizola aposta, também, na educação. Como governador do Rio Grande do Sul, construiu centenas de escolas primárias, (as “brizoletas”), oportunizando a real ampliação do ensino básico no Estado. Repetiu a receita quando governador do Rio de Janeiro, com a construção das escolas de tempo integral. Para ele, a educação era um princípio fundamental para o desenvolvimento de um país. Sua ação estender-se-á ainda à reforma agrária, desenvolvida no âmbito de sua fazenda do “Banhado do Colégio” em Camaquã. Estas ações o colocam como um líder à esquerda, no início dos anos 1960.

Foi, porém, a defesa da “legalidade” constitucional, que garantiria a posse do vice-presidente da República, João Goulart, em 1961, o episódio que mais marcou a vida política de Brizola. Defendida a ferro e fogo, desde o Palácio Piratini, a posse do vice-presidente foi garantida sob a liderança do governador do Rio Grande do Sul.

O movimento da Legalidade pode ser interpretado como um ato de convicção, de crença nas instituições democráticas, ao mesmo tempo que um movimento de rebeldia do líder gaúcho. 1964 confirmaria a desconfiança dos militares com as ações de Brizola e de Jango e indicaria a ruptura total. Exilado, começava a *via crucis* de Brizola e também o crescimento do seu prestígio como estadista.

A volta, depois de 15 anos de peregrinação “sem lenço e sem documento”, permitiu-lhe retomar a vida política. Mas, a perda da bandeira e da sigla do PTB, numa manobra política dos militares, marcavam as novas condições de vida no Brasil.

Lutador, Brizola funda o Partido Democrático Trabalhista (PDT) e nele busca novamente o caminho do executivo regional, para o qual foi eleito por mais duas vezes. É nessa sigla partidária que vai ficar até o fim da vida. Sempre líder, sempre autoritário, sempre carismático. Na quarta-feira pela manhã, a trajetória que o grande líder fazia já não era com um microfone ou uma metralhadora, como em 1961 ou com uma pilcha e uma bandeira do Brasil, como em 1979. Agora, o povo, que fora seu fiel escudeiro naquelas oportunidades, estava de novo na rua, mas em silêncio, vendo passar, pela última vez, o corpo daquele que tanto admirara. A rua, palco de tantas passeatas de Brizola, travestia-se de luto, de silêncios e choros ao receber em seu trajeto o cortejo fúnebre. Na ida e na volta, o processo fora o mesmo. Em novo vôo, Brizola rumou para São Borja. Lá o mesmo cenário. Silêncios, choros, emoções, aplausos. São Borja metamorfoseou-se em cidade-síntese da vida política brasileira contemporânea, pela importância dos que a escolheram como sua última morada. Seu cemitério será doravante, seu ponto mais visitado. Seus homens mortos, continuarão governando os vivos?

"SENTIREMOS A LACUNA DEIXADA POR BRIZOLA"

Por José Odelso Schneider

Procurados pelo professor e padre José Odelso Schneider, integrante da área de concentração Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade do IHU, publicamos o seu depoimento sobre Leonel de Moura Brizola. Impressionado com as massivas manifestações populares por ocasião da perda do importante político, José Odelso lembra seus feitos no decorrer da trajetória de quase 60 anos de vida pública.

Todo mundo verificou que Brizola, como pessoa e figura política, marcou o coração do povo. Todas aquelas manifestações durante o velório, mais de 200 mil pessoas no Rio de Janeiro e mais de 50 mil pessoas aqui no Rio Grande do Sul, tentando dar o último adeus a ele, evidenciam isso. Durante toda a vida dele, esses longos anos de vida pública, sempre manifestou ser uma pessoa coerente com seus princípios e seus ideais, coerente com a visão que tinha de lutar por causas nobres, causas patrióticas. Foi um político que primou na luta por causas e não por interesses. Nisso ele foi um lutador, um homem corajoso que conseguiu iniciar sozinho, em Porto Alegre, a Campanha da Legalidade, que em 1961, com a renúncia do Presidente Jânio Quadros, iniciou a resistência contra um golpe militar, assegurando a assunção ao poder presidencial de João Goulart. Todo mundo, no começo, estava contra. Essa atitude de honestidade e integridade ele manifestou durante toda a sua vida. Por maior que fosse o cerco e o assédio cerrado que a Rede Globo fez contra ele durante os 8 anos em que foi governador do Rio de Janeiro, nunca conseguiu surpreendê-lo com "a mão no pote". Só isso já é um grande elogio para sua vida pública.

Ultimamente ele era acusado de anacrônico, por causa da grande e constante preocupação que tinha em construir uma economia e uma sociedade realmente nacional. Nesse sentido, ele era patriota, nacionalista, visando a afirmar e consolidar uma economia nacional, com um empresariado e lideranças sindicais adultas, mais autônomas em relação às injunções da economia e das finanças internacionais.

Por tudo isso, ele representava bastante esses valores que hoje estão sendo esquecidos... E o povo, ao dar essas manifestações de carinho, de apreço pela pessoa dele, por ocasião do seu falecimento, mostrou o quanto valoriza esse tipo de políticos que hoje estão escassos no País. A classe de políticos empenhados em lutar por causas, por projetos históricos de sociedade, está em franca diminuição, e seu lugar passa a ser ocupado por políticos fisiológicos, que lutam por interesses... Brizola era um homem que alimentava a esperança, a possibilidade de construir uma sociedade melhor.

Evidentemente, ele tinha seus defeitos. Era bastante intransigente na defesa de suas idéias, e por isso, gerava atritos dentro e fora do Partido. Por outro lado, como líder e presidente do Partido, ele tinha muita dificuldade em coexistir com outras lideranças que estavam emergindo. Os que começavam a fazer-lhe sombra, em pouco tempo, ele os eliminava, expulsava essas lideranças. Por isso ele perdeu pessoas importantes como Dante de Oliveira, Jaime Lerner, Sereno Chaise, e pessoas do Rio de Janeiro. Tudo por causa de uma atitude caudilhesca. Mas, apesar destas limitações, prevaleceram nele os aspectos positivos.

Pessoalmente, admirava Brizola como prefeito de Porto Alegre e governador do Estado. Distanciei-me mais dele depois que foi para o Rio de Janeiro e ingressou na política nacional. Aí passei a divergir de certas posturas exageradas que passou a assumir. Mas como prefeito e, sobretudo, como governador, ele foi um homem de muita visão de futuro. As grandes obras que marcaram o Rio Grande do Sul e persistem até hoje, são da época dele. Por exemplo, as famosas "brizoletas", as escolinhas plantadas em tantos rincões interioranos do Rio Grande do Sul, levando o ensino fundamental e público aos mais distantes povoados do interior rural, numa época em que o Estado não se sentia ainda tão responsável pela instrução pública. Em 1979, quando voltou ao Brasil, vindo por São Borja, manifestava sua alegria, ao poder divisar do avião (que voava baixo), as "brizoletas" ao longo do percurso. Ele abraçou essa causa com muito carinho e deu-lhe continuidade posteriormente como governador do Rio de Janeiro, com os CIEPs, mantendo na escola crianças e pré-adolescentes por 8 horas, com diversas atividades educativas, artísticas, esportivas, e de cidadania.

Como governador do Rio Grande do Sul, ele também começou a construção da estrada da produção, a estrada Presidente Kennedy. Ele já previa naquela época que a região do planalto era grande produtora de grãos, que precisava de boas vias de escoamento da produção. Brizola igualmente iniciou a implantação da Aços Finos Piratini, tão necessária para nosso Estado naquela época, e a Refinaria Alberto Pasqualini, que hoje é de tanta relevância no processamento dos derivados do petróleo aqui no Rio Grande do Sul. Ele também fundou a Companhia de Energia Elétrica do RS, resultado da desapropriação da empresa canadense Bond and Share, empresa que depois foi parcialmente privatizada. Ele também deu grande força à criação e consolidação do Banrisul. O próprio Jardim Zoológico de Sapucaia do Sul é obra dele. Na época, foi muito criticado por isso...

Por fim, Brizola deve ser recordado por ter iniciado a Reforma Agrária no Brasil, quando implantou no banhado do Colégio, em Camaquã, o primeiro assentamento. Apesar de sua avançada idade, ele ainda estava participando na elaboração de um amplo projeto de alternativa nacional, que fosse além do atual processo capitalista neoliberal globalizado, projeto no qual se envolvera de corpo e alma nos últimos meses. Sentiremos a lacuna do Brizola como pessoa e como político, mas oxalá as idéias dele permaneçam e possam servir como importantes referenciais na construção de um novo projeto histórico e de um sistema econômico e social mais justo, eqüitativo e participante, que preserve a identidade nacional, sem fechar-se ao processo de globalização.

VALE A PENA LER DE NOVO

Discurso de Brizola em 28 de agosto de 1961, convocando a Cadeia da Legalidade

"Peço a vossa atenção para as comunicações que vou fazer. Muita atenção. Atenção, povo de Porto Alegre! Atenção Rio Grande do Sul! Atenção Brasil! Atenção meus patrícios, democratas e independentes, atenção para estas minhas palavras!

Em primeiro lugar, nenhuma escola deve funcionar em Porto Alegre. Fechem todas as escolas. Se alguma estiver aberta, fechem e mandem as crianças para junto de seus pais. Tudo em ordem. Tudo em calma. Tudo com serenidade e frieza. Mas mandem as crianças para casa.

Quanto ao trabalho, é uma iniciativa que cada um deve tomar, de acordo com o que julgar conveniente. Quanto às repartições públicas estaduais, nada há de anormal. Os serviços públicos terão o seu início normal, e os funcionários devem comparecer como habitualmente, muito embora o Estado tolerará qualquer falta que, porventura, se verificar no dia de hoje.

Hoje, nesta minha alocução, tenho os fatos mais graves a revelar. O Palácio Piratini, meus patrícios, está aqui transformado em uma cidadela, que há de ser heróica, uma cidadela da liberdade, dos direitos humanos, uma cidadela da civilização, da ordem jurídica, uma cidadela contra a violência, contra o absolutismo, contra os atos dos senhores, dos prepotentes. No Palácio Piratini, além da minha família e de alguns servidores civis e militares do meu gabinete, há um número bastante apreciável, mas apenas daqueles que nós julgamos indispensáveis ao funcionamento dos serviços da sede do Governo. Mas todos os que aqui se encontram estão de livre e espontânea vontade, como também grande número de amigos que aqui passou a noite conosco e retirou-se, hoje, por nossa imposição.

Aqui se encontram os contingentes que julgamos necessários, da gloriosa Brigada Militar - o Regimento Bento Gonçalves e outras forças. Reunimos aqui o armamento de que dispúnhamos. Não é muito, mas também não é pouco para aqui ficarmos preocupados frente aos acontecimentos. Queria que os meus patrícios do Rio Grande e toda a população de Porto Alegre, todos os meus conterrâneos do Brasil, todos os soldados da minha terra querida pudessem ver com seus olhos o espetáculo que se oferece.

Aqui nos encontramos e falamos por esta estação de rádio, que foi requisitada para o serviço de comunicação, a fim de manter a população informada e, com isso, auxiliar a paz e a manutenção da ordem.

Falamos aqui do serviço de imprensa. Estamos rodeados por jornalistas, que teimam, também, em não se retirar, pedindo armas e elementos necessários para que cada um tenha oportunidade de ser também um voluntário, em defesa da legalidade.

Esta é a situação! Fatos os mais sérios quero levar ao conhecimento dos meus patrícios de todo o País, da América Latina e de todo o mundo. Primeiro: ao me sentar aqui, vindo diretamente da residência, onde me encontrava com minha família, acabava de receber a comunicação de que o ilustre General Machado Lopes, soldado do qual tenho a melhor impressão, me solicitou audiência para um entendimento. Já transmiti, aqui mesmo, antes de iniciar minha palestra, que logo a seguir receberei S. Ex.^a com muito prazer, porque a discussão e o exame dos problemas é o meio que os homens civilizados utilizam para solucionar os problemas e as crises. Mas pode ser que essa palestra não signifique uma simples visita de amigo. Que essa palestra não seja uma aliança entre o poder militar e o poder civil, para a defesa da ordem constitucional, do direito e da paz como se impõe neste momento, como defesa do povo, dos que trabalham e dos que produzem, dos estudantes e dos professores, dos juizes e dos agricultores, da família. Todos, até as nossas crianças desejam que o poder militar e o poder civil se identifiquem nesta hora para vivermos na legalidade. Pode significar, também, uma comunicação ao Governo do Estado da sua deposição.

Quero vos dizer que será possível que eu não tenha oportunidade de falar-vos mais, que eu nem deste serviço possa me dirigir mais, comunicando esclarecimentos à população. Porque é natural que, se ocorrer a eventualidade do ultimato, ocorrerão, também, conseqüências muito sérias, porque nós não nos submeteremos a nenhum golpe, a nenhuma resolução arbitrária. Não pretendemos nos submeter. Que nos esmaguem! Que nos destruam! Que nos chacinem, neste Palácio! Chacinado estará o Brasil com a imposição de uma ditadura contra a vontade de

seu povo. Esta rádio será silenciada tanto aqui como nos transmissores. O certo, porém, é que não será silenciada sem balas. Tanto aqui como nos transmissores estamos guardados por fortes contingentes da Brigada Militar.

Assim, meus amigos, meus conterrâneos e patrícios ficarão sabendo por que esta rádio silenciou. Foi porque ela foi atingida pela destruição e porque isso ocorreu contra a nossa vontade. E quero vos dizer por que penso que chegamos a viver horas decisivas.

Muita atenção, meus conterrâneos, para esta comunicação. Ontem à noite o Sr. Ministro da Guerra, Marechal Odílio Denys, soldado no fim de sua carreira, com mais de 70 anos de idade, e que está adotando decisões das mais graves, as mais desatinadas, declarou através do "Repórter Esso" que não concorda com a posse do Sr. João Goulart, que não concorda que o Presidente constitucional do Brasil exerça suas funções legais! Porque, diz ele numa argumentação pueril e inaceitável, isso significa uma opção entre comunismo ou não. Isso é pueril, meus conterrâneos! Isso é pueril, meus patrícios! Não nos encontramos nesse dilema. Que vão essas ou aquelas doutrinas para onde quiserem. Não nos encontramos entre uma submissão à União Soviética ou aos Estados Unidos. Tenho uma posição inequívoca sobre isso. Mas tenho aquilo que falta a muitos anticomunistas exaltados deste país, que é a coragem de dizer que os Estados Unidos da América, protegendo seus monopólios e trustes, vão espoliando e explorando esta Nação sofrida e miserabilizada. Penso com independência. Não penso ao lado dos russos ou dos americanos. Penso pelo Brasil e pela República. Queremos um Brasil forte e independente. Não um Brasil escravo dos militaristas e dos trustes e monopólios norte-americanos. Nada temos com os russos. Mas nada temos também com os americanos, que espoliam e mantêm nossa Pátria na pobreza, no analfabetismo e na miséria.

Esses que muito elogiam a estratégia norte-americana querem submeter nosso povo a esse processo de esmagamento. Mas isso foi dito pelo Ministro da Guerra. Isso quer dizer que S. Ex^a tomará todas as medidas contra o Rio Grande. Estou informado de que todos os aeroportos do Brasil, onde pousam aviões internacionais de grande porte, estão guarnecidos e com ordem de prender o Sr. João Goulart no momento da descida. Há pouco falei, pelo telefone, com o Sr. João Goulart, em Paris, e disse a ele que todas as nossas palestras de ontem foram censuradas. Tenho provas. Censuradas nos seus efeitos, mas a rigor. A companhia norte-americana dos telefones deve ter gravado e transmitido os termos de nossas conversas para essas forças de segurança. Hoje eu disse ao Sr. João Goulart: "Decide de acordo com o que julgares conveniente. Ou deves voar, como eu aconselho, para Brasília, ou para um ponto qualquer da América Latina. A decisão é tua! Deves vir diretamente a Brasília, correr o risco e pagar para ver. Vem. Toma um dos teus filhos nos braços. Desce sem revólver na cintura, como um homem civilizado. Vem como para um país culto e politizado como é o Brasil e não como se viesse para uma republiqueta, onde dominam os caudilhos, as oligarquias que se consideram todo-poderosas. Voa para o Uruguai, então, essa cidadela da liberdade, aqui pertinho de nós, e aqui traça os teus planos, como julgares conveniente".

Vejam, meus conterrâneos, se não é loucura a decisão do Ministro da Guerra. Vejam, soldados do Brasil, soldados do III Exército! Comandante, General Machado Lopes! Oficiais, sargentos e praças do III Exército, guardiões da ordem da nossa Pátria. Vejam se não é loucura. Esse homem está doente! Esse homem está sofrendo de arteriosclerose ou outra coisa. A atitude do Marechal Odílio Denys é uma atitude contra o sentimento da Nação. Contra os estudantes e intelectuais, contra o povo, contra os trabalhadores, contra os professores, juízes, contra a Igreja. Ainda há pouco, conversando com S. Ex^a Revma., Arcebispo D. Vicente Scherer, recebi a comunicação de que todos os cardeais do Brasil haviam decidido lançar proclamação pela paz, pela ordem legal, pela posse a quem constitucionalmente cabe governar o Brasil, pelo voto legítimo de seu povo. Essa proclamação está em curso pelo País. As Igrejas protestantes,

todas as seitas religiosas clamam por paz, pela ordem legal. Não é a ordem do cemitério ou a ordem dos bandidos. Queremos ordem civilizada, ordem jurídica, a ordem do respeito humano. É isso.

Vejam se não é desatino. Vejam se não é loucura o que vão fazer. Podem nos esmagar, num dado momento. Jogarão o País no caos. Ninguém os respeitará. Ninguém terá confiança nessa autoridade que será imposta, delegada de uma ditadura. Ninguém impedirá que este país, por todos os seus meios, se levante lutando pelo poder. Nas cidades do interior, surgirão as guerrilhas para defesa da honra e da dignidade, contra o que um louco e desatinado está querendo impor à família brasileira. Mas confio, ainda, que um homem como o General Machado Lopes, que é soldado, um homem que vive de seus deveres, como centenas, milhares de oficiais do Exército, como esta sargentada humilde, sabe que isso é uma loucura e um desatino e que cumpre salvar nossa Pátria. Tenho motivos para vos falar desta forma, vivendo a emoção deste momento, que talvez seja, para mim, a última oportunidade de me dirigir aos meus conterrâneos. Não aceitarei qualquer imposição.

Desde ontem, organizamos um serviço de captação de notícias por todo o território nacional. É uma rede de radioamadores, num serviço organizado. Passamos a captar, aqui, as mensagens trocadas, mesmo em código e por teletipos, entre o III Exército e o Ministério da Guerra. As mais graves revelações quero vos transmitir. Ontem, por exemplo - vou ler rapidamente, porque talvez isso provoque a destruição desta rádio - o Ministro da Guerra considerava que a preservação da ordem "só interessa ao Governador Brizola". Então, o Exército é agente da desordem, soldados do Brasil?! É outra prova da loucura! Diz o texto: "É necessário a firmeza do III Exército para que não cresça a força do inimigo potencial".

Eu sou inimigo, meus conterrâneos?! Estou sendo considerado inimigo, meus patrícios, quando só o que queremos é ordem e paz. Assim como esta, uma série de outras rádios foi captada até no Estado do Paraná, e aqui as recebemos por telefone, de toda a parte. Mais de cem pessoas telefonaram e confirmaram. Vejam o que diz o General Orlando Geisel, de ordem do Marechal Odílio Denys, ao III Exército: "Deve o Comandante do III Exército impedir a ação que vem desenvolvendo o Governador Brizola"; "deve promover o deslocamento de tropas e outras medidas que tratam de restituir o respeito ao Exército"; "o III Exército deve agir com a máxima urgência e presteza"; "faça convergir contra Porto Alegre toda a tropa do Rio Grande do Sul que julgar conveniente"; "a Aeronáutica deve realizar o bombardeio, se for necessário"; "está a caminho do Rio Grande uma força-tarefa da Marinha de Guerra", e "mande dizer qual o reforço de que precisa". Diz mais o General Geisel: "Insisto que a gravidade da situação nacional decorre, ainda, da situação do Rio Grande do Sul, por não terem, ainda, sido cumpridas as ordens enviadas para coibir ação do Governador Brizola".

Era isso, meus conterrâneos. Estamos aqui prestes a sofrer a destruição. Devem convergir sobre nós forças militares para nos destruir, segundo determinação do Ministro da Guerra. Mas tenho confiança no cumprimento do dever dos soldados, oficiais e sargentos, especialmente do General Machado Lopes, que, esperamos, não decepcionará a opinião gaúcha. Assuma, aqui, o papel histórico que lhe cabe. Imponha ordem neste país. Que não se intimide ante os atos de banditismo e vandalismo, ante esse crime contra a população civil, contra as autoridades. É uma loucura.

Povo de Porto Alegre, meus amigos do Rio Grande do Sul! Não desejo sacrificar ninguém, mas venham para a frente deste Palácio, numa demonstração de protesto contra essa loucura e esse desatino. Venham, e se eles quiserem cometer essa chacina, retirem-se, mas eu não me retirarei e aqui ficarei até o fim. Poderei ser esmagado. Poderei ser destruído. Poderei ser morto. Eu, a minha esposa e muitos amigos civis e militares do Rio Grande do Sul. Não importa. Ficará o nosso protesto, lavando a honra desta Nação. Aqui resistiremos até o fim. A

morte é melhor do que vida sem honra, sem dignidade e sem glória. Aqui ficaremos até o fim. Podem atirar. Que decolem os jatos! Que atirem os armamentos que tiverem comprado à custa da fome e do sacrifício do povo! Joguem essas armas contra este povo. Já fomos dominados pelos trustes e monopólios norte-americanos. Estaremos aqui para morrer, se necessário. Um dia, nossos filhos e irmãos farão a independência do nosso povo!

Um abraço, meu povo querido! Se não puder falar mais, será porque não me foi possível! Todos sabem o que estou fazendo! Adeus, meu Rio Grande querido! Pode ser este, realmente, o nosso adeus! Mas aqui estaremos para cumprir o nosso dever.

DESTAQUES DA SEMANA

Análise de Conjuntura

“LULA NÃO TEM O DIREITO DE TERMINAR O GOVERNO SEM DEIXAR UMA MARCA”

IHU On-Line reproduz a seguir trechos da longa entrevista concedida por Cristovam Buarque a Nelson Breve e Maurício Hashizume, que a veicularam no portal de notícias **Agência Carta Maior**, em 20 de junho de 2004. Em suas respostas, Cristovam Buarque faz um mergulho profundo no governo Lula e diz que é hora de despertar o PT. Confira na matéria de capa da presente edição uma entrevista exclusiva com o senador Cristovam Buarque.

Quando era ministro da Educação, o senador Cristovam Buarque (PT-DF) aproveitou um almoço no Palácio do Itamaraty para soprar nos ouvidos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva um pedido que há tempos lhe coçava a língua. A despeito do cargo que ocupava, ainda não tinha encontrado oportunidade ideal, nas raras audiências de despachos que tiveram, para efetivar a seguinte proposição: "Presidente, eu queria lhe pedir para a gente fazer um encontro sem gravata nem chuteira", disse Cristovam, ponderando que os encontros na Granja do Torto e nos Palácios da Alvorada e do Planalto ou são de gravata, em audiências formais, ou são de chuteira, quando a conversa tende a se restringir ao próprio esporte bretão. A resposta veio rápida, em uma demonstração da agilidade de raciocínio de Lula. "Você pode vir jogar descalço", desconversou o presidente, embutindo na ironia o recado de que tal tipo de encontro não lhe convinha.

O ex-ministro, demitido por telefone pelo presidente na reforma ministerial de cinco meses atrás, sempre conta essa história para mostrar a dificuldade de diálogo dentro do governo.

Nesta entrevista, Cristovam conta boa parte do que gostaria, mas não conseguiu dizer pessoalmente ao presidente nestes 18 meses de governo.

Agência Carta Maior– O que o senhor quis dizer com desestancar a revolução no artigo que escreveu para a *Folha de S. Paulo* [15/06/04]¹⁴?

Cristovam Buarque – É muito simples do ponto de vista de que o Brasil, diferentemente de todos os outros países que deram saltos, não fez nenhuma revolução em sua história. O Brasil deu um passo para uma revolução com a abolição dos escravos. Mesmo assim, foi uma

¹⁴ *IHU On-Line* reproduziu o referido artigo na 106ª edição, de 21 de junho de 2004, páginas 28-29.

revolução incompleta, porque não distribuiu terras para os escravos, não colocou os filhos dos escravos ou ex-escravos na escola – o que antes era proibido. Liberou os escravos da senzala, mas jogou-os nas favelas. O Brasil nunca fez uma revolução no sentido de “toda criança na escola”, de “todo trabalhador rural com terra”, uma revolução na área de saúde ou urbana, por exemplo.

A eleição do Lula, a meu ver, foi um passo revolucionário. Mas foi uma revolução no comportamento do eleitorado que, pela primeira vez, teve o “atrevimento” de eleger um trabalhador, alguém que veio das camadas mais baixas da população e que não pagou pedágio à elite. O Brasil já teve alguns presidentes pobres, mas que pagaram um dos três ou os três pedágios: ou ficaram ricos, ou passaram para o lado dos conservadores, ou fizeram curso universitário. Três maneiras de você se afastar do povo. O Lula não fez nenhuma dessas três coisas.

O que eu creio que se esperava é que, logo depois da posse, o Lula começasse a dar os passos no sentido de completar a abolição. Essa revolução de que eu falo está estancada desde a Princesa Isabel. A revolução estancada não se completou desde a abolição da escravatura. Eu incluo também completar a República. Mas, se a gente fizer a primeira, a segunda vem. O Brasil tinha, no Império, uma nobreza e uma plebe. Nós tiramos o imperador e botamos um presidente, mas continua nobreza e plebe. O Brasil não criou um povo que se sinta igualmente cúmplice de um projeto nacional. Por exemplo, um país onde mais ou menos 15% da população gasta R\$ 260 mil com a sua educação, em média, como nós aqui. E para os 50% mais pobres o Estado gasta R\$ 3,2 mil. Tem uma nobreza e uma plebe. Uma população que hoje tem serviços médicos tão sofisticados quanto os dos Estados Unidos e da Europa e outra que morre por falta de atendimento. Tem uma nobreza e uma plebe. Nós, os parlamentares, nos tratamos por “nobres”. Nós não nos tratamos por “cidadãos”. O presidente realmente é um metalúrgico, mas ele continua morando no “Palácio” da Alvorada. O presidente norte-americano mora onde? Na “Casa” Branca. Não é “White Palace”. Todos os símbolos brasileiros são de que a República não foi completada.

O papel do Lula era desestancar a revolução, dando os passos iniciais para que em 10, 15 anos ou até 2022, quando se completa o bicentenário da Independência, essa revolução pudesse estar completada. Mas eu acho que esses passos não foram dados ainda. Por isso que eu digo que a revolução continua estancada.

CM – O senhor poderia explicar melhor o que está por trás da idéia – que soa até um pouco preconceituosa - de que a “República dos sindicalistas” pensa no curto prazo porque tem mentalidade e não ideologia?

CB – No Brasil, a gente tem definido o que é “petista”. É uma mentalidade positiva: combativa, honesta. Isso é uma mentalidade e não é uma ideologia. Mas ninguém fala do “petismo”. O “petismo”, sim, exige uma ideologia. Na esquerda anterior ao PT, você tinha “comunista” e “comunismo”. Hoje não tem um “petismo”, não tem uma ideologia.

Se foi preconceituosa, foi para mim também. Eu sou petista, mas eu não tenho um farol iluminado pelo “petismo”. Qual é o conjunto de idéias, de propostas, de compromissos, que significa “petismo”? Não está claro. Quando eu falo do presidente e do núcleo dirigente, eu não faço uma crítica apenas a eles. A direção do partido, da qual eu sou parte, também está envolvida nisso. É possível que individualmente cada um de nós tenha uma ideologia. Mas no conjunto, nós somos guiados por uma mentalidade ainda. Não existe ainda o “lulismo”, como havia o “peronismo” e como Juscelino [Kubitschek] criou o “desenvolvimentismo”. Não precisa ser o nome dele.

Nosso governo não criou um vocabulário novo. Toda revolução e toda ideologia nova cria um vocabulário novo. Juscelino não criou só o desenvolvimentismo, criou “Brasília”. É um vocabulário novo. E foi criando uma porção de coisas novas como “Sudene”.

CM - “Inclusão social” não é um vocabulário novo?

CB – “Inclusão social” não é só do PT e, além disso, não está sendo feito. “Inclusão social” seria [um vocabulário novo] se virasse a bandeira de todos os ministros. E eu disse isso ao presidente uma vez: Juscelino conseguia que todos os ministros se sentissem soldados do desenvolvimento. Todos. Hoje, todos os ministros falam o quê em comum? O [Luiz Fernando] Furlan [ministro do Desenvolvimento] fala em inclusão social? É a bandeira do Furlan? É a bandeira de quais outros? O ministro da Saúde tem como bandeira a estabilidade monetária? Porque inclusão social exige estabilidade monetária. Uma vez eu disse isso numa reunião de ministros. Aliás, a última a que fui. E não quer dizer que eu saí por isso. Estavam lá o [Antonio] Palocci [ministro da Fazenda], o José Dirceu [ministro da Casa Civil] e os ministros da área social, que eram vinte e tantos. Eu disse: “Presidente, se o senhor tiver um ministro da Educação descomprometido com a estabilidade monetária, demita. E se tiver um ministro da Fazenda descomprometido em garantir toda criança na escola, demita. Agora, o senhor deveria chamar os dois e perguntar: para manter a estabilidade e botar todas as crianças na escola, teremos escolas com ar condicionado ou debaixo de árvores? Vai ter computador ou só lápis? Mas nunca o ministro da Fazenda não se sentir um soldado da universalização da educação e nunca um ministro da Educação não se sentir soldado da estabilidade monetária”. Não temos esse conjunto de idéias que unificaria todos os ministros. Até o “Fome Zero”, que eu digo que é o único vocábulo novo, é tão restrito que não pode ser um projeto de nação. Não é uma palavra que englobe o conjunto da nação. E mesmo assim, não dá para dizer que todos fazem parte disso. É um programa pequeno. Aliás, é um projeto. Não é uma visão nova do Brasil.

CM – Como conciliar esse mundo das idéias com o mundo da política?

CB – No mundo das idéias, existe um conjunto de medidas que você tem que trazer para todas as forças e lideranças nacionais: Congresso, governadores, prefeitos, líderes empresariais e líderes sindicais... Por isso, quando eu sentei na cadeira de ministro, coloquei na minha parede e na parede de todos os meus secretários uma lista de 31 objetivos até 2015. Com esses objetivos, você define os meios - incluindo aí o detalhamento em leis - e vai negociar com a política. Eu falei aqui 2022, não é isso? De repente, politicamente, você não vai conseguir o dinheiro para fazer tudo para 2022. Fica para 2050. A política, nesse caso, é mais fácil que no tempo de Juscelino. A bandeira “inclusão social” é muito mais aceita do que mudar a capital do País. É muito mais fácil o Brasil gastar dinheiro com inclusão social hoje do que convencer os cafeicultores em investir na indústria automobilística. Não foi fácil convencer o setor agrícola – que estava acostumado a exportar os seus produtos e importar o que precisava – comprar aqui dentro por duas, três, quatro vezes o preço. A gente esquece, mas quando os primeiros carros brasileiros eram fabricados aqui, eles custavam duas, três, quatro vezes o preço. Era proibido importar carro. Proibir importação de carro deve ter sido muito difícil para os deputados da época aceitarem. Trocar seus *pontiacs*, seus *chevrolet* rabo-de-peixe e passar a andar de “fusca” pelo mesmo preço. Isso é que era difícil: o desenvolvimentismo era mais difícil até que o “inclusionismo”, vamos chamar assim.

CM – Será mesmo? O desenvolvimentismo pressupunha o crescimento da riqueza para os ricos. A inclusão significa você transferir a riqueza dos ricos para os pobres.

CB – Primeiro, era crescimento de riqueza para os ricos, mas para os outros ricos. Não da oligarquia rural anterior. Era o capital estrangeiro. Eram os setores financeiros que estavam com o dinheiro dos agricultores. Um ou outro agricultor mudou de ramo. A maioria não mudou. E entre os ricos, há brigas sérias também. Agora, a briga de transferir dos ricos para os pobres, na democracia, vai exigir que o cronograma seja negociado. Por exemplo, eu defendo que a gente precisaria de uns R\$ 25 bilhões a mais por ano para dar um grande salto na educação básica e superior do Brasil. A gente hoje não tem de onde tirar R\$ 25 bilhões, numa democracia, porque as pessoas não vão querer abrir mão. Então começa com R\$ 5 bilhões. Sinaliza. É aí que o Lula é o predestinado. O Lula é o único cara que tinha condições de convencer os ricos. Primeiro porque os ricos temiam perder tudo com ele. Quando o Lula pedir uma parte, eles vão respirar fundo: “Puxa, que bom, ele só está pedindo isso”. Mas tinha que ter sido nos primeiros dias. Mesmo tendo o voto da elite, a elite estava assustada com a chegada ao poder do Lula, do PT. Ele tinha que, naquela hora, dizer: “Eu vou tirar”. Eu [como governador do Distrito Federal] tirei R\$ 30 milhões por ano para o Bolsa-Escola. Eu deixei de fazer ponte. Eu deixei de fazer muitas obras. A população rica aceitou tranqüila. E não deixou de votar em mim por causa disso. E acho que nem perdi [a reeleição] por causa do voto dos ricos. Perdi por uma ilusão de grupos corporativos. Então, dá para aceitar e não é preciso tanto: 2% da renda nacional já seriam R\$ 40 bilhões a mais por ano para gastar para os pobres. E aí, sim, dar um salto completo da abolição da escravatura em 10, 15 anos. Estamos vendo o contrário. Os jornais de ontem e hoje [16 e 17/06] dizem que aumentou o número de milionários e caiu o poder aquisitivo dos trabalhadores. Então como levar isso para a política? É fazer um grande pacto nacional em que se aceite não transferir dos ricos para os pobres, mas dos ricos para o governo, que transfere em serviços para os pobres. Não adianta transferir a renda monetária dos ricos para os pobres, porque aí não dá para tirar os pobres da pobreza e ainda “irrita” os ricos. Mas, se você, através do governo, faz com que isso chegue aos pobres sob a forma de serviços, os ricos saem ganhando.

CM – Mas é possível fazer isso com a atual correlação de forças de compõem o governo, que está com dificuldades para manter o reajuste estabelecido para o salário-mínimo?

CB – A dificuldade para aprovar o salário-mínimo vem de outras coisas. Se nos primeiros dias de governo, o Lula dissesse que manteria o nome Bolsa-Escola e dobraria o seu valor... Ele poderia ligar para o Fernando Henrique e dizer: “Presidente, eu vou levar adiante o seu projeto do Bolsa-Escola”. Você acha que o PSDB iria ficar contra? Como é que o PSDB iria ficar contra aumentar o valor do Bolsa-Escola? Impossível! E o Fome Zero já teria chegado a todo mundo nas primeiras semanas de governo. Já estava tudo pronto. Meu primeiro conflito com o governo, em fevereiro [do ano passado], foi quando falei para os prefeitos e para a televisão também que o Fome Zero era o Bolsa-Escola maior. Para dobrar o Bolsa-Escola, teria custado 20% do dinheiro que estava reservado para o Fome Zero - R\$ 300 milhões de R\$ 1,5 bilhão. Mas aí era dizer: “Vou manter o nome, respeitar a ‘paternidade’ do presidente Fernando Henrique e dobrar o valor”. Poderia multiplicar por quatro. Se dissesse que iria pegar o Fundef e transformar em Fundeb, você acha que o PSDB ficaria contra se fizesse a vinculação como continuidade? Na minha posse, eu chamei isso de “seguir adiante e dobrar à esquerda”. Seguir adiante, porque não vamos andar em marcha para trás. Aliás, a frase era: “Recebo o Ministério em marcha. Agora é pisar no acelerador e dobrar à esquerda”. Teria apoio. Era uma questão de conversar. O salário-mínimo está com essa dificuldade para passar aqui, porque veio goela abaixo. Eu ouvi um senador do PT - que não é o [Paulo] Paim - dizer: “Ninguém conversou comigo antes e ninguém tentou ouvir os meus argumentos de que poderia ser R\$ 265, para que eu pudesse mudar a minha opinião e chegar a R\$ 260” [trata-se do senador Flávio Arns, que

votou contra o governo, acompanhando o senador Paulo Paim e a colega Serys Slhessanrenko]. O governo não conversa com o Congresso. O Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, por exemplo. Ali não tem conversa sobre projeto nacional. Ali é uma conversa de interesses – cada um querendo desfiar as suas reivindicações.

CM – Mas isso é um problema desse governo? A base do governo anterior também reclamava que não era ouvida.

CB – Igualzinho. Pode até ser pior, não sei. Mas é menos justificável nesse governo se quiser fazer as mudanças. Para você administrar “continuando” não precisa conversar muito. Agora, para você administrar “mudando” é preciso conversar muito. Difícil foi aproveitar a transferência da capital. Tirar aqueles caras do Rio de Janeiro, gastar um dinheirão para fazer a nova capital. E Juscelino conseguiu. Democraticamente.

CM – Qual é a “Brasília” do Lula?

CB - Quando estava no governo, fiz um documento para o [Luiz] Gushiken [ministro da Secretaria de Comunicação de Governo e Gestão Estratégica], que seria a continuação desse artigo “Desestancar a revolução”, em que eu dizia que o legado do Lula, a “Brasília” do Lula, seria mudar a situação da criança brasileira. Eu escolheria isso. É uma obsessão minha, talvez. É possível o Lula dizer: “Eu deixei, em quatro anos, uma situação diferente para as crianças brasileiras”. Desde o atendimento maternal até o Primeiro Emprego. Uma série de programas que pudesse cuidar da criança em todas as suas fases. Da mesma maneira que Juscelino precisava de 20 a 30 anos e só ficou cinco, [esses programas] precisariam de 15 anos [completarem o ciclo], quando essas crianças novas atendidas estariam terminando o segundo grau. Mas começava agora. Dava um pontapé e não parava mais. Eu defendo isso. É claro que ao lado disso tem outra coisa: o Brasil dar um salto para entrar na sociedade do conhecimento, investir em tecnologia, como diz o próprio Gushiken. E para isso precisa ter educação, programas de saúde. Eu diria que a “Brasília” de Lula deveria ser a criança. E dentro da criança, a escola pública. E isso que eu apresentei não fica no genérico: vai de programa em programa. É a carta que eu fiz para o Gushiken no dia 1º de janeiro [deste ano]. Aproveitei o feriado e fiz essa carta. Entreguei no dia 4. Ele inclusive tirou cópia e distribuiu para outros ministros. Isso eu sei, porque alguns vieram me dizer.

CM – O senhor sustenta que as coisas poderiam ser feitas exatamente no começo do governo Lula, como vários analistas de esquerda. Não dá mais? Como retomar essa “revolução”, inclusive simbólica e cultural, depois de ter perdido essa janela de oportunidade do início do governo, apontada pelo senhor?

CB – Ainda dá tempo até as eleições municipais, sem dúvida. Depois das eleições municipais, só vai ser possível se o PT ganhar. E aí existem algumas eleições simbólicas: se o PT perder em São Paulo, aí eu acho que não vai mais ter tempo, não. Por quê? Porque aí vai parecer que é uma reação por causa do prejuízo e não mais querendo fazer a mudança. Perdendo o salário-mínimo, já fica difícil. Mas, antes de votar o salário-mínimo, se o Lula chamasse o Senado e a Câmara, já que a Câmara precisa de um afago para mudar agora o salário-mínimo e dissesse: “Eu erre ao não ouvir vocês antes. Quero pedir desculpas por não ter discutido com vocês o salário-mínimo e mostrado os argumentos do governo para não dar mais que R\$ 260 por que é óbvio que por mim eu daria mais. Eu sabia que não dava para dar mais, mas cometi um erro: não ter chamado vocês para conversar. Mas vamos discutir como é que a gente pode complementar esse salário-mínimo”. E aí apresentar um projeto desse [como o das crianças]. “Vamos fazer a revolução que o Brasil precisa. Eu quero que vocês apoiem não é só R\$ 15 a

mais, não. Eu quero que vocês apóiem R\$ 100 a mais no salário-mínimo. Mas não vai para o salário-mínimo. Esses R\$ 100 vão para o Fundeb, para o programa de água e esgoto, para o Bolsa-Família". Só para colocar uma criança a mais na escola são pelo menos R\$ 20 a mais para o salário-mínimo. É a merenda. Não é o que o governo gasta, que é menos do que isso, mas é o que vale. Comer uma refeição, direitinho, custa pelo menos R\$ 1 por dia, 20 dias em um mês. E dizia mais: "Vamos apresentar isso como uma vitória de vocês do Congresso. Eu não quero que seja uma vitória minha. A vitória é do Congresso". E aí não faz porque há uma certa arrogância na maneira como nós exercemos o poder. A esquerda toda tem um pouco disso. Ela é tão convencida de que está certa que, muitas vezes, fica arrogante. E eu me incluo entre esses também, pela nossa formação. A gente está tão certo, cada um de nós, de que estamos do lado do povo, que a gente nem faz um pouco de afago ao povo e também aos parlamentares. Eu digo isso, mas no meu Ministério eu afaguei muito o Congresso, talvez por já ter sido eleito e saber que um dia voltaria para cá. Eu tratei bem o Congresso, gastava horas e horas em audiências. Recebi acho que uns 60% dos parlamentares no primeiro ano e alguns muitas vezes. Ainda é tempo e o passo é chamar o Congresso e ir além desse negócio de R\$ 15 a mais. Não em dinheiro porque vai pesar na Previdência e não vai resolver nada o problema do trabalhador. Vamos de outra maneira. E o Lula é o homem preparado, pronto para isso. Talvez seja um problema o fato de que o Lula seja tão forte no contato direto com o povo que menospreza a intermediação do Congresso. Isso é um problema dos líderes carismáticos fortes. Eles, em geral, acham que prescindem da intermediação do Congresso. Só que, de acordo com a Constituição, não adianta o povo estar a favor se o Congresso vota contra. Não vira lei. O presidente pode passar quatro anos sem fazer as coisas e sair carregado nos braços do povo só pelo seu carisma. Mas não deixa nenhuma marca se não passar pelo Congresso. E o Lula não tem o direito de não deixar marca. O Lula não tem o direito de sair nos braços do povo e não deixar uma marca para as próximas gerações, um legado. Além disso, ele só sairá nos braços do povo sem deixar uma marca se for no primeiro mandato. Em oito anos, ninguém perdoa. Quatro já é difícil perdoar se ficar apenas na base da conversa, do carisma. Oito é impossível na base do carisma. Oito é na base das mudanças.

"Não há espaço no governo para discutir um projeto de nação"

Neste trecho da entrevista, o ex-ministro Cristovam Buarque explica por que está usando a imprensa para fazer suas críticas ao governo. Ele diz que procurou fazer isso de forma direta, mas não encontrou espaço. "Quando foi a última vez que o Lula sentou calmamente, durante uma tarde inteira - em um fim-de-semana ou até em um dia da semana em que não foi ao Palácio do Planalto -, com Hélio Jaguaribe, com Cândido Mendes, com Celso Furtado, com Aziz Ab'Saber, com Antônio Cândido?"

Agência Carta Maior – O senhor utiliza uma expressão – e provavelmente seja um dos primeiros apoiadores do governo a fazê-lo - que é rotineiramente empregada pela oposição que é “o governo tinha um projeto de poder, mas não tinha um projeto para o futuro do País”. Isso não pode ser encarado pelo presidente como uma crítica desleal?

Cristovam Buarque – São duas coisas diferentes: se [a crítica] é ou não leal ou se é certa ou errada. O presidente poderia dizer: "É desleal fazer isso em um artigo em vez de me dizer". Mas eu já disse, na medida do possível. Só que não há grandes espaços para conversas dentro do governo. Em nenhuma reunião de Ministérios houve qualquer discussão. As reuniões de Ministérios eram para cada ministro falar o que estava fazendo. Eu me atrevi a fugir disso umas duas ou três vezes e acho que não fui bem recebido. O próprio Lula disse, saiu no jornal: "O Cristovam vem aqui e fala de outra coisa e não da pasta dele". E olha que eu não consegui falar

tanto. Eu tive duas, três, quatro audiências. Talvez nem isso. E também não ia falar de outra coisa quando tinha que resolver problemas do Ministério. Não é deslealdade nesse sentido de ir para o jornal por falta de espaço. E mesmo assim, eu disse: fiz essa carta ao Gushiken e eu mandava muitos e-mails para o presidente por meio da secretária dele. E-mails bem curtos para não tomar tempo que o presidente não tem. Inclusive em letras bem grandes, porque ele, como eu, precisa ler de óculos. Até a gente botar o óculos, a gente que é ocupado já duvida se lê. Escrevia parágrafos com letras bem graúdas para não precisar usar óculos. Então, não foi desleal nesse sentido. Agora, se foi equivocada ou não? Eu acho que não foi equivocada e eu comecei a perceber isso no começo do governo, quando, nos primeiros despachos com o chefe da Casa Civil, eu percebi que não havia espaço para discutir nada conceitual. Não havia espaço para discutir um projeto de Brasil. As discussões eram pontuais, como essa aqui [do Senado]: ganha ou não ganha o salário-mínimo. Quando eu levei a proposta de garantir uma vaga para cada criança no dia em que ela fizer 4 anos de idade na escola mais próxima de onde ela mora - que está no programa de governo -, não houve uma discussão do que isso representaria do ponto de vista transformador. A discussão foi: "Mas isso vai criar problemas com os prefeitos porque quem vai por nas escolas são os prefeitos e não vai custar nada ao governo federal". Na verdade, não vai custar nada aos prefeitos. Na hora em que você colocar uma criança dentro da escola, ela vai ficar sentada no chão. Uma hora depois vai aparecer uma cadeira para ela. Ela vai dividir a merenda que já está lá. Mas daí a um mês aparece mais merenda. A gente transformaria necessidade em demanda. Necessidade é uma criança na calçada da escola. Demanda é ela dentro da escola sem banco para sentar. Lá fora ela não demanda, ela necessita. Senti desde esse início que não havia espaço nem interesse de conversar projetos de nação. Salvo com o Gushiken. O Gushiken ainda tentava discutir algo maior, mas ele também caiu no pontual do gerenciamento da comunicação. Acho que a crítica que faço não é desleal e não está equivocada. Posso até ser convencido de que esteja... Por outro lado, mesmo que eu fosse e conversasse com o presidente - e depois que eu saí do Ministério eu não tive mais nenhum contato, ninguém me ligou, ninguém me chamou, a não ser agora na hora do salário mínimo, quando eu disse que votaria "não" ou me absteria se não houvesse a negociação de um choque social, aí o Palocci esteve comigo -, morreria ali dentro. Essa falta de diálogo é ruim. Todo presidente tem um grupo de pessoas, em geral críticas, com quem ele conversa de vez em quando. Todos. Amigos e nem tão amigos. Os empresários hoje se ressentem muito da falta de diálogo também para dizer o que pensam. Um dia desses esteve aqui uma investidora americana de bilhões de reais que não conseguiu uma audiência com ninguém do governo. O Fernando Henrique organizava encontros desses que ninguém sabia e recebia empresários para conversar no Alvorada. Agora eu acho que o Lula não pode ficar conversando só com empresários. Ele tem que receber também outros grupos. Quando foi a última vez que o Lula sentou para conversar não como presidente falando, mas como presidente ouvindo pessoas relacionadas com o problema da terra, do meio ambiente? Não lembro. Não sei. Ou pessoas que nem nessas corporações estão. Pessoas que pensam o Brasil. Quando foi a última vez que o Lula sentou calmamente, durante uma tarde inteira - em um fim-de-semana ou até em um dia da semana em que não foi ao Palácio do Planalto -, com Hélio Jaguaribe, com Cândido Mendes, com Celso Furtado, com Aziz Ab'Saber, com Antônio Cândido? É preciso. Os grandes presidentes, como [Franklin] Roosevelt [dos EUA], tiveram esses grupos, grupos diferentes, que não estão atrás de cargo, que não estão atrás - como nós ministros sempre estamos, não vamos mentir - de parecer bem com presidente. Ministro tem que sair da audiência deixando o presidente contente. Se não, o cargo dele dança. O ministro senta ali diante de um chefe. Esses nomes que eu disse sentariam diante de uma pessoa que

eles respeitam: não é o chefe, é o presidente. Ministro raramente tem peito para dizer as coisas para valer.

Deu nos jornais

Brizola e as eleições de 1989

“Brizola sempre viu o interesse nacional acima de sua natural ambição pelo poder. Convém recordar, embora não seja agradável para muitos, a proposta que fez, publicamente, a Lula, no desastrado pleito que elegeu Fernando Collor. Ele pressentiu que se ele e Lula renunciassem às respectivas candidaturas, em favor de Mário Covas, o político paulista chegaria ao segundo turno e venceria as eleições. O estado-maior de Lula fez que não ouviu a sugestão do líder gaúcho - e deu no que deu.” “Foi um *beau geste*, uma vez que ele e Lula estavam bem próximos um do outro nas intenções de voto, durante a primeira fase da campanha, e todos sabemos que, em política, muitas vezes, um candidato, com sua renúncia, transfere mais votos do que realmente tem. Há sempre uma simpatia para quem demonstra renúncia, e suas recomendações costumam ter efeito na opinião pública”. A recordação é de Mauro Santayana, jornalista, e colaborador do *Jornal da Tarde* e do *Correio Braziliense*, em artigo publicado pela *Agência Carta Maior*, 22-6-04.

Brizola e as eleições de 2006

“Nos últimos meses, minhas conversas incessantes com Brizola eram dominadas por um único tema: como livrar o País de ter de escolher em 2006 entre duas coalizões políticas - uma organizada em torno do PT e do presidente atual e a outra, em volta do PSDB e do presidente anterior - que representam o mesmo projeto ruinoso. Projeto que o povo brasileiro tentou e não conseguiu substituir na eleição presidencial de 2002”. – revela Roberto Mangabeira Unger, professor de direito na Universidade Harvard, autor do livro *A Alternativa Transformadora* em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, 23-6-04. Segundo ele, “as discussões com Brizola tiveram desfecho num plano audacioso - inteiramente fora dos cálculos - de intervenção na sucessão presidencial, a ser debatido e revisto e sujeito aos contratemplos de qualquer ação empreendida contra a corrente. Brizola pediu-me que memorializasse por escrito essa proposta. Assim fiz em longa carta, entregue quando ele já não a podia ler, em 21 de junho, dia de sua morte. Agora estamos todos nós, os inconformados, muito mais sós”.

Brizola ou Stedile. Mas veio Lula!

“Recordo que, quando vieram as eleições e me perguntaram qual seria o meu candidato, respondi: ‘Brizola ou Stedile. São guerreiros. E, muitas vezes, isso é fundamental.’ Mas veio Lula. É um operário, honesto, e dele só podemos esperar tempos melhores”. O depoimento é de Oscar Niemeyer, arquiteto e um dos criadores de Brasília e autor dos projetos do Sambódromo do Rio e dos Centros Integrados de Educação Pública (Cieps) construídos nos governos de Brizola no Rio em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, 23-6-04.

"Após eleição de Lula, continuamos a nos enganar"

“O Brasil é obrigado a gerar 4,25% de superávit para atender seus compromissos de pagamento de juros. Tenho feito uma pergunta a muitas pessoas (economistas, políticos, empresários, dirigentes sociais e sindicais, presidentes de organismos internacionais), sem obter nenhuma resposta, e faço essa pergunta aos leitores: se a Europa e os EUA, que

arrecadam o mesmo tanto ou mais impostos do que o Brasil, não conseguem impulsionar a economia a ponto de gerar trabalho com 3% a 4 % de déficit, como o Brasil conseguirá fazê-lo com 4,25% de superávit?” “Nenhuma pessoa, organização ou empresa tem condições de se desenvolver, comprometendo um terço de sua renda ou faturamento para pagar juros. Ano após ano, eleição após eleição, governo após governo, continuamos a nos enganar” diz Grajew. Para ele, somente a redistribuição de renda fará o País crescer e gerar trabalho e para isso “espero que nossas lideranças governamentais, empresariais e sociais, a sociedade em geral, tomem consciência da gravidade da situação, desse faz-de-conta que vivemos, e tracem um novo rumo para o nosso pobre e ao mesmo tempo tão rico e promissor Brasil”.

Leonel Brizola. Outra visão

“Por diferentes formulações, muitos dos que comentaram a morte de Leonel Brizola coincidiram na idéia de que ali se encerrou uma era, um ciclo ou, o que é quase o mesmo, desapareceu ‘o último populista’. É possível. Mas não indiscutível”. A tese é do jornalista Janio de Freitas na sua coluna publicada pelo jornal **Folha de S. Paulo**, 24-6-04. Ele faz uma análise judiciosa e muito pertinente. Para ele, “pode-se, e talvez se deva, com mais razão identificar em 1995 o encerramento de um ciclo, no sentido que lhe foi dado pelos comentários. Com o governo de Fernando Henrique que então se inicia, a conjunção de poder político, meios de comunicação e interesses internacionais impõe o abandono de concepções presentes, e determinantes, em pelo menos seis décadas e meia da vida brasileira, fosse regime democrático ou ditadura, fossem quais fossem o presidente, o ditador, a composição política no poder ou a corrente militar dominante. A ampla variação de graus do nacionalismo, entre a obstinação rígida e a aceitação por conveniência, constituiu um ideário que em nenhum momento, pelo menos desde a Revolução de 30 até 1995, deixou de integrar cada parte da vida política e econômica. Rejeitá-lo nunca passou de ato individual, e assim mesmo tão excepcional, que conferiu uma identidade extra às pessoas de que o ‘entreguista’ Roberto Campos se tornou referência”. Ele constata: “A partir de 1995, o Brasil torna-se um apêndice do sistema internacional de exploração financeira dos países secundários, sistema a que, como parte do seu jogo, os interessados deram o nome amorfo de mercado. Já por aí o que se instalou, a partir de 1995, foi uma concepção absolutamente nova de função do governo, da riqueza nacional e da relação entre presente e futuro”. E Janio de Freitas conclui o artigo que merece ser lido na íntegra afirmando: “A partir de 1995 instaura-se o predomínio do combate à inflação à custa dos investimentos governamentais, dos deveres gerais para com a população e do empobrecimento nacional por falta do necessário e possível crescimento econômico. Sempre secundárias na prática, as razões sociais da existência de governo deixaram de figurar nas concepções dominadoras do país. O governo tornou-se dispensado do compromisso com a população. Mesmo com dois mandatos, um governo não bastaria para encerrar um ciclo histórico. Mas o governo Lula confirma o encerramento”.

Quem ganhou as eleições foi Lula, não o PT!

“É preciso observar que quem ganhou a eleição foi o líder carismático Luiz Inácio Lula da Silva, com uma mensagem profundamente social, sustentada pelos princípios expostos na famosa ‘Carta aos Brasileiros’” - afirma Antonio Delfim Netto, economista, deputado federal em artigo publicado no jornal **Valor Econômico**, 22-6-04. “Tais compromissos estão longe de coincidir com os programas do Partido dos Trabalhadores em suas dezenas de ‘atualizações’. Se tivessem remanescido nos velhos compromissos eleitorais com os resíduos do marxismo de ‘pé-quebrado’ que sempre dominou as assembléias do partido, ele provavelmente não teria sido

eleito. É por isso que o PT tem de conformar-se que quem ganhou a eleição foi o carisma de Lula, apoiado num programa que muito pouco tinha a ver com o Partido”.

Brasil forma 7 mil doutores por ano

“O Brasil forma 7 mil doutores por ano. Destes, 60%, ou seja, 4,2 mil são de áreas ligadas a desenvolvimento tecnológico. Uma meta seria que 20% fossem absorvidos por empresas como primeiro emprego, como na Inglaterra”. A informação é do físico José Fernando Perez, diretor científico da Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (Fapesp) em entrevista publicada no jornal **Valor Econômico**, 23-6-04. E ele continua: “O País investe pesadamente em sua formação; formar um doutor custa por baixo R\$ 200 mil. É despesa do contribuinte. Se você multiplicar isso por 7 mil, verá que o Brasil investe R\$ 1,4 bilhão por ano para formar este pessoal e não tem retorno à altura”. Para ele, “o papel da universidade não é fazer desenvolvimento tecnológico, mas sim induzi-lo pela formação de recursos humanos. Esse é o desafio. Deve-se criar uma cultura de pesquisa dentro da empresa, que ainda não existe. A prova de que a inovação se dá dentro delas são as patentes. Nos EUA, no máximo 3% são de origem acadêmica, 97% vêm da empresa”. E cita um exemplo: “Veja a lâmina de barbear: antes tínhamos de desmontar todo o aparelho para mudar a lâmina. Para chegar ao aparelho atual houve uma série de inovações incrementadas que exigiram muita engenharia e pesquisa. Isso deve ser feito dentro da empresa, até por uma questão de proteção da concorrência. A universidade não consegue dar esse ritmo”.

A editoria Deu nos jornais foi elaborada em parceria com o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT.

Frases da semana

Leonel Brizola. Depoimentos

“Ele se inscreve na tradição do que se chamou de populismo no Brasil, que foi equivocadamente interpretado político-sociologicamente como ligado ao fascismo. Foi uma forma autoritária da inclusão da classe trabalhadora na cena política”. – **Francisco de Oliveira**, sociólogo, - **Folha de S. Paulo**, 22-6-04.

“Nós, gaúchos, temos um profundo orgulho de Leonel Brizola, por tudo que ele significou para o nosso país e por tudo que ele legou com a sua conduta de homem honrado e probo”. – **Tarso Genro**, ministro da Educação e ex-prefeito de Porto Alegre - **Folha de S. Paulo**, 22-6-04.

“No túmulo de Brizola o epitáfio pode ser simples: Leonel Brizola, patriota, 1922 - 2004”. - **Mauro Santayana**, jornalista, é colaborador do **Jornal da Tarde** e do **Correio Braziliense**, em artigo publicado pela **Agência Carta Maior**, 22-6-04.

“Leonel Brizola, o velho leão da esquerda radical brasileira” - manchete do jornal espanhol **El País** - 23-6-04.

“Numa carta a Oswaldo Aranha, Getúlio Vargas escreveu: ‘Vivemos numa pobreza franciscana em matéria de idéias políticas’. Com a morte de Leonel de Moura Brizola, um raro político de idéias próprias, aumentou a pobreza do debate político brasileiro”. - **Marco Antonio Villa**, historiador, é professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos e autor de **Jango, um Perfil (1945-1964)** (editora Globo) - **Folha de S. Paulo**, 23-6-04.

Brizola e o PT no governo

“Como é que pode o PT, ao chegar ao governo, mudar? Isso é coisa de um país surrealista”.
Leonel Brizola em 17-5-2003, sobre o governo Lula - **O Globo**, 22-6-04.

“Não tenho dúvida de que, entre a eleição dele (de Lula) e a decisão de formar seu governo, aconteceu alguma coisa. Lula levou um apertão na moleira tão grande que alterou a linha de pensamento dele. Vocês não acham que é isso? Ali aconteceu alguma coisa. Eu então digo o seguinte: passei a observar o governo e não tem maneira, tem que baixar o porrete”. - **Leonel Brizola**, no último discurso feito em São Paulo, no dia 4 de junho de 2004 - **O Globo**, 23-6-04.

“Não faça, Lula, um governo medíocre e acovardado”

“Vamos dizer a verdade: Lula teve o que mereceu. Que presidente é esse que não pode comparecer ao velório de um antigo aliado e companheiro de lutas, sem ser hostilizado e correr risco de agressão? Se Brizola tivesse feito um último apelo ao presidente da República, poderia ter dito, imagino: ‘Não faça, Lula, um governo medíocre e acovardado. Não foi para isso que o Brasil te elegeu’”. - **Paulo Nogueira Batista Jr**, economista - **Folha de S. Paulo**, 24-6-04.

Ainda o salário mínimo

“O governo teve uma vitória no painel, mas uma derrota na sociedade. Optaram pela responsabilidade fiscal com o Fundo Monetário Internacional (FMI) em detrimento da responsabilidade social com os trabalhadores”. - **Ivan Valente**, deputado federal (PT-SP), comentando a vitória do Governo na questão do salário-mínimo - **Folha de S. Paulo**, 24-6-04.

Reforma agrária e o agronegócio

“Neste momento, a reforma agrária que defendemos não vai se viabilizar se não mudar o modelo econômico. O agronegócio produz dólares, mas não comida. O MST continuará sua luta, até que caia o último latifúndio do País”. - **João Pedro Stedile**, coordenação nacional do MST - **Jornal do Brasil**, 22-6-04.

O verdadeiro desenvolvimento: um projeto nacional

“O verdadeiro desenvolvimento - não o ‘crescimento econômico’ que resulta da mera modernização das elites- só pode existir ali onde houver um projeto social subjacente”. - **Celso Furtado**, economista, citado por Rubens Ricupero, secretário geral da Unctad - **Folha de S. Paulo**, 20-6-04.

“Onde estará o nosso projeto?”, interpela-nos a voz de Celso Furtado. Ele não pode, é óbvio, resumir-se à luta contra a fome. Será possível construir autêntico projeto de ‘promoção de todos os homens e do homem como um todo’ sobre a base dos contravalores do cassino financeiro?”
 - **Rubens Ricupero**, secretário geral da Unctad - **Folha de S. Paulo**, 20-6-04.

EVENTOS IHU

Participe das atividades do Instituto Humanitas Unisinos

Terra habitável: Um desafio para a humanidade

No dia 23 de junho, reuniu-se a comissão organizadora do *Simpósio Internacional Terra habitável: Um desafio para a humanidade*. O simpósio celebrará a memória do centenário do nascimento de Balduino Rambo (1905-2005), do cinquentenário da morte de Teilhard de Chardin e o centenário do *annus mirabilis* de Einstein. O simpósio tem como objetivo geral "discutir alternativas, para que o ser humano e as instituições possam tornar o planeta Terra mais habitável, com base em uma visão transdisciplinar da economia, da física, da ecologia e da teologia, celebrando a memória do centenário de nascimento de Balduino Rambo, do cinquentenário da morte de Teilhard de Chardin e o centenário do *annus mirabilis* de Einstein". O simpósio será realizado de 16 a 19 de maio de 2005, na Unisinos e organizado pelo Instituto Humanitas Unisinos.

Ciclo de estudos sobre "O método", de Edgar Morin

Foi realizado no último dia 24 de junho, o *Seminário sobre o volume III: O conhecimento do conhecimento*, durante o evento *Ciclo de estudos sobre "O método", de Edgar Morin*. O Prof. Dr. José Roque Junges foi o responsável pela explanação e pela condução do debate. Professor no PPG em Saúde Coletiva da Unisinos e participante do grupo temático Teologia, do IHU, José Roque Junges concedeu uma entrevista ao *IHU On-Line* sobre o tema do evento na última edição, de número 106.

Ecos do evento

O professor soube resumir um pensamento tão complexo como o de Edgar Morin. Achei interessante a questão da relação cérebro-espírito, em que se apresenta conceitos dessas duas teorias, duas visões tão diferentes. Aproximá-las e compará-las é algo desafiador".

Prof. Dr. Álvaro Valls, professor no PPG em Filosofia da Unisinos.

"Edgar Morin é interessante por sua complexidade, pela questão do conhecimento a partir do cruzamento interdisciplinar. É por esse motivo que leio suas obras. É lamentável que ainda exista, inclusive dentro da própria França, uma restrição quanto à transdisciplinaridade, por parte do pensamento ocidental especializado. Este é um viés a ser visto como alternativa na academia".

Enildo Carvalho, mestrando em História na Unisinos e professor em São Leopoldo.

"O Pe. Roque conseguiu, de maneira didática, sintetizar o conteúdo da obra apresentada. Destaco, em sua explanação, a questão da dimensão do conhecimento que comporta a diversidade e a multiplicidade. O pensamento de Morin, sempre independente, muda nossa maneira de ver as coisas".

Gisele Mello, graduada em Filosofia e especialista em Cooperativismo pela Unisinos.

IHU Idéias

O Prof. Dr. Oswaldo Giacoia Junior, do Departamento de Filosofia da Unicamp, foi o responsável por apresentar, na última quinta-feira, dia 24 de junho, o evento IHU Idéias, cujo

tema foi *Limites éticos da pesquisa científica: reflexões a propósito da genética*. Confira a opinião de quem prestigiou a atividade:

Ecos do evento

"Gostei da forma irônica e inteligente com que o professor passou seu recado. Porém achei a discussão deslocada da realidade, considerando o aspecto técnico. É preciso ter cuidado com extremistas que se baseiam em idéias erradas e acabam invalidando as discussões. Não é filosofando durante 20 anos que vamos resolver os problemas da humanidade".

Eduardo Battistella, pesquisador no Mestrado em Computação Aplicada da Unisinos.

"A palestra foi muito interessante pelo assunto abordado, que é bastante pertinente. O *IHU Idéias* é um espaço fascinante, onde pessoas de diferentes áreas podem discutir um mesmo assunto sob pontos de vista diversos. Em sala de aula, não há espaço para debates tão proveitosos como esse que tivemos hoje".

Vanessa Curvello, aluna de Publicidade e Propaganda da Unisinos.

Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault

Na última edição do Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault, realizada na quinta-feira passada, dia 24 de junho, o professor Dr. Oswaldo Giacoia Junior, da Unicamp, abordou a temática *Foucault e a arqueologia da sociedade contemporânea*.

Ecos do evento

"A temática foi ótima e poderia ter sido mais explorada. O professor Giacóia é uma pessoa bastante capacitada, mas não foi legal o fato de ele ler a palestra. Foucault é um pensador com uma riqueza de idéias muito grande, e deveríamos ter mais tempo para ficar discutindo essas idéias. Quatro encontros foi pouco".

Maria Cristina Basso Vely, graduada em História pela UCS e especialista em História Social da Cidade pela Unisinos.

"O evento foi muito bom, e a palestra do professor Giacóia foi excelente, porque contou com a participação dos alunos, proporcionando um encerramento bacana para evento. O *Ciclo* foi muito importante, pois me possibilitou uma atualização de Foucault, autor que utilizo há tempo nos estudos do Curso de Pós-Graduação em Direito, na questão da arqueologia do poder. A palestra que destaquei nesse evento foi a do professor Henrique Nardi. Michel Foucault é um autor de tamanha importância, porque se baseia em Nietzsche, que mudou o sentido da Filosofia. Assim como ele, Foucault é um diagnosticador da realidade. Seu pensamento nos auxilia na vivência diária das instituições e em fenômenos como o Direito".

Diego Viola Marty, graduado em Direito, especialista em Direito Penal e Economia pela Unisinos e mestrando em Direito na Unisinos.

Era Vargas em Questão

Por ocasião do cinquentenário da morte de Getúlio Vargas, surge a necessidade de debater o legado da Era Vargas. O Instituto Humanitas Unisinos, em parceria com o Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos, promove o *Seminário Nacional Era Vargas em Questão*. O evento se realizará de 23 a 25 de agosto de 2004 na Unisinos e tem como objetivo analisar criticamente a Era Vargas; refletir sobre o seu significado para o desenvolvimento socioeconômico brasileiro; e descrever os principais aspectos econômicos, sociais, educacionais, políticos e culturais da Era Vargas. O Seminário é dirigido à comunidade acadêmica da Unisinos e das escolas de Ensino Médio da região metropolitana de Porto Alegre. Será fornecido certificado de participação aos inscritos, que deverão pagar a taxa de R\$ 50,00.

Paralelamente às conferências e oficinas do evento, ocorrerá a *Exposição Era Vargas em Questão*, de 23 de agosto a 22 de setembro de 2004, no Espaço Cultural do IHU, aberta à visitação.

Confira o programa sujeito a alterações:

23 de agosto

20h às 21h15min - Palestra: A Era Vargas: o seu impacto na história sociopolítica brasileira – Prof. Dr. Luiz Werneck Vianna – IUPERJ

Coordenador da mesa: Prof. Dr. Werner Altmann - Unisinos

21h15min às 22h - Debate

24 de agosto

9h às 10h15min – Era Vargas: seu contexto socioistórico, político e econômico – Prof. Dr. Marco Antonio Villa – UFSCAR

Coordenadora da mesa: Prof.^a Dr.^a Eloísa Capovilla da Luz Ramos - Unisinos

10h30min às 11h30min - Debate

14h às 17h – Oficinas:

OF001 Vargas e Perón: uma confluência no populismo e seu contraponto cardenista – Prof. Dr. Werner Altmann – Unisinos – Sala 1C108

OF002 A política educacional na Era Vargas – Prof.^a Dr.^a Berenice Corsetti – Unisinos– sala 1C109

OF003 A cultura na Era Vargas – Prof.^a Dr.^a Eloísa Capovilla da Luz Ramos – Unisinos– sala 1C110

OF004 Vargas, campo religioso brasileiro e identidade nacional – Prof. Dr. Artur Cesar Isaia – UFSC – sala 1C111

19h45min às 21h15min – O modelo econômico da Era Vargas: impactos na sociedade brasileira - Prof. Dr. Pedro Dutra Fonseca – UFRGS

Coordenadora da mesa: Prof.^a Dr.^a Berenice Corsetti - Unisinos

21h15min às 22h - Debate

25 de agosto

9h às 10h15min – O Movimento Operário na Era Vargas: o movimento sindical, as greves e os partidos políticos – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana - UNIRIO

Coordenador da mesa – Prof. Dr. Inácio Neutzling - Unisinos

10h30min às 11h30min - Debate

14h às 15h30min – Depoimentos
 Coordenador da mesa: Prof. MS Laurício Neumann - Unisinos
 14h às 14h30min - Lauro Hagemann
 14h30min às 15h - João Aveline
 15h às 15h30min - Debate

16h às 17h – Conferência: Getúlio Vargas e a revolução brasileira – Prof. Dr. Gilberto Vasconcellos - UFJF
 Coordenador da mesa: Prof. Dr. Nilton Mullet Pereira - Unisinos
 17h às 17h45min – Debate

20h às 21h15min - Conferência: Testemunho sobre o período Vargas – 1950-54 – Leonel de Moura Brizola – PDT (com o falecimento de Leonel Brizola, serão mudados o tema e a palestra)
 Coordenador da mesa: Prof. Dr. Werner Altmann - Unisinos
 21h15min às 22h – Debate

Estudando as Religiões e Encontro com líderes religiosos

O Programa Gestando o Diálogo Inter-Religioso e o Ecumenismo (GDIREC) do IHU promove, no início do mês de julho, dois eventos. No dia 7, a Igreja Episcopal Anglicana será objeto de estudo no evento *Estudando as Religiões*, que acontece das 17h às 18h30min, na sala 1G119 do IHU.

Já no próximo dia 8 de julho, o GDIREC organiza mais um *Encontro com líderes religiosos*, das 8h30min às 12h, na Sala do Conselho das Ciências Humanas da Unisinos.

IHU REPÓRTER



Giancarlo Medeiros Pereira

Ele aprendeu desde pequeno uma lição sobre a persistência. Duas frases regem sua vida: "toda pressa requer relativa calma"; e "faça sempre algo a mais". A primeira, ouvia da boca de seu avô, e a segunda, de seus pais. Esse é o professor Giancarlo Medeiros Pereira, coordenador do curso de Engenharia de Produção, que, na edição de hoje, nos conta sua história de vida.

Origens - Nasci em Gravataí, que, na época, ainda era uma cidade agrícola. Minha família era toda de empresários, principalmente meu pai e meu avô materno, com quem convivi bastante. Mas eram empresas típicas de cidades do interior, como a do meu pai, que era de indústria de alimentos. Tenho dois irmãos mais novos. Meu irmão do meio mora na Alemanha e ensina português para alemães que querem vir para o Brasil. Meu irmão mais novo é executivo de uma multinacional, em Porto Alegre. Minha mãe era professora.

Experiência de infância - Quando criança, tive um problema de saúde muito sério. Minha mãe fez uma promessa e durante mais de um ano eu vinha todo final de semana na missa no Santuário do Padre Reus. Não foi um período fácil. A empresa do meu pai teve algumas crises.

Então eu convivi muito com a luta contra as dificuldades e como administrá-las. Aprendi como lidar com a instabilidade do mercado, em que uma hora a empresa está bem e outra está mal. Meu pai e minha mãe costumavam repetir: "a coisa vai melhorar, tenha fé". Foi uma lição de persistência na minha vida.

Formação - Estudei o primeiro e o segundo grau no Colégio Dom Feliciano, em Gravataí. Era um colégio particular que meu avô ajudou a fundar, lutando pelo estudo misto, pois só existiam colégios para meninos. Ele ainda não tinha filhos na época. Mais tarde, a filha dele, minha mãe, estudou lá, eu estudei e hoje meus filhos também. Concluído o segundo grau, matriculei-me na UFRGS para o vestibular em Administração de Empresas. Nesse tempo, a empresa do meu pai foi vendida. Aí mudei meus planos e fiz vestibular para Engenharia Mecânica na PUC. Depois de ter cursado um semestre na PUC, em 1981, ouvi falar muito bem da Unisinos por membros de indústrias metalúrgicas que estavam chegando a Gravataí. Fiz vestibular para o mesmo curso e iniciei aqui na Unisinos. Mesmo assim, nunca perdi o gosto pela Administração e descobri que o Engenheiro de Produção é um híbrido, é um "transgênico". Tem um pouco de Engenharia e um pouco de Administração. Apareceu, então, o Mestrado em Engenharia de Produção da UFRGS. Formei-me na segunda turma e, desde a primeira semana de aula, me identifiquei e vi que esse era meu caminho. Em 1999, ingressei no doutorado em Engenharia de Produção na USP. Em dois anos e meio, terminei o curso, num recorde da escola paulista. Credito essa rapidez a meu orientador, Prof. Israel Brunstein, o qual era bastante rígido quanto a prazos e rigores acadêmicos, ao mesmo tempo em que foi flexível ao permitir que eu fizesse uma tese que se encaixava em meus anseios pessoais. Nesse contexto, redigir a tese foi um grande prazer.

Profissão - Ainda durante a graduação, comecei a trabalhar numa multinacional alemã em Gravataí onde fiquei durante seis anos. Lá eu era assessor técnico da Diretoria. Eu era responsável pelo parecer técnico em negociações de centenas de milhares de dólares. Depois disso, um grupo de alemães me convidou para ser gerente na América do Sul de uma consultoria alemã. Eu era responsável pela parte de Manufatura Assistida por Computador. Naquela época, não existia isso e eu adorava desafios. Em 1987, um ano depois de me formar na graduação, fui convidado para dar aula na Unisinos. Os alunos queriam muito que se investisse em automação na Universidade. Minhas horas foram aumentadas e começamos a montar os laboratórios e a contratar um grupo de profissionais que pudesse prestar um serviço de qualidade aos alunos. Hoje, 14 anos depois, temos excelentes equipamentos, bem como profissionais dedicados e competentes, fato esse que só nos traz elogios por parte dos alunos.

Mudando as leis - Quando eu entrei na Unisinos, os cursos de Engenharia Mecânica e Engenharia de Produção eram muito parecidos. Eles haviam sido montados com base em uma lei de 1976, totalmente obsoleta. Para mudar a situação, era preciso primeiro mudar a lei. A partir de 1994, comecei a participar das comissões da Associação Brasileira de Engenharia de Produção. Durante 5 anos, participei de todos os congressos, sendo mais um na luta pelo rumo próprio da Engenharia de Produção. Em Natal, em 1999, conseguimos aprovar o documento que consistia no divórcio da Engenharia de Produção das engenharias tradicionais. Orgulho-me muito de ter participado disso. De posse das novas orientações da comunidade acadêmica nacional, fizemos, então, uma reformulação no currículo do curso. Foi um verdadeiro "cavalode-pau", a cirurgia mais profunda que já fiz em toda a minha vida. A partir daí, assumi a coordenação executiva do curso de Engenharia de Produção, depois de ter trabalhado um bom tempo na coordenação adjunta do curso de Engenharia Mecânica. O resultado desse processo

é que conseguimos estancar a grande evasão que o curso tinha. Na época, para cada 20 ou 25 aprovados no vestibular, um chegava ao final do curso. Hoje, passados apenas 5 anos da mudança curricular, temos para cada 4 ou 5 ingressantes um formando. E o que é mais importante, um formando satisfeito com sua opção pela Unisinos. As lições auferidas no citado processo me são muito úteis em minhas participações na FIERGS e nas associações empresariais do setor calçadista.

Coordenação de curso - O que mais me agrada nesse trabalho é harmonizar o trabalho entre os professores que vêm das correntes da administração e das correntes da engenharia, para que se aceitem e se completem no trabalho com os alunos. Além disso, o fato de ter selecionado uma equipe docente altamente qualificada muito me orgulha. Sou um felizardo por poder contar com tantos talentos. Quanto ao aluno, bem o aluno quer ser aceito e entendido. Sextas-feiras à noite, minha sala esta sempre cheia de alunos de diversos níveis do curso, e até, de alunos já formados pela Instituição. Nesses momentos, além de tentar ajudá-los em seus problemas, aproveito para sondar a percepção dos mesmos acerca da qualidade do curso. Isso é muito interessante.

Família - Eu tive algumas namoradas, mas a primeira namorada que foi à minha casa foi com quem casei. Eu e a Rejane estamos juntos há 15 anos. Ela é maravilhosa. Temos dois filhos, o Giuseppe, de 14 anos, e o Tarcísio, de 12. Um ótimo exercício para aprimorar minhas atividades de coordenador de curso é ser pai de pré-adolescentes. Você aprende que são as palavras que movem o mundo. É complicado ensinar aos meus filhos que a vida não é fácil, que é preciso ser persistente e, ao mesmo tempo, flexível.

Autor - Luís Fernando Veríssimo.

Livro - *Rumo à cultura*, de L. Riboulet. Meu avô ganhou esse livro de um padre, que era amigo dele, e depois me deu.

Filme - *Tróia*, de Wolfgang Petersen, pela forma como os líderes guerreiros argumentam. Comparei com a maneira dos executivos agirem.

Um presente - Qualquer um, desde que dado de coração. Gosto muito de cartões, desde que contenham palavras manuscritas por aquele que os oferece.

Nas horas livres - Passear com a família e escrever. Adoro viajar de carro. Tenho dois livros (*Profissão: A Hora da decisão* que escrevi para minha sobrinha e *Persuasão: As melhores práticas executivas*, o qual fundamenta minhas aulas no MBA.) Além disso, estou começando a escrever artigos para uma revista de São Paulo.

Um sonho – No plano pessoal, meu sonho é ver meus filhos felizes e realizados, tendo encontrado o caminho certo. No plano profissional, sonho em viabilizar a abertura do Mestrado em Engenharia de Produção na Unisinos. Precisamos urgentemente disso, porque é uma lacuna a ser preenchida. A UFRGS rejeita cerca de 100 alunos a cada ano. Além disso, o Mestrado nos diferenciará positivamente das outras Instituições que oferecem cursos de EP.

Momentos marcantes - As conversas que eu tinha com meu avô materno, quando ele costumava dizer "toda pressa requer relativa calma".

Unisinos - Uma instituição que representa hoje muito mais do que qualquer um pode imaginar. Às vezes, não nos damos conta do papel que a Unisinos tem na sociedade e o quanto a mesma espera de nós. Com efeito, a maioria dos estudantes dessa casa têm, na educação, a única opção para a concretização do sonho de uma vida mais digna. Isso aumenta, e muito, nossa responsabilidade.

IHU - O Instituto Humanitas tem o papel de nos fazer refletir sobre nós mesmos, sobre o mundo que nos cerca e sobre as posições que estamos adotando. Isso faz parte da missão da Unisinos.

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU –, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@bage.unisinos.br). Coordenadora Adjunta: Profª MS Vera Regina Schmitz (verasc@poa.unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó (soniam@bage.unisinos.br), Pedro Luiz S. Osório (osorio@bage.unisinos.br) Mtb 4579, e Graziela Wolfart (graziela@poa.unisinos.br). Revisão: Profª Mardilê Friedrich Fabre (mardile@centauro.unisinos.br). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2ªs feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula na Unisinos. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuinfo@poa.unisinos.br . Fone: 51 5903333 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: humanitas@poa.unisinos.br . Ramais: 1173 e 1195.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS